



~~Sala 6~~
~~Est. 12~~
~~Tab. 9~~
~~N.º 14~~



NOVO MANUAL

DE

THERAPEUTICA DOSIMETRICA

Paris le 25 Setember 1877.

MESSIEURS HENRIQUE JOSÉ PINTO & C.^a

Largo dos Loyos, 36—PORTO.

Chers Collègues et Amis.

Nous avons l'honneur de vous autoriser à traduire les œuvres du Grand Maître, Dr. Burggraeve, en langue portugaise où vous pourrez ajouter, votre nom comme notre seul agent général pour nos médicaments dosimétriques.

CH. CHANTEAUD.

PORTO
IMPRESA COMMERCIAL
DE SANTOS CORRÊA & MATHIAS

16—Rua dos Lavadouros—16

—
1877

INV.- Nº 2447



NOVO MANUAL
DE
THERAPEUTICA DOSIMETRICA

OU
TRATAMENTO DAS DOENÇAS PELOS MEDICAMENTOS SIMPLES

COMPREHENDENDO

A SYMPTOMATOLOGIA, A THERMOMETRIA
E A UROLOGIA

COM QUADROS SYNOPTICOS RESUMINDO OS FACTOS PRINCIPAES DA CLINICA

OBRA PARTICULARMENTE DESTINADA AOS PRACTICOS

PELO

DOUTOR BURGGRAEVE

PROFESSOR JURILADO DA UNIVERSIDADE DE GAND
AUTHOR DO NOVO METHODO DOSIMETRICO, ETC., ETC.

E

TRADUZIDO PELO MEDICO-ESPECIALISTA

OLIVEIRA CASTRO

Distincto e premiado nos cursos superiores

DIRECTOR

DO CONSULTORIO DOSIMETRICO DO PORTO



PORTO

Pharmacia de Henrique José Pinto & C.^a—Largo dos Loyós, 36

1877



HC
MUL
616
BVK

NOVO MANUAL

DE

THERAPEUTICA DOSIMETRICA

« Il ne faut pas s'arrêter au mot:
« *Médecine dosimétrique*, qui pourrait
« donner l'idée d'une réforme générale. Il y a en, par exemple, une
« médecine physiologique; il y a une
« *méthode dosimétrique*. Ainsi ramenée
« à ses proportions, l'œuvre du professeur de Gand reste considérable. »

MARCHAL (de Calvi).

« La médecine actuelle a dévié de
« ses voies naturelles; elle a perdu son
« noble but: celui de guérir ou de soulager. La thérapeutique est rejetée
« sur le dernier plan. Sans thérapeutique cependant le médecin n'est
« plus qu'un inutile naturaliste, passant sa vie à reconnaître à classer,
« à dessiner les maladies de l'homme.
« C'est la thérapeutique qui élève et
« ennoblit notre art; par elle seule il
« a un but; et j'ajoute que par elle
« seule cet art peut devenir une science. »

AMÉDÉE LATOUR.
(*Union médicale.*)

« Si on veut de la thérapeutique *vraie*, il faut agir vivement. Il y aurait
« dans ce sens toute une révolution à faire; mais il n'y a pas de révolution possible en thérapeutique, *parce que la thérapeutique n'existe pas.* »

CL. BERNARD (*Leçons orales au Collège de France.*)

PREFACIO DO TRADUCTOR



Não ha deveres mais difficeis de cumprir do que aquelles que cabem ao medico. Elle tem a obrigação imprescriptivel de pesar na balança da sua consciencia e de ponderar com o criterio das suas faculdades intellectuaes o que ha de bom e mau, de aproveitavel, indifferente e nocivo em tudo o que apparece de novo com respeito á sua arte.

Para isto é mister conhecer essas novidades, e para esse conhecimento—estudo, e para o estudo—tempo. Comprehende-se facilmente que, sendo tantos e tam operosos os obreiros da sciencia, e apparecendo de continuo, quer ideias, quer factos, que veem a luz pela primeira vez, não haja ocios para o medico. Depois do trabalho fatigador da clinica diaria, as lucubrações profundas do philosopho no seu gabinete.

Se ao apparecer a doutrina de Broussais, os medicos tivessem aprofundado mais as consequencias ine-

vitaveis dos principios da medicina physiologica, talvez a geração actual não estivesse tam enfezada, e arriscada a sociedade do seculo por vir ao desgosto de ver finir os seus membros mais esperançosos após cinco lustros d'existencia.

Bem sabemos que as condições de viabilidade e de longevidade se vão pouco e pouco restringindo até chegar uma epoca em que o *reino hominal* só existirá no estado fossil. Sabemos que já houve tempos em que a Inglaterra esteve coberta da vegetação luxuriante e pomposa que hoje vemos só nas regiões equatoriaes. Sabemos que as terras circumpolares foram ha milhares d'annos habitadas por vegetaes e animaes cuja organização lhes não consentia viver entre gelos permanentes, e que então seria tão risonha e amena uma viagem a essas, hoje funebres, regiões, quanto n'este seculo é ouriçada de perigos, e custosa de vidas e fazenda, a exploração d'esse cadaver do nosso planeta. Sabemos em summa, que o calor terrestre vai lenta, mas progressivamente, fugindo dos extremos da terra para se concentrar no amago d'ella. É um velho a quem vão esfriando os membros até que se lhe regele tambem o coração. Agonia bem vagarosa a que soffre o nosso globo, mas que será fatalmente seguida de morte total.

Quereis attribuir a degradação physica dos individuos da actual geração a estas influencias cosmicas ou telluricas? Não o creio porque estas tem uma acção tam tenue e insensivel, que nós, os vivos de hoje, não seríamos capazes de reconhecer a superioridade or-

ganica de nossos avós, os vivos de hontem. Estas diferenças e modificações nas obras da natureza, ou se fazem em um momento de tremendo cataclismo, ou só se operam com o decorrer de muitas dezenas de seculos.

Quereis a razão verdadeira da depreciação physica da geração vivente? Perguntai-o a Broussais. Quereis saber porque no vigor da idade vos sentis consumir em uma febre hectica? Perguntai-o ainda a Broussais e aos medicos que tão levemente malbarataram as forças vivas da humanidade.

Uma reforma medica pode pois acarretar grandes bens e grandes males, não só para o presente mas ainda e sobretudo para o futuro. O medico, que irreflectidamente lançou mão de um systema de perniciosas consequencias, tem de responder perante os seus contemporaneos e perante todos os seus vindouros.

O que deixo dito ácerca do medico, que não julgou devidamente uma doutrina medica e a acceitou sem criterio, pode e deve applicar-se áquelle que despresou uma outra, fundamentada na razão e na verdade, sem a ter examinado e sem lhe calcular o alcance. Passou além por indiferença, por ignavia ou por acinte. Não quiz alterar os seus habitos, ou não sympathisou com o nome, ou tendo a sua doutrina como a melhor de todas, não podia admittir que alguma lhe fosse superior.

Este que assim practica é tanto, ou mais culpado que o primeiro;—este deixou-se seduzir pelas apparencias, áquelle persevera no erro porque tem olhos e não quer ver, tem ouvidos e não quer ouvir.

O medico novel, que acaba de completar os seus estudos, julga-se capaz de arcar com a morte. Cedo, porém, lhe vem o desengano descoraçoador de que a therapeutica galenica, alcança bem pouco longe, quando não concorre para peiorar o estado do doente. Todos os practicos o tem reconhecido; muitos o tem francamente confessado. E que é o medico sem therapeutica? É um soldado sem armas, uma náó sem vento, um canhão sem paiol. Quer curar e não sabe como; quer salvar não tem com que, a não valer-se das preparações polypharmaquicas—armas de dous gumes que tanto ferem a doença como o doente.

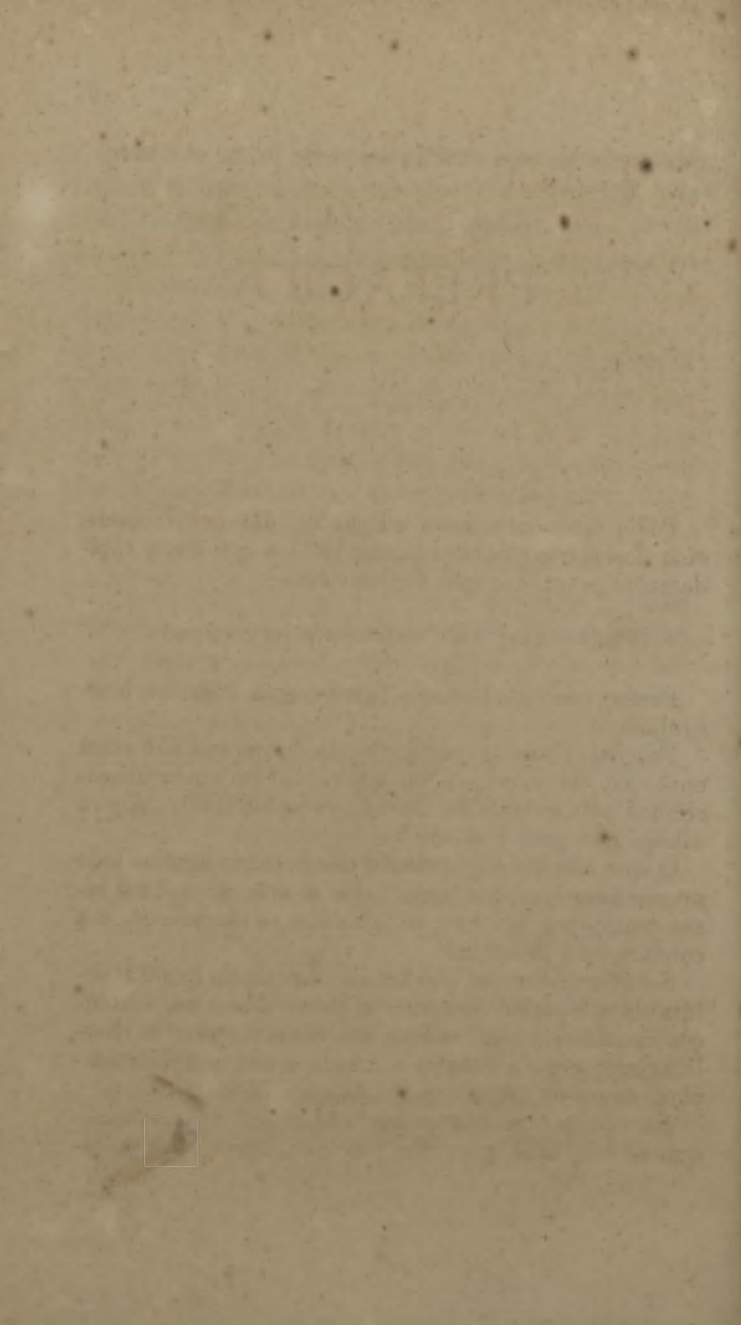
A reforma do Dr. Burggraeve vem felizmente tirar o medico d'embaraços, fornecendo-lhe ao mesmo tempo principios e substancias, leis e agentes, therapeutica e medicamentos. Não é, porém, d'estas utopias que fulgem um momento para volverem logo á obscuridade. Todos os principios fundamentaes, em que o Dr. Burggraeve baseia a sua therapeutica, são tão racionaes e evidentes, tão conformes com as indicações da natureza e com a observação dos factos, teem tanto de axiomatico e tam pouco de dogmatico que não ha medico nenhum que, ao tomar conhecimento d'esta importantissima reforma, não sinta renascer a esperança de poder practicar com consciencia do que faz, curando quando se pode curar, alliviando quando a molestia é de sj incuravel. Guiado pela dosimetria, elle chega ao termo da sua ardua carreira, conscio de que se não fez mais, é porque mais se não podia fazer.

Desejoso de contribuir para que a medicina portu-

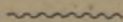
gueza abjure com conhecimento de causa as incertezas e hesitações da therapeutica official, resolvi traduzir este *novo manual*, tendo unicamente em vista a reproducção fiel do pensamento do author.

Outubro de 1877.

OLIVEIRA CASTRO.



PREFACIO



Podia fazer uma nova edição do *Manual de medicina dosimetrica* publicado em 1873 e que ficou rapidamente esgotado; mas Boileau disse:

Vingt fois sur le métier remettez votre ouvrage.

Preferi por isso tornar a fazer o meu trabalho integralmente.

Por outro lado as concepções da dosimetria não eram então tão claras como o são hoje; estavam ainda obscuras pela garrafa de tinta da polypharmacia. Agora sabe o que quer e aonde vai.

O que quer, é a jugulação das doenças agudas logo no seu começo, para fazer sahir a arte de curar d'esses tremedaes em que se afundam a segurança e a confiança no practico.

Será para admirar que ante a impotencia quasi absoluta da allopathia (e vemos a prova d'isso na abstenção da maioria dos medicos nos casos agudos) o charlatanismo erga a cabeça e invada o dominio da medicina, como os vaganáos dos campos de batalha?

Por causa das numerosas alterações de textura—que se não sabe prevenir por não haver uma thera-

peutica eficaz—a marcha da medicina tornou-se quasi impossivel, tão pesada é a bagagem anatomo-pathologica, que a escola organicista avoluma cada dia—como certos reis da India que iam á guerra com grande pompa de carros e que se deixavam derrotar pelo inimigo menos numeroso, mas mais desembaraçado que elles.

Hippocrates não conhecia este apparatus pseudo-scientifico; elle era vitalista. E' o que o faz considerar ainda hoje como o paé da medicina, ainda que esta data do berço da humanidade.

Desde o momento em que o homem se deu á observação da natureza, encontrou o remedio a par da molestia. Empregou primeiro os SIMPLES sem saber que estes conteem principios extractivos, como a rocha-matriz contém os metaes preciosos.

Em antes da descoberta da quina, os medicos curavam as febres intermittentes com plantas que vegetavam nos paúes,— a arvore do Peru habita do mesmo modo as regiões paludosas da America do Sul.

Hoje servimos-nos da quinina, e as sezões são muito mais rapidamente debelladas; nenhum medico ousaria abster-se d'ella.

Deve acontecer o mesmo com as febres continuas— que são abandonadas ao que chamam a força medica-triz da natureza, como se a natureza n'estas febres, da mesma maneira que nas intermittentes, podesse dispensar ajuda.

Veio-nos a ideia de jugular estas febres porque somos cirurgião. Vendo tantas operações, feitas nas melhores condições e com todo o cuidado necessario, fallar por causa da febre chamada *traumatica* (1), quize-

(1) Esta designação implica uma fatalidade que não existe, por isso que muitos accidentes, ou operações graves, passam sem febre, quando sabemos precatar-nos a tempo.

mos conjural-a e por uma mesma ordem de meios que a quinina, isto é, pelos *excito-motores* ou alcaloides.

E' em conformidade com o que deixamos dito que, no principio das inflammações, administramos o acido phosphorico e o sulfato de estrychnina, para prevenir a paralysis dos vasos.

O processo inflammatorio depende com effeito da estase do sangue nos tecidos irritados e da sua escandecencia: d'onde proveem productos de exsudação, de suppuração ou outros, aos quaes são devidas as heteromorphias, ou lesões anatomo-pathologicas.

Qualquer phlegmasia deve portanto ser prevenida pelos nervinos; eis um ponto importante que, para nós, domina toda a therapeutica das affecções agudas e sobre o qual assentamos o nosso systema dosimetrico.

Mas a febre, depois de ateiada, deve ser extincta pelos alcaloides defervescentes: aconitina, veratrina, digitalina. Para isso é necessario determinar-lhes exactamente as dozes.

Comprehende-se que a principio tivessemos de tentar. Os authores de *materia medica* tinham fixado doses maximas; isto é, que não podiam ser excedidas sem risco de envenenamento. Quizemos ficar com o animo assente a este respeito e começamos a experimentar na propria pessoa.

Tomamos a aconitina na dose de meio milligramma de cada vez e com intervallos determinados (um quarto de hora), e, tendo previamente examinado o calor e o pulso, pudémos verificar a que dose é mister elevar o remedio para chegar ao grau de saturação do organismo em que o pulso e o calor se deprimem abaixo da media physiologica.

D'estas experiencias tiramos a seguinte conclusão: que se, por exemplo, no estado apyretico é necessario chegar a quatro milligrammas, no estado pyretico é mister exceder esta dose tantas vezes mais, quantas o

pulso e o calor se teem elevado acima da media physiologica; por conseguinte, que, se para provocar um abaixamento de 2 graus no calor animal, são precisos dous milligrammas d'aconitina, para o abaixar quatro graus serão precisos dezeseis e algumas vezes mais—porque se deve contar com as idiosyncrasias, ou as impressionabilidades individuaes.

Os resultados clinicos confirmaram estes calculos, porque os nossos operados accomettidos de febre traumatica, com 40, 41.^o c. de calorico animal e o pulso a 120, depois de dez, algumas vezes vinte granulos d'aconitina dos de meio milligramma, dados um por um, com um quarto de hora ou meia hora de intervallo, viam a febre declinar, *fosse qual fosse a gravidade do accidente.*

Estava pois achada a primeira regra de dosimetria: «Que é necessario ir até effeito therapeutico ou curativo e com intervallos tanto menores, quanto a doença percorre com maior rapidez o seu periodo dynamico ou vital: isto é, que ás doenças agudas é mister oppor um tratamento agudo, e ás doenças chronicas um tratamento chronico.»

A segunda regra é a da *dominante* e da *variante* do tratamento; a primeira (a dominante) dirigindo-se á causa da molestia, a segunda (a variante) aos effeitos.

Concebe-se facilmente o motivo d'esta distincção. Conhecida uma vez a causa morbida o tratamento permanece o mesmo, não variando esta causa. E' assim que a syphylis constitucional reclama os iodados, o rheumatismo gottoso os alcalinos, por causa da acescencia dos humores; mas os effeitos d'estas doenças variam segundo os individuos e os systemas, ou orgãos, sobre os quaes elles dirigem a sua acção. Ha assim a combater já a dôr, já o espasmo, já exsudações ou hypersecreções. O proverbio: *Sublata causa tollitur effectus*, permanece sempre verdadeiro; mas entretanto

o individuo soffre e é mister allivial-o; ou então os tecidos desorganizam-se: eis a razão porque é necessario variar os remedios segundo a natureza das doenças.

Arguiu-se a medicina dosimetrica de ser puramente symptomatica; mas esta censura está longe de ter fundamento por isso que por um lado ella combate a causa e por outro é uma symptomatologia arrazoada; isto é, jogando com a anatomia, a physiologia e a pathologia.

Permitta-se-nos reproduzir aqui as linhas seguintes que o doutor Spring escreveu no prefacio da sua *Symptomatologia* ou *Tratado dos accidentes morbidos* — livro que os medicos nunca deveriam cansar-se de meditar:

«Ha muito que pesa sobre a symptomatologia uma especie de desfavor, que, se se não pode justificar, ao menos explica-se pela tendencia que é propria á medicina hodierna.

«Com effeito, á força de concentrar a attenção sobre as lesões anatomicas, temo'-nos habituado a considerar as alterações das funcções como reflexos insignificantes, variaveis e incertos. Além d'isto, como era justamente contra a medicina chamada *symptomatica* que havia a lutar, era natural que o estudo dos symptommas fosse com ella abrangido em commum reprovação.

«E todavia, por mais sincera que seja a admiração que se professe pelos progressos realisados por influencia dos trabalhos anatomicos, microscopicos e chimicos; por mais convencido que se esteja da insufficiencia d'um diagnostico e d'uma therapeutica puramente symptomaticos, nem por isso deixa de ser verdade, que estas alterações funcçionaes ficam sendo o objecto principal e a preocupação do medico e do enfermo.

«Infelizmente é rarissimo curar ⁽¹⁾ em quanto que é sempre urgente alliviar. A dôr, o espasmo, a paraly-sia, todas as doenças dos nervos, serão conhecidas, mesmo pela medicina rigorosamsnte scientifica, a não ser como accidentes puramente funcionaes?

«E nas molestias chronicas, na maior parte *incura-veis*, que resta fazer, mesmo ao mais sabio dos medi-cos, senão procurar e satisfazer as indicações sympto-maticas?

«Não fallo dos obstaculos que, na practica quotidiana, tantas vezes se oppoem á exploração completa e methodica dos orgãos e por conseguinte á formação d'um diagnostico certo da lesão.

«Emfim, precisarei de demonstrar quanto o diagnos-tico *racional* prévio, appoiando-se exclusivamente so-bre os symptomas, facilita, em todos os casos, o dia-gnostico material e physico?»

(1) Deve-se registrar esta confissão d'um medico tão sabio co-mo Spring. E' porque, convem dizel-o, elle não era therapeuta, assim como o não são em geral os allopathas. Elle foi uma das victimas d'este nihilismo, quando salteado de uma febre aguda, nada souberam fazer para a cortar. Tinhamos por differentes vezes feito varias tentativas para o alistar no nosso systema, mas sempre nos oppoz o *non possumus!* isto é: «não podemos des-ligar-nos dos nossos erros». Mais valia dizer: «Morra antes a humanidade que o principio». Na nossa enfermaria, vê-se todos os dias a medicina dosimetrica em serviço e o *Reportorio de therapeutica* em um dos seus ultimos numeros (junho de 1876) deu uma estatistica que fecha com 0 mortos; e todavia no computo entram casos gravissimos. Os medicos dos hospi-taes não deverão demorar-se em tomar este caminho em que ha economia de tempo e de dinheiro, sem contar a fortuna das curas. As administrações hospitalares, não tem em verdade que se entremetter nos tratamentos dos medicos, mas estes tambem não deveriam ser considerados como omnipotentes, a ponto de ser infalliveis.—Basta que assim seja nas cousas es-pirituaes.

Nós iremos mais longe do que o professor que a Universidade de Liège perdeu é, com elle, um dos seus mais brilhantes luminares (1): Este diagnostico *material*, ou physico, já não tem valor algum quando a lesão organica está estabelecida, a não ser para provar *que já nada se pode fazer*.

Exceptuamos os casos cirurgicos, em que se precisa d'um tratamento physico e material (já que é esta palavra a que arrojam sempre á cabeça do medico—que, não obstante, tem mais de contar *com as forças*); mas mesmo então trata-se de apreciar os symptomas, isto é, a vitalidade.

Vamos explicar-nos.

Não é fazer tratamento aos symptomas o oppor-lhes sempre quer *contrarios*, quer *similhantes*. E' n'isso que peccam ao mesmo tempo allopathas e homœopathas. (2)

Em medicina dosimetrica não se seguem os symptomas; interpretam-se para satisfazer os votos da natureza.

Um symptoma é sempre uma cousa ao mesmo tempo desordenada e antiphysiologica, que é mister fazer cessar o mais breve possivel, para restabelecer o estado

(1) Um dos meritos da Belgica é não ser exclusivista. A nacionalidade é um sentimento louvavel, mas quando não é mesquinho. A Belgica—deve-se-lhe esta justiça—acolhe todos os merecimentos sem se importar d'onde veem. Outr'ora mandava os sabios para o estrangeiro; Vesale, Dodonné, Van Helmont, não eram, sem duvida, talentos mediocres. O que o estrangeiro hoje lhe dá, não é mais do que o pagamento d'uma divida outr'ora contrahida por elle.

(2) Para a medicina é uma desgraça o ter-se arvorado em systemas. Que diriam d'aquelle que quizesse reformar as leis do systema planetario? O genio do homem é bem apoucado quando pretende substituir-se á natureza.

normal. Um individuo soffre d'uma violenta colica intestinal—um *miserere* —: será sempre pelos opiados que se hade alliviar? Augmentar-se-ha, pelo contrario, se, como muitas vezes acontece, houver paralysisia. N'este caso é á estrychnina que de preferencia se deve recorrer. Ora, perguntamos, quem nos deve guiar aqui? A experimentação clinica. E' por esta razão que o professor Spring diz ainda:

«O methodo physiologico foi poderoso para derrubar erros seculares; poz a descoberto uma multidão de doutrinas pathologicas; mas por outro lado devemos concordar em que *até hoje pouco edificou*.

«A physiologia—como a phisica e a chimica—quando se transporta ao campo da medicina, é irresistivel a respeito dos factos simples; mas em clinica trata-se quasi exclusivamente de factos complexos. O papel das sciencias puras reduz-se então quasi sempre a propor problemas e a fazer promessas para o futuro.

«Quantos homens de talento vimos succumbir sem proveito, em busca do que se poderia chamar a medicina do futuro!

«Não é aliás verdade que os physiologistas se assimelham aos systematistas, dos quaes a medicina hodierna aprendeu a desconfiar?

«Falle-se d'uma formula physiologica, ou d'uma doutrina geral qualquer: quer n'um, quer n'outro caso arriscamo'-nos a transfigurar os factos, a algemar a observação e a forçar as conclusões.

«A verdadeira medicina é ainda hoje a de Hippocrates, de Sydenham, de Stoll: a medicina que se mantem no vasto terreno da observação e não obedece nem aos systemas, nem ás theorias.

«Para tornar a observação mais completa e mais fiel, acceita reconhecida o concurso que as sciencias phisicas e naturaes possam prestar-lhe; para a gene-

realisação acceita os seus decretos; no seu caminhar procura constantemente appropinquar-se d'ellas, mas nunca perde de vista que os seus merecimentos proprios são verdades collectivas e por desbistar». (Obra citada).

Não poderíamos exprimir melhor a feição da medicina dosimetrica, que «se mantem no vasto terreno da observação clinica e não obedece, nem aos systemas, nem ás theorias.»

E' assim que a observação clinica ensina a reconhecer a asthenia na esthenia; em logar de deixar esgotar as forças vitaes pela inacção, ou por uma medicação debilitadora, diz, pelo contrario, que é preciso fortifical-as pelos excito-motores. A gloria do methodo dosimetrico será o ter inscripto a estrychnina (arseniato, sulfato) á frente dos meios antiphlogisticos; de ter ensinado a fazer uso dos alcaloides defervescentes (aconitina, veratrina, etc.) em doses pequenas, e repetidas até effeito curador, ou therapeutico; de se ter servido dos agentes simples como de uma pedra de toque para reconhecer o verdadeiro character das doenças (1).

Taes são os principios que se hão de encontrar n'este novo Manual, em quanto não podemos terminar o trabalho de longo tiro que nos propomos publicar se conservarmos até então força e saude. Em quanto ao plano que seguimos, eil-o:

A. Occupamo'-nos primeiro das doenças esthenicas, nas quaes fizemos ver que existe sempre asthenia, como

(1) Exprobraram á medicina as apalpadellas.

E' isso uma prova de siso e prudencia. Se a doença é no maior numero de casos um inimigo occulto, deveremos proceder á força de pulso, como o cego de que falla Barthez, que bate no redor de si com um pao, muito feliz se acertar só na doença?

no estado propriamente physiologico: assim é que, quando o estomago sente fome, irrita-se, injecta-se e chegaria a inflamar-se se a esta necessidade se não satisfizesse com alimentos.

Dir-se-ha n'este caso que ha antes esthenia que asthenia? E' este o caso das febres em geral, que reclamam *todas*, no principio, o emprego dos *excito-motores*. Quando este principio for bem comprehendido, ver-se-ha a medicina reverdecer como um campo desafogado de ruins hervas. As congestões não se esquivam a esta lei geral; nem mesmo as inflammções. E' por esta razão que estudamos sob este ponto de vista estas tres ordens de doenças;

B. Occupamo'-nos em seguida das diatheses, ou vicios de nutrição, reduzindo-as a alterações de vitalidade e não a uma vã iatro-chimica;

C. Insistimos particularmente sobre a thermometria. O thermometro é com effeito o manometro do medico, por isso que por meio d'elle reconhece o grau de pressão intra-vascular.

O thermometro indica-lhe quando deve dar excito-motores para cortar a febre e prevenir assim as doenças organicas frequentes vezes mortaes.

Por este motivo reproduzimos as leis formuladas por Wunderlich, cujos trabalhos thermometricos abriram ao medico um caminho seguro para reconhecer a natureza esthenica ou asthenica das doenças. Já não ha portanto azo para dizer:

Devine si tu peux et choisis si tu l'oses,

que tornava o medico tão perplexo e que foi motivo de tantas discussões — infelizmente sobre o sepulchro dos doentes —; o medico hoje tem guia seguro na thermometria;

D. Consagramos por fim um extenso capitulo á urologia, que constitue actualmente um elemento seguro de diagnostico. Os antigos tinham d'isto consciencia; mas faltava-lhes a sciencia para averiguar a natureza dos sedimentos. Deviam limitar-se exclusivamente aos caracteres physicos, de torvação, ou limpidez. Reconhece-se hoje o estado do sangue pelas urinas e portanto as doenças que d'ahi podem resultar. Era pois necessario chamar para este ponto a attenção dos practicos.

Havia outr'ora a *uromancia* como havia a *chiro-mancia*: pretendia-se ler nas urinas como nas linhas da palma da mão. O que havia de mais claro era o dinheiro que este charlatanismo agenciava. Não assim com a urologia, sciencia seria, baseiada ao mesmo tempo na chimica e na physiologia.

Eis o plano do novo Manual que offerecemos aos adeptos do nosso methodo, agradecendo-lhes o terem entrado n'este caminho sem opinião antecipada e principalmente sem má vergonha—porque, o que detem ainda muitos medicos, é o receio de abjurar o passado. A estes diremos, que não ha vergonha em seguir o progresso.

Julho de 1876.

D.^f BURGGRAEVE.



DO TRATAMENTO DOSIMETRICO

DAS DOENÇAS AGUDAS

Para precisar bem este tratamento distinguiremos as doenças em *vitales* e em *organicas*, ou *anatomo-pathologicas*.

E' no seu periodo primario, ou *dynamico*, que devem ser juguladas as doenças.

A escola anatomo-pathologica não fazendo nada para este resultado, deixou que se estabelecesse uma multidão de lesões materiaes, as quaes desapparecerão, temos essa convicção, do quadro nosologico quando forem comprehendidas estas palavras do doutor Amédée Latour, que tomamos para epigraphe do nosso livro, e que constituem a condemnação mais formal da escola organicista:

« A medicina actual extraviou-se do seu natural caminho; perdeu de vista o seu nobre escopo, o de alliviar, ou curar. A therapeutica fica despresada no ultimo plano. Todavia sem therapeutica, o medico não é mais que um inutil naturalista, gastando o seu tempo a reconhecer, a classificar, a desenhar as doenças do homem. E' a therapeutica que eleva e nobilita a

«nossa arte: só por ella tem um fim; e accrescento que «só por ella esta arte pode tornar-se uma sciencia».
(*União medica.*)

E' forçoso reconhecer que, em antes da dosimetria, a jugulação das doenças agudas só era admittida para as febres intermittentes — nas quaes se emprega a quinina e os seus diversos saes—; a dosimetria veio provar que acontece o mesmo com as febres continuas e remittentes, servindo-se de uma mesma especie de agentes—os alcaloides.

E' verdade o que se diz de Hahnemann ter entrevisto esta possibilidade, pela sua lei dos semelhantes; mas afora a inconstancia d'esta lei, elle desceu tanto nas doses, que foi cahir no mythicismo. Sem este inconveniente, que os seus partidarios ainda exaggeraram mais, talvez lhe tivesse cabido a honra da reforma da therapeutica. Ninguem lhe contestará pelo menos, o ter aberto caminho á pharmacodynamia, por isso que até então se tinha andado ás cegas nos barrancos do empirismo. Demonstrando que o *Aconitum*, o *Veratrum* fazem cahir a febre, tão bem como a sangria, Hahnemann prestou um grande serviço aos medicos e aos doentes: aos primeiros — tornando-os mais certos das suas curas; aos segundos — poupando-lhes o travor dos remedios. Elle preparou assim a exaltação da dosimetria, vibrando a primeira machadada na brenha dos codigos officiaes.

A dosimetria emprega remedios d'acção a um tempo certa, rapida e agradavel, conforme o preceito de Celso em cirurgia: «*Tuto, cito, jucunde.*» Não pode

portanto haver pretexto para que o medico se recuse a adoptar este methodo. O medico é o ministro da natureza, *naturæ minister*, (e não *magister*, como alguns querem) e por isso deve satisfazel-a em todos os seus votos: ora, é empecer-lhe os votos o enfraquecer o organismo quando elle faz todos os esforços para repellir o agente morbido.

Dous novadores—ainda dos nossos dias—se tem encontrado em presença: Brown e Broussais. — Qual tinha e qual não tinha razão?—Nós responderemos: tanto um como outro. Todavia Brown melhor do que Broussais, comprehendeu a natureza, por isso que por detraz da esthenia, elle entreviu a asthenia. Mas os seus meios eram grosseiros: em logar de incitar, excitou ⁽¹⁾; quer dizer, que a uma irritação só soube oppor uma nova irritação. Se, em logar dos medicamentos incendiarios da allopathia, elle tivesse tido á sua disposição os alcaloides defervescentes, a humanidade enferma teria evitado grandes desastres.

(1) Esta distincção entre a incitação e a excitação vitaes, ainda que aparentemente especiosa e com ares de paradoxo, é importantissima para a practica. E' evidente que quando excitamos, isto é, irritamos os tecidos, ou os orgãos, elles se enfraquecem. Diminue-se conjunctamente a somma de vitalidade geral. Por isso Brown e os seus discipulos, dando os estimulantes diffusiveis, augmentavam a adynamia. E' o que Broussais lhes exprobroou com razão. Mas este medico fez mal tambem em ver em tudo a esthenia. Ha irritação e portanto dispendio exaggerado de forças vitaes. E' mister pois, restabelecer-lhes o equilibrio, isto é, proporcionar a defeza ao ataque. Quando estas ideias forem bem comprehendidas, não haverá mais febres, nem inflammações no sentido em que os organicistas as tomam.

E' o que a dosimetria faz, e essa é a sua força. E' isso mesmo o que fez com que ella fosse adoptada por todos os medicos conscienciosos, fora das concepções da escola que, prégando exclusivamente o organicismo, se affasta cada vez mais da doutrina d'Hippocrates, isto é, do vitalismo.

O que é a vida? Bichat disse que é a resistencia á morte—e arguiu-se esta definição por resolver uma por outra incognita. E, entretanto, eis tudo o que se pode dizer. Quando uma fortaleza está sitiada e que o inimigo tenta abrir brecha em um ponto das suas fortificações, os defensores fazem quanto podem para a reforçar: por traz das trincheiras que já existem elles elevam outras. Assim procede a natureza: ella fortifica os pontos acommettidos dobrando, triplicando a resistencia vital. Broussais, por conseguinte, pensou mal vendo em tudo materia para sangrias, assim como Brown incendiando as fontes vivas do organismo doente.

Dito isto, podemos encetar o nosso assumpto.

Tratamento dosimetrico das febres

Uma das manifestações da vida é o calorico proprio. Quando este calorico diminue, é a doença; — quando desaparece, é a morte; — quando augmenta, é o esgotamento vital. — Para continuar com a comparação de ha pouco, é como as praças de guerra, que ao mesmo tempo que se defendem com energia, esgotam as suas munições.

Sabe-se hoje que o calorico animal está sob a dependencia do systema nervoso vaso-motor; todas as causas, que tendem a travar a acção d'este ultimo, produzem a febre.

Ora, entre estas causas, ha umas mais deprimentes que as outras; ha até algumas que aniquilam completamente a caloricidade, ou a acção dos nervos vaso-motores.

FEBRES MIASMATICAS ALGIDAS.—FEBRES PALUSTRES PERNICIOSAS.—CHOLERA INDIANO

Torti chamou *febre algida* á febre intermittente perniciosa na qual o estadio de frio se prolonga durante a maior parte do accesso.

E' uma sideração nervosa em que a reacção não pode fazer-se, ou é insufficiente.

A febre é chamada *insidiosa* quando toma a forma d'outra doença, conforme o orgão, ou o apparelho organico em que se localisa.

No começo da nossa carreira medica, em 1826, sendo interno no hospital civil de Gand, tivemos occasião de observar uma epidemia de febre perniciosa, revestindo todas as formas. Esta febre de natureza miasmatica tinha sido determinada pela cava de um canal até ao mar, atravez de pantanos seculares. Entre os doentes que foram trazidos ao hospital civil, uns estavam sem sentidos, em um estado apoplectiforme, ou comatoso, outros deliravam, outros escarravam sangue; outros apresentavam os symptomas da pleurite, da pulmonite, etc. e, acabado o accesso, todos estes symptomas desapareciam. Só o pulso e o calor é que podiam pôr-nos na pista do diagnostico da natureza da affecção; elle estava effectivamente muito depressivel e accelerado. No periodo de reacção o calor elevava-se a 41.º c. Dado a tempo, o sulfato de quinina prevenia o accesso seguinte e salvava os doentes. Todos aquelles para os quaes não houve esta precaução, succumbiram. A autopsia mostrou os orgãos congestionados de sangue venoso, mas em parte nenhuma productos inflammatorios: nem d'exsudação, nem de suppuração.

*febre
algidas* O arseniato de quinina opera maravilhas nas febres algidas, com a strychnina, a aconitina e a veratrina.

Um granulo de cada substancia, de meia em meia hora, passado o periodo de frio, isto é, quando a absorpção fica livre.

Dando estes medicamentos durante o periodo de calor secco, abrevia-se a sua duração e impedem-se as congestões.

O estado algido consiste em uma paralysisia dos nervos vaso-motores; é por isso que a strychnina, principalmente o arseniato, deve ser empregada. A aconi-

tina e a veratrina operam como defervescentes, e a quinina como antiperiodico.

Cholera Indiano

A febre algida de 1826 foi precursora do cholera indiano; effectivamente em 1832, o flagello vinha aboletar-se no nosso paiz depois de ter atravessado a Russia de Leste para Oeste, demorando-se successivamente em Moscow, S. Petersburgo, Varsovia, para chegar ao Rheno por Breslau e Berlim.

Notamos este itinerario para provar que o cholera é uma affecção miasmatica, cujos germens se dispersam ao longe e seguem uma marcha determinada, como já foi observado em cada uma das epidemias.

A doença annuncia-se, umas vezes por symptomas prodromicos, ou premonitorios, caracterisados por um desarranjo abdominal, outras vezes apparece subitamente por cambras violentas, um abaixamento da temperatura peripherica, a ponto do doente ficar exteriormente gelado, em quanto que arde no interior. (1)

(1) Julgamos dar gosto aos nossos leitores submittendo á sua apreciação a relação de um caso de cholera, pelo naturalista Victor Jacquemont. Aqui verão quanto era incendiaria a medicação empregada contra esta terrivel doença.

Poona, Julho de 1832.

* Soudine, men creado indio, de 25 annos, de excellente saude e de comportamento regular, abstendo-se de bebidas alcoolicas e quasi completamente de alimentação animal, foi acommettido de colicas, na sexta feira á noite, 5 de Julho; as colicas foram seguidas de numerosas evacuações alvinas, de materias esbranquiçadas mais abundantes, e ao cabo d'uma

A sede e o ardor epigástrico serão mitigados com bocados de gelo introduzidos na bocca, e uma bexiga cheia de gelo sobre o epigastro.

Feita a reacção, devemos sustental-a pelo hydroferro-cyanato de quinina,

Um granulo de meia em meia hora

e a digitalina para chamar as urinas

Um granulo de meia em meia hora.

Este tratamento será continuado em quanto a circulação e o calor se conservarem anormaes. Se, pelo con-

hora, de vomitos. Só então é que me contaram a doença d'elle. A sua attitude annuncia uma grande prostração de forças: elle queixa-se de tenesmo, o pulso está muito fraco, os pés esfriados. As evacuações repetem-se mais de dez vezes no espaço de uma hora, por cima e por baixo; a natureza d'ellas é a mesma: é um fluido pouco viscoso ainda que grosso, de côr branca acinzentada, sem cheiro. Mandar deitar o doente e cobril-o bem, botijas d'agua quente aos pés e pannos quentes na barriga; administrar 20 gottas d'ammoniaca em uma colher d'agua. O doente engole sem se queixar esta droga *ardente*, mas vomita-a ao fim de dous minutos. Desde as 7 até ás 11 horas da noite administraram-se outras quatro doses semelhantes, nos intervallos em que o vomito natural abrandava, mas elle não conserva nenhuma mais de 3 minutos no estomago. Misturo 20 gottas de laudano a uma d'estas doses e é immediatamente vomitada. O calor natural desaparece das extremidades; os pés estão mais frios que as mãos, as pernas esfriam e os braços tambem, o pulso só é sensível depois dos esforços de vomito; as evacuações alvinas são mais raras; a respiração accelerada; o corpo refece gradualmente, mas o doente queixa-se de um calor interior que o queima e que o leva a desviar com violencia os cobertores. Arranca a roupa que traz e pede para o deixarem nu. Estas invasões subitas e passageiras de calor interior não se fazem perceber senão por um augmento passageiro do calor do tronco; n'esta occasião só a testa transpira um suor frio e viscoso mas o calor das pernas não está sujeito a nenhum

trario, durante o periodo de reacção, o calor ficar mordente e subir a 40, 41.º c., administrar-se-hão alcaloides defervescentes: aconitina, veratrina.

Um granulo de hora a hora

até que a reacção se abata.

O doente será alimentado com caldo e leite com sal, logo que os vomitos cessem.

Não se pode negar que existe uma grande analogia entre o cholera indiano e as febres intermitentes perniciosas. O fallecido Dr. Everard que observou duas

augmento accidental. Cambras nas coxas, espasmos dos musculos do abdomen nas invasões do calor interno. A pelle da palma das mãos e da planta dos pés torna-se dura e aspera, as unhas descóram-se, os olhos começam a encovar e a cercar-se d'um arco interno mais pequeno, mais profundo e mais escuro e d'outro maior ao nivel do bordo superior do osso maxillar, sobre a crista ossea da parte inferior da orbita. O movimento dos olhos affrouxa e o seu brilho empana-se. O doente tomou á meia noite 8 grãos de calomelanos em uma colher d'agua adoçada e aromatisada; mas os vomitos que se repetem incessantemente após um intervallo de poucos minutos, sem serem accelerados pelo remedio, o expulsam na maior parte. A' uma hora da manhã, deu-se-lhe uma dose igual de calomelanos, com 20 gottas de laudano, que foi arreversada dois minutos depois. Passou o resto da noite sem beber mais nada a não ser alguns goles d'agua edulcorada com assucar quando se queixava de sede, o que só acontece nas invasões subitas do calor interno. No sabbado de manhã não ha pulso senão depois dos esforços convulsivos do vomito; aggravação de todos os symptomas de hontem; as pernas mais frias, os olhos mais encovados, a physionomia mais descomposta, mais cadaverica; os vomitos e as dejeções não cessaram em toda a noite. Nos intervallos do vomito, o doente dormita; tem a intelligencia obtusa. A's oito horas da manhã, em um intervallo de socego comparativo, tomou uma poção de laudano e sub-carbonato d'ammoniac, adoçada e aromatisada com essencia de hortelã. As evacua-

epidemias concomitantes d'estas febres em S. Petersburgo deixou-nos d'ellas uma descripção, que pensamos convir reproduzir aqui, porque poucos medicos a conhecem.

Deixal-o-hemos fallar :

« O poder absorvente do intestino estava completamente suspenso, e este orgão, em vez de absorver, só segregava a materia das evacuações. A urina supprimiu-se desde o principio. A doença durou cerca de 48 horas, sem se attenuar um momento até á morte do doente. Só a prostração das forças parece ter moderado a violencia das evacuações, 15 ou 20 minutos depois da invasão. O doente extenuado pela fadiga e

ções que já se repetiam menos vezes em antes d'este remedio, continuam a ser cada vez menos abundantes, mas na qualidade não variam. Perto do meio dia, cambras violentissimas. O doente, n'estas crises nervosas queixa-se sempre de um calor atroz que não affecta as extremidades, mas aquece só por um momento os braços e as coxas, e cobre-lhe o corpo e a testa de um calor viscoso que se esfria logo. O pulso reaparece então, por um instante, fraco e irregular. O sentimento de queimor universal, de que se queixa o doente nos accessos espasmodicos, subsiste, algum tempo ainda depois dos espasmos, no ventre e no estomago. Durante o dia quando o doente pede de beber, o que poucas vezes faz, dá-se-lhe uma colher d'agua com assucar. Os vomitos repetem-se só cinco a seis vezes por hora e as evacuações alvinas duas ou tres. A's quatro horas da tarde nova dose da poção de manhã, que é lançada fora dez minutos depois com o primeiro esforço de vomito; a respiração torna-se mais laboriosa, todos os outros symptomas se aggravam; as forças decahem gradualmente, o resfriamento continúa e a sensibilidade extingue-se. Durante a noite o doente tem dejecções mais raras; comatoso nos intervallos de repouso. Duas doses de 8 grãos de calomelanos, administradas na sonoite, e conservadas só um quarto de hora. No domingo de manhã, o doente já não ouve nem falla; entretanto reconhece-me a voz quando o chamo alto pelo nome; os olhos embaciados e fixos como os de um cadaver; não obstante diz-me que me vê ainda, mas confusamente. A's oito horas administro-lhe uma pilula de 3 grãos

pelo esgotamento consecutivo aos seus esforços, quando não era torturado pela dôr violenta dos mesmos esforços, parecia, desde o principio, totalmente absorto e privado de qualquer capacidade de reflexão; não havia perturbação das faculdades intellectuaes, nunca delirio, mas uma modorra que augmentou sem cessar; perto d'uma hora antes da morte, o doente não parecia assustado, nem mesmo canceiroso do seu fim.»

Tendo assistido a quatro epidemias de cholera asiatico, pudémos julgar da fidelidade do quadro que acabamos de antolhar aos nossos leitores. Pudémos tambem adquirir a certeza de quanto o tratamento allopathico empregado n'esta epoca fazia mal. Durante o primeiro periodo da epidemia, a mortalidade foi de 80.^o p. c. Só ao declinar da epidemia é que a mortalidade desceu a 20.^o p. c., mas então empregava-se pouca, ou nenhuma medicação.

(Vide a nossa obra: *O Cholera indiano, etc.*)

de calomelanos e um grão de extracto gommoso d'opio, que elle engole, mas com difficuldade. Esfrega-se-lhe o ventre com toallas quentes abeberadas de laudano para acalmar as dores violentas de que se queixa n'esta parte. As botijas d'agua quente, chegadas aos pés desde a invasão da molestia, nunca os aqueceram, nem mesmo á superficie que fica pousada fria sobre a botija a escalear. Já não vomita nem evacua; a cabeça cahe-lhe; a respiração torna-se difficil, suspiriosa, e o corpo cobre-se todo de suor. Depois d'este ultimo esforço da natureza e alguns minutos de estertor, elle expira sem convulsões, ás nove e meia da manhã.»

Victor Jacquemont acrescenta com uma ingenuidade que lhe abona a sinceridade:

«Nenhum dos remedios dados ao doente exercitou a menor influencia sobre o curso da molestia.»

Sem poder adduzir factos a este respeito, pensamos que o tratamento dosimetrico terá resultados mais favoraveis. Este tratamento deverá consistir na lavagem intestinal pelo sal de Sedlitz, depois de cada vomito

Uma colher-de-chá em um copo d'agua com hydrolato de flôres de laranjeira

e no intervallo dos vomitos, a estrychina (sulfato) e a hyosecyamina

Um granulo de cada, de quarto em quarto de hora no intervallo dos vomitos.

O doutor Everard continúa: «A uma curta distancia do hospital dos cholericos estava situado o destinado aos doentes ordinarios. O contingente que forneciam as febres intermittentes era consideravel; podendo assim passar com facilidade de um doente atacado de cholera a outro que soffria de um violento accesso de febre intermittente, procurei reconhecer os pontos de contacto que existem entre o principio bem pronunciado de uma febre intermittente aguda e o de um accesso de cholera. O que se passa, com effeito, quando tem lugar o accesso da febre intermittente? A pelle torna-se fria, o pulso enfraquece gradualmente, é apenas sensivel, o rosto descompõe-se, os olhos cercam-se de roxo, a voz fraca e tremula. Se os arripiamentos augmentam, a respiração torna-se anciosa, apparece uma notavel cor pallida e azulada nos labios e nas mãos, ha nauseas e até vomitos. Supponhamos agora uma aggravação rapida e forte de todos estes symptomas e teremos um quadro fiel do começo do cholera confirmado. Se o accesso, cujos symptomas acabo de relatar, foi dos mais violentos, se bem que ainda se não

trate senão d'uma febre intermittente, vê-se muitas vezes apparecer alguma affecção local, principalmente na mucosa gastro-intestinal, e todos os symptomas secundarios que d'ahi dependem, como congestão cerebral e tendencia ao typho. Eu vi um numero consideravel d'estes exemplos; era precisamente o ponto caracteristico da epidemia mortifera que destroçou Groveningen em 1826. Eu chamo sobretudo a attenção sobre este ponto que foi mais particularmente observado no grande hospital de Crasno-Sélo: é que os doentes atacados de febre intermittente mostravam uma tendencia ao estado typhoide, como succede com os cholericos. Que notavel confrontação entre estas duas ordens de doenças! O cholera differe da febre intermittente pela sua grande impetuosidade e a duração do frio; os principaes órgãos da vida ficam tão profundamente abalados que a reacção é necessariamente lenta e difficil e que um segundo accesso é quasi sempre impossivel; no entretanto, se se observar bem um cholericico, vê-se manifestamente que os esforços dolorosos, as cambras e os vomitos se mostram com intervallos mais ou menos regulares de socego e sedação. Este facto é da maior importancia, e todos os medicos a quem o communiquei não tardaram a convencer-se da sua realidade.

Eis o tratamento instituido em S. Petersburgo em quatro doentes atacados de cholera. Este tratamento foi especialmente dirigido contra o principio intermittente: clysteres compostos de $\frac{1}{20}$ de grão de extracto alcoolico de noz vomica e de 2 a 4 grãos de sulfato de quinina em uma mucilagem de amido com uma pequena quantidade de camphora.

Estes clysteres eram repetidos de duas em duas horas até 6 ou 8. Este tratamento tendo sido favoravel, foi applicado a vinte outros cholericos: cedo se manifestaram melhoras sensiveis na maior parte d'elles; os

symptomas typhoides faltaram absolutamente. «A razão d'isto é simples» — diz o doutor Everard — «o estomago fica fortemente irritado depois de um ataque de cholera e introduzir n'elle medicamentos irritantes é caminhar para a prostração e até para a gangrena. No tratamento d'estas febres graves que reinam no saucaso, o sulfato de quinina é elevado a doses enormes e assim mesmo falha muitas vezes.

Penso que n'esses casos, bem como nos cholericos, o estomago está lesado de mais para poder tirar partido d'esse remedio; convinha preferir a via mais util do intestino recto. Espero que as experiencias que se hão de fazer n'essas regiões virão breve confirmar o resultado que d'ellas aguardo.»

Essas experiencias foram feitas por nós e provaram-nos que as pequenas doses de quinina repetidas com pequenos intervallos, dão melhor resultado que as doses fortes com intervallos largos.

Febre amarella ou vomito-negro

Esta febre é egualmente devida a uma causa miasmatica. Reina ordinariamente na embocadura dos grandes rios da America do Sul. A invasão annuncia-se por violentas dores de cabeça, mal estar geral, com quebrantamento, prostração geral e alternativas de frio e calor secco; rubor do rosto e dos olhos; a lingua a principio vermelha e secca, sobretudo nos bordos e na ponta, cobre-se d'um inducto amarellado, em seguida mais escuro; a deglutição é difficil, o epigastro elevado e renitente e sobreveem vomitos pertinazes de materias a principio biliosas, depois negras, colicas, dejecções

liquidadas e fetidas, egualmente biliosas e depois negras. Logo depois apparecem symptomas d'ataxia e o doente morre no meio dos phenomenos d'uma decomposição putrida.

Por estes symptomas se vê que se trata d'um violento envenenamento. De nada serve sangrar, por isso que é o sangue que se decompõe. Quando muito, applicar-se-hão sanguesugas ou ventosas nos pontos mais ameaçados—como derivativos.

Proceder-se-ha immediatamente, como no cholera, á lavagem intestinal pelo sal de Sedlitz e as limonadas aciduladas (limão, vinagre), e dar-se-ha o arseniato de cafeina, o sulfato de istrychnina e a hyoscyamina, para acalmar o espasmo do estomago e a cephalalgia.

Um granulo de cada (juntos) no intervallo dos vomitos.

Logo que a reacção começar a fazer-se, será sustentada pela quinina (arseniato ou hydro-ferro-cyanato).

Um granulo de meia em meia hora.

Se o calor se conservar a 40.^o ou 41.^o c., dar-se-ha a aconitina e a veratrina

Um granulo de cada (conjunctamente) de meia em meia hora.

Eis um tratamento que foi experimentado no Brazil por um medico que teve a feliz ideia de lá introduzir o methodo dosimetrico, e que referiu no «*Repertorio*» os resultados que obteve. Estes resultados não podiam deixar de ser favoraveis, por isso que o tratamento se applica ao mesmo tempo á causa e aos effeitos da doença.

Typho

O typho é uma febre adynamica e ataxica devida a um miasma animal; é por isso que elle apparece em toda a parte onde houver agglomeração de gente: nos hospitaes, nas cadeias, nos acampamentos, a bordo dos navios. A fadiga, a comida de má qualidade, o abatimento moral vem augmentar os seus estragos.

O estupor geral, os olhos fixos e amortecidos, o decubito indifferente, a impossibilidade de se mover, os sonhos, o coma vigil, o tremor muscular, as fuliginosidades, o halito e as defecações fetidas, as petechias, as transudações hemorrhagicas, indicam a decomposição do sangue.

E' o conjuncto d'estes symptomas que deve dictar o tratamento: insistir-se-ha desde o principio na lavagem intestinal pelo sal Sedlitz, em quanto a bocca não ficar limpa e as dejecções se conservarem fetidas. Para este effeito dar-se-ha uma bebida composta de flores de sabugueiro e de sal de Sedlitz (1 colher de sopa de sal por litro de bebida) e adoçada com xarope de sumo de limão: um copo de hora a hora. No intervallo mandar-se-ha tomar strychnina (arseniato) veratrina e cafeina (arseniato)

1/4
Um granulo de cada, de quarto em quarto d'hora, para combater o estado adynamico e ataxico.

Feita a reacção, isto é, tendo-se levantado o pulso, será sustentada pela quinina (arseniato, hydro-ferrocyanato)

1/2
De cada—um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora,

até que deixe de se notar differença na temperatura das diversas horas do dia. E' raro então que esta temperatura exceda 39.º c.

Todavia se o calor subisse a 40.^o, ou 41.^o c., continuar-se-hia com a veratrina e a aconitina para fazer descer o calorico e acalmar os phenomenos nervosos.

Insistir-se-ha na lavagem intestinal todas as manhãs.

Uma colher-de-chá de sal Sedlitz em um copo d'agua.

Como bebida, agua fresca, da qual o doente é muito avido, mas aos goles pequenos para não introduzir agua de mais no sangue e não produzir alterações do lado das vias urinarias.

Sendo as urinas raras e ammoniacaes dar-se-ha a digitalina.

Um granulo d'hora a hora, alternando com a veratrina e a aconitina, se estas ainda forem necessarias.

Alimentar-se-ha o doente o mais cedo possivel para lhe não manter a fraqueza. Dar-se-lhe-ha bom caldo aos goles e vinho velho ás colheres.

Graças a este tratamento e a este regimen, cortar-se-ha rapidamente a febre, em vez de a deixar percorrer os seus septenarios, como succede pelo methodo expectante, ou com prescripções banaes.

Desde o momento em que se admite que o typho é uma febre d'accessos (e não pode haver duvida n'este ponto, por isso que ha uma differença de 1 a 1¹/₂.^o c. entre a temperatura vespereal e a da manhã, e porque o doente experimenta alternativas de frio e calor) é mister tratal-a como tal, isto é, pelos alcaloides defervescentes e antiperiodicos. A estrychnina (arseniato) é necessaria desde o principio da febre porque a prostração é profunda e que convem, primeiro que tudo, incitar a vitalidade.

A jugulação do typho é para nós um facto demonstrado, tendo tido de tratar muitas vezes estas affecções nas nossas enfermarias. Tem-nos até acontecido receber doentes chegados ao segundo septenario e nos quaes o estupor do facies e os tremores musculares fazem receiar que as meninges estejam já lesadas. Graças ao arseniato de estrychnina, ao arseniato de cafeína, á veratrina, á digitalina, segundo os symptomas, é raro que estes se não attenuem e desapareçam pouco a pouco.

Como já dissemos no principio d'este livro, o medico é o ministro da natureza; é preciso pois que elle a auxilie. E' nas occasiões urgentes que uma medicação energica é indispensavel.

Peste do Oriente

A peste do Oriente é uma affecção visinha do typho, por isso que é egualmente d'origem animal. O que a caracteriza são bubões gangrenosos nas virilhas, nos sobacos, menos vezes nas regiões parotidianas, onde, pelo contrario, no typho se formam as parotidites. Os symptomas d'adynamia e ataxia são aliás os mesmos.

Desgenettes que teve occasião de observar a peste do Oriente na expedição do Egypto admittiu tres graus: o primeiro—caracterizado por uma febre leve com bubões; o segundo—por uma febre mais forte e bubões; o terceiro—por febre com delirio, bubões gangrenosos, anthrazes dorsaes, nadegueiros e na parede abdominal.

Estes graus, que assignalam a evolução do principio miasmatico, poderão ser mitigados pelo tratamento dosimetrico. Sem ter a este respeito experiencia pessoal, aconselharemos o mesmo tratamento que no typho: Sal Sedlitz para a lavagem intestinal, arseniato de istrychnina e arseniato de quinina contra a prostração e os accessos,

Um granulo de cada—de meia em meia hora.

Bebidas aciduladas, caldos, vinhos generosos. Seguir-se-ha com extremo cuidado a marcha thermometrica da doença, e se a temperatura animal estiver a 40.^o, 41.^o c. far-se-ha descer pela aconitina e pela veratrina.

Haverá o cuidado de dar lavatorios a todo o corpo com agua e vinagre aromatisado.

Diphtherias

As diphtherias são caracterisadas por exsudações lardaceas (couenneuses), até agora consideradas como productos inflammatorios, mas que actualmente se sabe serem o producto de organites que se implantam nas mucosas. São portanto doenças parasitarias como o oïdium da parreira.

Estas doenças apresentando em geral um character epidemico e contagioso, deve admittir-se que os germens dos parasitas espalhados no ar, adherindo á mucosa pelos seus penicillios ou sugadouros, produzem n'ella essa exsudação, ou crosta, que lhes serve de receptaculo, ou nidimentum, onde se desenvolvem e

multiplicam de modo a alargar o territorio do contagio. ⁽¹⁾

E' pois preciso destruir os germens dos parasitas e obviar aos estragos que produziram.

A primeira indicação será preenchida pela administração do sulfureto de calcio, o parasiticida por excellencia como o prova o tratamento da videira,

Oito a dez granulos por dia,

e o sumo de limão em collutorio para destruir as falsas membranas.

Em quanto ao envenenamento geral (estes infinitamente pequenos são em geral venenosos, como o provam as estrellas ou infusorios que produzem a febre de marisco) deve neutralisar-se pelos vomitorios: emetico, emetina, segundo o paciente é adulto ou uma creança,

Um granulo de quarto em quarto d' hora até effeito,

e a lavagem intestinal pelo sal de Sedlitz

Uma colher-de-chá em um copo d' agua.

A febre será combatida pela estrychnina (arseniato), a quinina (arseniato, hydro-ferro-cyanato), a primeira contra a prostração, a segunda contra os accessos.

Um granulo de cada—de quarto em quarto d' hora (conjuntamente) até sedação.

(1) A natureza parasitaria das diphtherias, já não pode ser contestada porque foi demonstrada pelo microscopio. O que os antigos chamavam *monadas* são esses infinitamente pequenos que fluctuam no espaço e que, a certos momentos, entrando nas camadas inferiores, isto é, o nosso campo respiratorio, nos invadem por todos os poros. Onde encontram resistencia vital são repellidos ou morrem, como as ruins hervas em um campo bem adubado. Isto prova que nas epidemias convem fortificar e não enfraquecer.

Se se manifestarem symptomas de espasmo, sobretudo do lado da respiração e da deglutição, devem combater-se pela hyoscyamina e pela aconitina.

Um granulo de cada (conjunctamente) todas as meias horas.

Devemos estudar entre as diphtherias:

1.^o *O mormo*.— Esta doença raras vezes é primitiva, ou espontanea, no homem que a recebe quasi sempre de cavallo mormoso. A membrana pituitaria apresenta-se com uma côr vermelho-escuro, quasi rugosa, por causa do desenvolvimento das glandulas muciparas, que segregam um liquido viscoso alvaco, depois amarellado, o qual é muito contagioso. Ha hypercrinia lacrymal por causa da irritação que se estende ao longo do canal nasal. Os ganglios lymphaticos visinhos enfartam-se.

Não se deve pois confundir o mormo com o coryza, no qual o corrimento é seroso, ainda que algumas vezes adquire uma tal acidez que ataca as narinas e os labios.

O coryza procede ordinariamente dos seios frontaes, ou maxillares, cuja membrana é quasi uma serosa; o mormo ataca pelo contrario as glandulas mucosas. Algumas vezes elle remonta dos pulmões, nos casos em que o principio do mormo foi introduzido pela respiração (mormo pulmonar). A febre que o acompanha é muito intensa e deve ser combatida desde o principio pelo arseniato de estrychnina e pelo arseniato de quina, para obstar aos symptomas de prostração e de periodicidade, por isso que, como em qualquer febre de absorpção, ha accessos, ou crescimentos,

Um granulo de meia em meia hora, e depois de hora em hora á medida que a febre se acalmar.

Dar-se-ha agua chlorurada para o doente sorver pelo nariz e o sal Sedlitz como refrigerante.

2.^o *As estomatites exsudativas: aphtosa, pultacea, pseudo-membranosa, ou lardacea*, devidas todas á mesma causa e que reclamam o mesmo tratamento. Para que esta diphtheria se desenvolva nem sempre é necessario haver epidemia, por isso que os microzymas se formam nos exsudatos que são o resultado de irritações locaes, ou de falta de aceio. Se se trata de creanças de peito, mandar-se-ha tomar os remedios á ama e para aquellas limitar-nos-hemos aos meios externos.

3.^o *A angina pseudo-membranosa*, egualmente caracterisada pela formação de placas, concreções polyposas, falsas membranas devidas aos parasitas, como os polypeiros aos polypos, determinando a oclusão das primeiras vias e ameaçando de suffocação. O tratamento seja sempre o mais activo: toque-se o fundo da garganta com sumo de limão, puro, e dê-se o sulfureto de calcio até que os gazes intestinaes exhalem o cheiro do hydrogenio sulfurado. Não só este gaz não é nocivo, mas, pelo contrario, impede a formação dos compostos ammoniacaes (carbonato) que dispõem ao estado typhoide, por decomposição do sangue.

Far-se-ha a lavagem intestinal com o sal de Sedlitz e combater-se-ha a febre com o arseniato de quinina, e, cortados os accessos, com a aconitina e a veratrina.

Um granulo de cada, todas as meias horas, até sedação.

4.^o *O Croup*.—Ha o croup por extensão da angina pseudo-membranosa e o croup primitivo. Este é o mais perigoso por causa da difficuldade em chegar ás falsas membranas, ou crostas, que algumas vezes se estendem

a toda a arvore tracheal. Deve-se pois administrar desde o principio o emetico, ou a emetina

Um granulo, d'um dos dous, todos os quartos d'hora até effeito, e produzido o vomito, dar o sulfureto de calcio, até que se produzam gazes sulphydricos.

A febre d'accessos será combatida pelo hydro-ferro-cyanato de quinina

Um granulo de meia em meia hora até cessar o accesso.

5.º *A coqueluche.*—Classificamos a coqueluche entre as diphtherias porque ataca as vias respiratorias e por ser essencialmente contagiosa. A doença procede por accessos, ou ataques e, ainda que não existam falsas membranas, a secreção é viscosa e difficilmente se despega; d'ahi provem ser a tosse precedida d'uma longa inspiração e o ter esse som particular ao canto do gallo.

Julgamos que podemos concluir das nossas observações que a coqueluche é devida a parasitas do genero dos penicilliums, que se implantam na mucosa da larynge e da trachea e que o epithelio vibratil não consegue repellir. Achamos na trachea de uma creança de tres annos, fallecida em um accesso de asthma, produzido pela coqueluche, e em cima dos prolongamentos vibrateis esses pequenos corpusculos que, como o carmin, nos apresentaram o movimento Browniano.

O que acode ainda em abono d'esta opinião é que as preparações sulfurosas acalmam os accessos da coqueluche.

Prescrevemos com egual exito, o sulfureto de calcium,

Tres a quatro granulos por dia, para uma creança de 3 a 4 annos.

A febre que acompanha a coqueluche e cujos ac-

cessos podem ser mortaes, deve ser combatida pela aconitina, e pelo hydro-ferro-cyanato de quinina,

De cada, um granulo, no intervallo dos ataques de tosse.

Eliminar-se-hão os narcoticos, mas facilitar-se-ha a expectoração pelo xarope de ipecacuanha. Se apparecer a broncho-pneumonia, caracterisada por sarridos sibilantes e estalidos humidos, difficuldade de respirar, com injeção da face, pulso a 110, calor a 40.^o c., etc., combater-se-ha activamente pelos revulsivos nas extremidades inferiores, o sal de Sedlitz para lavar o trajecto intestinal, e a veratrina levada até ao contra-stimulismo,

Um granulo de meia em meia hora até effeito.

Passado o perigo, tornar-se-ha ao hydro-ferro-cyanato de quinina para prevenir novos accessos.

✓ Um granulo de meia em meia hora até sedação completa.

Até hoje a coqueluche tem-se conservado rebelde aos meios da arte, porque estes tem sido mal empregados, ou antes, porque se não tem empregado nenhuns, pois não é medicar a doença o limitar-se só aos expectorantes. Em boa therapeutica é mister combater ao mesmo tempo a causa e os effeitos. E' assim que faz a dosimetria.

A coqueluche, quando toma uma forma epidemica, faz numerosas victimas entre as creanças de menos idade. Os adultos não estão immunes.

Não ha portanto razão para a considerar como uma affecção banal.

6.^o *O edema da glotte, ou laryngite virulenta.* — Observamos este accidente, que pode ser rapidamente mortal, consecutivamente á mordedura nos casos de

hydrophobia rabica. Não é necessario que a raiva se tenha claramente manifestado; o individuo, quando tem a ferida já em caminho de cicatrização (o que indica a incubação mais ou menos demorada do virus rabico) é salteado subitamente de uma constricção ou espasmo laryngeo, com voz rouca e expulsão de bolhas finas; a respiração é sibilante, difficil; a face injecta-se e os olhos ganham esse brilho e essa expressão de anciedade que caracterizam as doenças estridulosas. A pelle está quente (40.º c.) e o pulso vivo, pequeno, acelerado.

O doente acha-se em um estado de agitação extraordinaria, e vagueia por fora da cama, sobretudo se o accesso sobrevem de noite, como d'ordinario acontece. O segundo, ou o terceiro accesso é mortal, porque termina pelo edema da glotte.

Não ha pois, em verdade, diphtheria, mas a causa que é um veneno, approxima-a d'ella.

Pelo que diz respeito ao tratamento, é inutil cauterisar a ferida, por isso que ella está em via de reparação. Entretanto pode-se fazel-o por excesso de precaução.

Internamente dar-se-ha o hydro-ferro-cyanato de quinina, a digitalina, e a hyoscyamina, para acalmar o accesso e diminuir o esforço congestivo do coração,

Um granulo de cada—de quarto em quarto de hora, até sedação.

Obtida esta, deve-se confirmal-a por uma poção de chloral e pelo chlorhydrato de morphina.

Um granulo com uma colher-de-sopa da poção de chloral, que será repetida, se ao cabo de meia hora se não tiver produzido o somno.

Continuar-se-ha a medicação se houver ainda ameaças de suffocação.

Tal será a medicação da raiva, contra a qual ainda não conhecemos específico. Esta terrível affecção, que dizem ser espontanea nos cães, foi considerada como uma hysteria. E' possível que a excitação genesica tome grande parte n'ella, por isso que poucas vezes apparece a raiva nos cães que vagam livremente como os do Oriente. Em todo o caso dar-se-ha a camphora bromada á menor excitação d'este genero.

Um granulo de meia em meia hora até sedação.

A parte posterior do animal será mergulhada em agua fria.

O mais racional seria não condemnar estes animaes a uma vida anti-natural, e restringir o numero d'elles por meio de um imposto. E' principalmente nos cães de raça, que se sustentam por capricho, que a excitação genesica pode chegar até á hydrophobia. São pois estes animaes os que principalmente devem ser suprimidos.

Um medico italiano, o doutor Marochetti, assignalou na raiva, de cada lado do freio da lingua, uma pequena vesicula, contendo um liquido citrino, e que elle considera como os reservatorios do virus rabifico. Estas vesiculas não são mais do que os canaes salivares cuja abertura se obstruiu: ora, sabe-se que é pela saliva que o virus se transmite. Proceder-se-ha portanto com prudencia, cauterisando estas ranulas em miniatura.

Considerou-se a giesta dos tintureiros *Genista tinctoria* como um preservativo da raiva: é para crer que esta planta só aproveite pelas suas propriedades purgantes e diureticas.

7.º *A angina pectoris*.—E' uma affecção que se avincha tambem das diphtherias, porque, afora o espasmo tracheal, os bronchios se obstruem com um liquido viscoso e que o edema pulmonar pode ser a consequencia d'ella.

A doença toma algumas vezes uma forma epidemica, por causa de certas condições miasmaticas da atmospheria. A doença procede por accessos e é caracterizada por um espasmo retro-external, com respiração sibilante; difficuldade da respiração, palpitações.

Convem não a confundir com a esternalgia de que fallaremos adiante (Vide *Nevralgias*).

A *angina pectoris* deve ser combatida com o hydro-ferro-cyanato de quinina, a digitalina e a hyoscyamina.

De cada, um granulo de meia em meia hora, até sedação.

Sobre o peito um largo vesicatorio camphorado e lavar-se-ha o canal intestinal com o sal Sedlitz, depois de se ter obtido o effeito sedativo com os granulos.

Febres eruptivas

As febres eruptivas distinguem-se pela sua contagiosidade e algumas, como a variola, são inoculaveis. Julgou-se que, aproveitando esta qualidade, se podia prevenir o seu desenvolvimento ou a sua repetição, mas a experiencia demonstrou que nem por isso deixa de existir n'ellas a virulencia. Foi por isso necessario que Jenner verificasse a virtude preservadora da vaccina.

A vaccina parece estender a sua preservação a todas as doenças eruptivas e até exsudativas; estas doenças tornam-se por esse facto, desde que a vaccina se generalizou, menos frequentes e menos virulentas.

A vaccina não é, como alguém quer, uma variola mitigada pela passagem do homem á vacca; é uma affecção localisada no ubere da vacca e que n'esta apenas produz um movimento febril em quanto que a inoculação da variola é quasi sempre mortal para o animal, como o doutor Sunderland o provou com as suas experiencias. (Veja-se para todas estas questões a nossa grande obra: *Monumento a Jenner ou Historia geral da vaccina*). Todas as febres eruptivas são caracterisadas por um periodo d'incubação, tanto mais longo quanto o envenenamento foi mais intenso, e que se reconhece por uma prostração geral, quebrantamento, dor surda de cabeça, rachialgia, urinas turvas, etc. E' facil prever pelos symptomas cerebro-abdominaes, catarrhaes, ou d'angina que especie de febre eruptiva se prepara. Se tiver de ser uma variola, predominarão os symptomas cerebraes e abdominaes. Se for escarlatina, serão os symptomas guturaes, ou um estorvo na deglutição. Se for sarampo, serão os symptomas catarrhaes: coryza, lagrimejamento, tosse bronchica, prisão na respiração, com sarridos brandamente sibilantes.

N'este periodo da doença convem proceder todas as manhãs á lavagem intestinal pelo sal Sedlitz e dar o arseniato de estrychnina para que a economia tenha a força necessaria para a evolução ou a expulsão do virus pela superficie, ou pela pelle: porque todos sabem que são as erupções que se não fazem as que são mais perigosas. A febre é *ipso facto* mais intensa e as desordens internas mais graves. Vê-se n'estes casos sobrevir a meningite, a angina, a pleuro-pneumonia, sem haver erupção interna. Não foi por conseguinte a erupção

que se repercutiu, mas foi ella que se não fez. Observa-se, pelo contrario, que a erupção externa coincide com uma erupção interna, como na variola, na qual se formam botões na bocca, na garganta, nas vias digestivas e respiratorias. D'ahi provém outro perigo que convem egualmente prevenir.

E' portanto preciso, no periodo d'incubação das febres eruptivas, incitar a força vital pelo arseniato de estrychnina.

Um granulo todas as horas até que a erupção tenha lugar.

Se a febre, que não tarda a apparecer, for muito intensa: calor a 40.^o e 41.^o c. pulso a 120, ajuntar-se-ha á estrychnina—a aconitina, ou a veratrina,

Um granulo de cada (conjunctamente) até defervescencia.

Produce-se então uma relaxação: a pelle torna-se humida, o pulso mollifica-se, o calor desce a 39.^o, 38.^o c. e a erupção faz-se sem agitação, sem delirio, sem alteração do lado da respiração, ou da digestão.

Se sobrevier delirio, dar-se-ha a digitalina como no delirio nervoso.

Um granulo d'hora a hora até sedação.

A digitalina ajudará a relaxação geral pela diaphorese e a diurese.

Feita a erupção, limitar-nos-hemos a cuidados d'hygiene, a não ser que se declarem symptomas d'absorpção, ou de septicemia.

N'este caso, tendo em vista as remissões e os crescimentos da febre que indicam que a vitalidade está profundamente deprimida, dar-se-ha o arseniato e o hydro-ferro-cyanato de quinina.

Um granulo de meia em meia hora em quanto o thermometro indicar variações na temperatura animal.

A quinina actua aqui como excito-motriz e impede as congestões internas. Seria grave erro e ao mesmo tempo perigo immenso o esperar que haja apyrexia para administrar o febrifugo. Esperar-se-hia em vão, ou, o que é peor, deixar-se-hia morrer o doente.

E' sobretudo nas febres eruptivas que a expectação é perigosa e muitas vezes mortal.

Em geral acredita-se que nas febres eruptivas é necessaria uma incubação artificial, elevando a temperatura do quarto.

E' um grande erro por isso que assim se impéde a evolução da doença. Convem uma temperatura moderada, e procurar a defervescencia nos alcaloides.

No hospital civil de Gand as salas são uniformemente aquecidas a 16.^o, 17.^o c. o que dá bom resultado por isso que ha menos complicações. Não só não ha mais bronchites, nem pneumonias, mas em geral estas são benignas, graças ao ar constantemente renovado por uma machina a vapor. A ventilação faz-se de cima para baixo; isto é, as camadas inferiores ou empestadas, são repellidas para o exterior pelas camadas superiores d'ar puro que a machina comprime para a sala. E' portanto necessario muito cuidado com a pureza do ar.

As febres eruptivas ou exantheas agudos são bastante conhecidas para ser preciso insistir n'ellas; estas febres não são, aliás, perigosas senão pelas complicações: para a variola a entero-gastro-meningo-encephalite; para a escarlatina a angina gangrenosa; para o sarampo a broncho-pneumonia. O medico deve pois estar premunido contra estas complicações e combatel-as desde a sua apparição, não pelos debilitantes mas por incitantes vitaes. Outr'ora não se sabia o que era incitar; excitava-se; isto é, esgotava-se a vitalidade.

E' assim que quando se applica um revulsivo, não

adicionamos força nenhuma á economia; pelo contrario enfraquecemosol'-a. E' necessario pois, primeiro que tudo, atacar a causa do mal e obstar aos seus effeitos. E' o que faz a Dosimetria pela *dominante* e a *variante*.

FEBRE SEPTICEMICA OU INFECCÃO PUTRIDA

A febre septicemica, ou devida á reabsorpção do ichor putrido, observa-se nas grandes feridas e operações em que o *detritus* dos tecidos dá lugar a um virus extremamente penetrante e que exercita sobre o sangue e os orgãos uma acção deletéria. E' por isso que os effeitos d'esta decomposição são extremamente rapidos. A febre manifesta-se por arripiamentos violentos, alternando com um calor secco, mordente (pulso a 120, calor a 40.^o 41.^o c.), e depois de dous ou tres accessos o doente já não parece o mesmo, tão longa foi a emaciação. A côr d'elle torna-se amarella, icterica; prova de que o figado está lesado. Não é todavia a bilis que passou ao sangue; mas antes as materias ichorosas que o decompozeram: tendo os tecidos perdido a cohesão forma-se um estado ecchymotico geral. O ferido falla a sonhar, algumas vezes delira. Formam-se successivamente varios pontos d'engorgitamento nos pulmões, nas articulações, nos musculos, nas visceras abdominaes: rins, baço, figado, com edema circumjacente e formação d'abscessos multiplos que principiam por uma especie de nucleo indurado. A base d'elles é formada pelos globulos vermelhos e pelos globulos brancos do sangue.

Produzem-se assim, não o que os antigos julgavam ser metastases purulentas, ou a conversão do sangue



em pus, mas verdadeiras inflammações locais indolentes e no entretanto tão reaes como os abscessos idiopathicos, dos quaes apresentam todos os caracteres. Estes abscessos podem-se determinar artificialmente introduzindo nos vasos de um animal coalhos esmagados de sangue. Estas pequenas parcelas lançadas na torrente circulatoria e arredondando-se ahi como os seixos do mar, simulam globulos que obstruem os capillares, os rasgam e vão depositar-se no tecido cellular ambiente.

São os globulos alterados do sangue que, na febre septicemica, servem de embolos. Mas em antes d'isto ha alteração vital devida á introdução do ichor.

E' mister prevenir esta alteração, ou eliminando por meio de correntes d'agua o ichor á medida que se forma, ou impedindo-o de se formar por meio das materias antisepticas, como o acido phenico, o espirito-devinho camphorado, as soluções de permanganato de potassa, o acido salycilico, etc.

Entre estes curativos distinguiremos os feitos pelo chumbo, porque se forma á superficie da ferida uma camada de sulfureto negro que impede a decomposição putrida, ou a formação do carbonato d'ammoniacal, que sendo absorvido dá lugar á adynamia e á ataxia que caracterizam a septicemia.

Attribuiu-se ultimamente a fermentação putrida a corpusculos vivos, ou organulos aos quaes se deu o nome de *microzymas*, *microzoarios*, *vibriões*, *bacterias*. E' irrefragavel que estes organismos existem, mas elles encontram-se no nosso sangue, nos humores e até nos tecidos, tanto no estado physiologico como no pathologico e não se comprehende porque podem produzir a febre antes n'este estado do que n'aquelle.

E' forçoso por conseguinte admittir uma perturbação, ou alteração da vitalidade; a prova é que, a febre cessa, mesmo quando já existe um principio d'al-

teração organica, se se dão os incitantes vitaes. O typho dos feridos pode pois combater-se como o typho miasmatico, e com uma mesma especie de agentes — os alcaloides.

Para isto, convem instituir um tratamento preventivo. M. Chaisagnac chamou *animação* (entrainement) *cirurgica* á administração da alcoolatura d'aconito, alguns dias em antes d'uma operação grave.

Levados pelas mesmas ideias, nós damos a aconitina como preventivo da febre de absorpção.

Cinco a seis granulos por dia.

Depois da operação sustentamos o doente com alimentos albuminosos e vinho para impedir o empobrecimento do sangue e o vacuo intra-vascular cujo effeito seria activar a reabsorpção das materias ichorosas.

Estamos portanto muito longe da dieta absoluta aconselhada por alguns cirurgiões.

Para activar a digestão damos a quassina e até o arseniato de estrychnina.

Tres a quatro granulos por dia, ás comidas.

D'esta maneira conservamos o sangue e os tecidos com o grau de tonicidade desejado e impedimos a reabsorpção, ou antes a infiltração, quer intra, quer extra-vascular.

Ao menor apparecimento de arripiamentos ou horripilações, administramos o hydro-ferro-cyanato, ou o arseniato de quinina, algumas vezes ambos, quando prevemos uma intoxicação muito intensa.

De cada, um granulo de meia em meia hora.

A questão da septicemia pode hoje ser considerada como resolvida. Não é o pus em si mesmo que produz a febre, mas a materia ichorosa ou virus septico que

altera o sangue e deprime a vitalidade. Convem pois fortalecer os doentes e não debilital-os: em uma palavra, sustentar a vitalidade. Os estimulantes fixos ou diffusiveis estão fora do caso de produzir este resultado. A serpentaria da Virginia irrita a mucosa digestiva e a quina curte-a e augmenta a sede e a seccura da lingua. Impede-se assim a diminuição do virus ichorico, porque n'este caso a diarrhea é apenas filha da indigestão. E' portanto necessario recorrer aos granulos dosimetricos, os quaes sendo muito soluveis são facilmente absorvidos e não produzem irritação, nem repleção.

Ó importante é observar bem o calorico animal, ou o grau de pressão intra-vascular, como o machinista consulta o manometro. Logo que o calorico sobe acima de 40.º c., abater-se-ha pela aconitina, ou veratrina até 39.º ou 38.º c.

Um granulo todas as meias horas.

e se o coração bater com excessiva impetuosidade (120 pulsações por minuto) será moderado pela digitalina.

Um granulo d'hora em hora.

Porque, se a digital, como affirma um medico inglez celebre — Cullen —, é o opio do coração, não se deve esquecer que ella é estupefaciente como o mesmo opio e que por conseguinte ha perigo em a empregar em substancia, quando as pulsações arteriaes estão enfraquecidas, como succede no envenenamento miasmatico. N'este caso é mister lançar mão da digitalina e associar-a a uma substancia fixa como o arseniato de ferro, ou de strychnina.

Um granulo de cada (conjuncta, ou separadamente) de meia em meia hora.

CONGESTÕES — HEMORRHAGIAS

Estes accidentes differem segundo teem logar no systema capillar arterial, ou no systema capillar venoso.

Os primeiros fazem-se á custa do sangue vermelho, arterial, e são precedidos d'um esforço que foi chamado *molimen hemorrhagicum*. As partes congestionadas ficam engorgitadas e sente-se n'ellas um ardor ou fervedouro, uma especie de tenesmo, como no fluxo hemorrhoidario activo.

No segundo caso o sangue é, pelo contrario, negro ou venoso e ha uma sensação de torpor ou peso.

Portanto dous tratamentos: pelos defervescentes e pelos incitantes.

Congestões hemorrhagicas haverá que serão combatidas pela sangria, pela digitalina, pela aconitina, n'uma palavra pelos defervescentes; outras pelos tonicos fixos, como os ferruginosos, principalmente o hydro-ferro-cyanato de quinina, que constitue tambem um poderoso antihemorrhagico.

As congestões activas excitam fortemente a vitalidade e a hemorrhagia n'este caso, é mais util que prejudicial, como se nota na epistaxis no curso das febres inflammatorias. Sob este ponto de vista uma hemoptyse pode ser salutar, mesmo quando existe uma causa material, como os tuberculos, porque descongestiona. Por conseguinte, nem sempre é prudente sustal-a pelos adstringentes, mas convem moderar-a pela digitalina e ergotina.

De cada, um granulo todas as meias horas.

A congestão venosa é por natureza asphyxica, porque os globulos sanguineos rubros, privados de movimento, já se não oxydam. São estas congestões as

que produzem as febres algidas de que já nos occupamos.

(Vide *Febres.*)

Congestões cerebraes — Apoplexias — As congestões cerebraes são quasi sempre venosas porque os capillares sendo muito tenues escapam mais facilmente ao esforço congestivo. A substancia branca que atravessam é muito compacta; é por isso que, quando essas congestões se produzem é de preferencia na substancia cinzenta. E' infelizmente assim que se preparam os amollecimentos cerebraes. As pessoas de temperamento sanguineo, bem como as que tem grande trabalho intellectual devem por este motivo manter a frescura do sangue pelo uso diario do sal Sedlitz. As pessoas que soffrem d'enxaqueca farão com vantagem uso da cafeina (arseniato, sulfato).

Dous granulos de cada, de meia em meia hora, até cessação da cephalalgia.

A congestão cerebral venosa estabelece-se passo a passo nos seios intra-vertebraes: por isso são muitas vezes precedidas de hemorrhoidas fluentes, ou não fluentes. N'este ultimo caso é necessario descongestionar a rede das veias hemorrhoidarias pela applicação de sanguesugas no anus.

Estas pessoas farão uso de arseniato de ferro para reconstituir o sangue, tornal-o mais vivo, mais rutilante, porque no estado hemorrhoidario ha uma venosidade que é preciso converter em arterialidade. (Vide *Diatheses hemorrhoidarias.*)

Arseniato de ferro, cinco a seis granulos por dia.

Ao mesmo tempo dar-se-ha a hyoscyamina, ou a atropina para combater o tenesmo anal.

Dous granulos por dia.

Será necessario observar a acção d'estes alcaloides sobre os olhos e o cerebro, porque se produzirem demasiado torpor deve-se renunciar a elles.

Febre cerebral apoplectiforme—Esta febre é muitas vezes devida á intoxicação palustre. Apresentando-se com todos os symptomas da apoplexia tem de particular e caracteristico o proceder por accessos, isto é, os symptomas cessam repentinamente para logo depois reaparecerem. O observador attento pode reconhecer os tres estados da febre: frio, calor e suor.

A sangria geral podendo tornar-se mortal no primeiro estadio, convem esperar, para nos decidirmos, que elle tenha passado e regular-nos-hemos então pelo estado da reacção. Se o calor subir acima de 39.º c. e o pulso for além de 100, administrar-se-ha a aconitina e a veratrina.

De cada, um granulo de meia em meia hora, até defervescencia

e immediatamente depois do accesso dar-se-ha a quinina (sulfato, arseniato, hydro-ferro-cyanato) para prevenir um novo accesso, que poderia ser mortal.

Um granulo de meia em meia hora até que as funcções voltem ao seu estado normal.

Como refrigerante, deve insistir-se na administração do sal Sedlitz.

Tres a quatro colheres de chá em um copo d'agua; e em seguida dous ou tres copos d'agua fresca.

Os antigos admittiram a *apoplexia serosa*, que, não se manifestando exteriormente, havendo pelo contrario pallidez no rosto, reclama os mesmos meios que a congestão venosa. Em quanto á apoplexia nervosa ella consiste em uma paralyisia do cerebro, mesmo fora de

qualquer congestão e carece do emprego do arseniato de estrychnina.

Um granulo de meia em meia hora até reaparição das funcções cerebraes;

isto é, até que o pulso que era apenas perceptivel se deixe sentir de novo, e que o doente readquirira os sentidos. Estas paralyrias podem simular a morte e n'estes casos algumas vezes se é obrigado a recorrer ao galvanismo.

Hemorrhagia cerebral.—Pode ser fulminante quando o vaso lacerado tem alguma importancia e quasi sempre depende d'uma doença do systema arterial.—Degenerações atheromatosas. (Vide *lesões organicas*). Apesar d'isto não se deve abandonar o doente, mas, pelo contrario, dar-lhe soccorros energicos: applicar gelo na cabeça, dar clysteres com chlorureto de sodio ou sal commun, abster-se principalmente da sangria geral ou pelo menos não a praticar senão quando o doente tiver voltado a si; mandar fazer fricções energicas em toda a superficie do corpo, applicar ventosas seccas á medida que a circulação se restabelece e, quando a deglutição estiver facil, dar o arseniato de estrychnina.

Um granulo de meia em meia hora.

Os ethers, n'este caso, podem operar como anesthe-sicos e por isso devemos abster-nos d'elles. Sabe-se além d'isso que o chloroformio impede a oxydação dos globulos rubros do sangue.

O emprego do arseniato de estrychnina em doses dosimetricas terá por effeito restabelecer gradualmente os movimentos, actuando menos sobre o centro nervoso que sobre a doença. Já Magendie fez notar que

é sobre a myotilidade que a estrychnina produz o seu primeiro effeito. Dar doses consideraveis de noz vomica é expor o doente a novas congestões.

As pessoas predispostas ás congestões cerebraes devem submeter-se a um regimen salino, para tornar a substancia nervosa mais densa. Quanto mais condensado for este tecido mais difficilmente lá penetrará o sangue e o cerebro será egualmente mais activo. N'estas condições é o orgão que menos se cansa. Ha mais de trinta annos que fazemos uso diario de sal Sedlitz e desenvolvemos uma actividade cerebral de que somos o primeiro a admirar-nos. Podemos trabalhar impune-mente com o espirito cinco a seis horas consecutivas sem experimentar o menor cansaço e o pensamento brota como a agua do solo. A não ser assim ser-nos-hia impossivel produzir tanto. Dirão as más linguas que a quantidade não vale a qualidade. E' evidente que n'esta causa não podemos ser juiz; mas diremos que é triste ver terminar inopinadamente a carreira de tantos talentos esplendidos por não saberem usar dos preceitos da hygiene. Pode dizer-se que os espiritos famosos não morrem, mas que se matam. Propomo-nos viver o mais tempo possivel para provar a nossa modestia.

Congestões oculares—Amblyopia, amaurose.—Notam-se particularmente estas congestões nos consumidores de debidas espirituosas, congestões que acabam por produzir o estado esclerotico, isto é, a conversão da retina em um tecido denso, nacarado, em que os tubos nervosos e os capillares sanguineos já não apparecem. Pode dizer-se então que a doença é irreparavel.

Em quanto estas desordens não existem pode esperar-se, senão restabelecer completamente a vista, impedir ao menos a cegueira.

Com este intuito, dar-se-ha o acido phosphorico e o sulfato de estrychnina.

Até concurrencia de 20 granulos (de cada) por dia, augmentando gradualmente.

A amblyopia amaurotica pode ser symptomatica d'uma affecção verminosa.

Deve admittir-se n'este caso a acção suspensiva do pneumo-gastrico e considerar que os nervos ciliares pertencem á cadeia ganglionar do grande sympathico.

Convem, n'este caso, empregar o arseniato de estrychnina conjunctamente com a santonina.

De cada, um granulo até concurrencia de 4 a 6 por dia, conforme a idade, e no dia seguinte uma colher-de-chá d'oleo de ricino.

Se houver espasmo acrescentar-se-ha um granulo de hyoscyamina.

Congestões oticas—Zumbido d'ouvidos.—Estas congestões são acompanhadas d'alterações na coordenação dos movimentos, quando são profundas; isto é, quando se estendem até ao lobulo do cerebello. Sabe-se que Flourens, destruindo os canaes semi-circulares em alguns coelhos e pombas, determinou movimentos de giro, ou rodopio a ponto de tornar impossiveis a marcha ou o vôo regular. O zumbido nos ouvidos de natureza congestiva reclama o uso da digitalina e da estrychnina

Um granulo de cada (conjunctamente) tres ou quatro vezes por dia.

Contra a seccura do canal empregar-se-hão os banhos de vapor e o oleo fino d'amendoas.

A liberdade do ventre será conservada pelo sal de Sedlitz.

Congestões pulmonares.—São activas, ou passivas. As primeiras são annunciadas por uma reacção (moli-men hemorrhagicum), com sensação de fervedouro no peito, faces injectadas, olhos brilhantes, pulso vivo e vibrante, tosse entrecortada e penosa e difficuldade na respiração. A expectoração é espumosa e sanguinolenta.

N'este caso é preciso sangrar e dar a *strychnina* (sulfato), a *aconitina* e a *veratrina*.

De cada, um granulo de meia em meia hora.

Ao mesimo tempo dar-se-ha bebidas geladas e laxar-se-ha o tubo intestinal pelo sal *Sedlitz*.

A congestão passiva, devida a um obstaculo ao livre curso do sangue, ou a uma diminuição da capacidade pulmonar causada por hepatisação, tuberculos e subsidiariamente por lacerações, erosões, faz-se ás golfadas, com coalhos. Ha difficuldade na respiração e imminecia de suffocação, pallidez da face, frio das extremidades, transpiração por expressão, ou espremedura.

Logo que os coalhos tiverem sido expellidos, é conveniente condensar o tecido pulmonar pelo arseniato de *strychnina*, pelo acido tannico, a *ergotina*, a *quinina* (arseniato, hydro-ferro-cyanato).

De cada, um granulo de quarto em quarto d' hora.

Bebidas aciduladas, repouso absoluto, sal de *Sedlitz*.

Sustada a hemorragia pulmonar, pode produzir-se uma reacção, com elevação do calor (39.º, 40.º c.), pulso duro e a volta de todos os symptomas precursores da hemoptyse. Abrir-se-ha outra vez a sangria e administrar-se-hão os defervescentes: *aconitina*, ou *veratrina*, *digitalina*.

De cada, um granulo de meia em meia hora até sedação completa.

A febre pulmonar insidiosa exige o emprego da quinina, preferindo o arseniato e o hydro-ferro-cyanato. Esta febre será reconhecida pela sua subita apparição, pela constituição medica reinante, pelos tres estadios de: frio, calor e suor. Daremos por conseguinte, logo que o frio tiver passado:

Arseniato de quinina,
Hydro-ferro-cyanato de quinina.

De cada, um granulo, de meia em meia hora até cessarem os symptomas.

As hemoptyses devidas a uma doença organica do coração serão combatidas pela digitalina, pelo arseniato de ferro e pelos acidos mineraes.

De cada, um granulo de meia em meia hora.

15 a 20 gottas de perchlorureto de ferro neutro, em uma colher d'agua gelada, varias vezes ao dia, conforme a importancia da hemorrhagia. Applicação de gelo no peito—sal Sedlitz como temperante.

Congestões cardiacas (activas, passivas).—As congestões activas do coração predispõem ás doenças organicas d'este orgão. Quasi sempre devidas a causas moraes, ellas são instantaneas, com sensação de constricção retro-esternal, seguida por um salto do coração, como se elle estivesse para soltar-se do peito. Se este estado persistir e o pulso ficar duro é mister sangrar e immediatamente depois dar a digitalina e o arseniato de istrychnina, porque importa, primeiro que tudo, regularisar as contracções, restituindo a tonicidade propria ao orgão.

De cada, um granulo de meia em meia hora até sedação completa.

E' erro acreditar-se que fica tudo feito quando se sangra: o que se faz é unicamente obviar os acciden-

tes mecanicos. Aquillo a que se chama nevrose do coração não é mais do que o resultado da alteração insinuada pela causa moral nos movimentos rythmicos d'este orgão. Não acontece com as congestões do coração o mesmo que com as dos orgãos parenchymatosos, como os pulmões, ou o figado. E' nas cavidades auriculares, ou ventriculares que ellas teem lugar e estas acabam por se deixar distender. D'ahi procede a necessidade de dar ao mesmo tempo a digitalina e a estrychnina, para acalmar e tonificar ao mesmo tempo o centro circulatorio.

Após os terriveis successos de 92-93 houve innumeraveis doenças de coração, que deram azo a Corvisart fazer a sua obra immortal. E' provavel que se a digitalina e o arseniato de estrychnina tivessem então sido conhecidos, o grande practico teria tirado d'elles grande proveito. Fallaremos adiante das inflammações do coração e de seus envolucros.

Congestões hepaticas.—Estas congestões raras vezes são activas e dependem de estases sanguineas na veia porta e na arvore venosa que lhe corresponde. A' falta de um centro de impulsão, a natureza deu ao figado uma capsula contractil, ou dartoica (de Glisson). Não obstante esta precaução, o figado engorgita-se facilmente e é mister auxiliá-lo pela quassina e o arseniato de estrychnina que ao mesmo tempo fazem affluir a bilis ao duodenum.

Quatro a seis granulos por dia. A quassina na occasião das refeições; o arseniato nos intervallos.

E' necessario haver o cuidado de desembaraçar o canal intestinal pelo sal de Sedlitz, que terá tambem o effeito de conservar a fluidez do sangue, porque é por falta d'esta fluidez que se formam os engorgitamentos do figado.

D'estes engorgitamentos resulta a compressão das celulas hepaticas, estorvando-se assim a eliminação dos principios biliosos, o que explica a frequencia das ictericias.

Os engorgitamentos do figado podem tambem depender da obstrucção das veias supra-hepaticas, consequencia de doenças organicas do coração. E' preciso n'este caso dar ao mesmo tempo a estrychnina e a digitalina. (Vide *Congestões do coração*).

Congestões esplenicas.—Estas mesmas considerações se applicam ás congestões esplenicas, as quaes são acompanhadas por uma pontada que pode fazel-as tomar por uma pleurodynia se a plessimetria e a cor esplenica ou de marfim velho não facilitassem a rectificação do diagnostico. Estas congestões são muitas vezes causa de hematemeses determinadas pelo rechaço do sangue para as veias gastro-esplenicas.—O mesmo tratamento que nas congestões hepaticas.

O miasma palustre produz a congestão do figado e do baço impedindo a oxydação dos globulos rubros, provavelmente por causa dos gazes hydro-carbonados que existem na agua e no ar dos pantanos, pois é tanto por absorpção gastro-intestinal, como por absorpção pulmonar, que os gazes se introduzem no sangue. O arseniato de soda e o arseniato de quinina são os dous modificadores que devem ser empregados n'este caso.

Cerca de 10 granulos de cada, por dia, dous a dous, no intervallo das comidas.

Desde a descoberta da quinina e da sua applicação ás febres intermittentes, os fautores da quina em substancia, pretenderam que a quinina produzia engorgitamentos do figado e do baço. Era um singular raciocinio da parte de quem fazia um abuso tão enorme da casca peruviana. Tem-se, pelo contrario, observado

que desde essa epoca, as hydropisias causadas por obstrucções do fidago e do baço, se tornaram menos frequentes.

Em geral abusa-se dos alcalinos nos engorgitamentos abdominaes. Deve fazer-se particularmente eleição das aguas mineraes que contiverem elementos salinos, ferruginosos e arseniatados, como as aguas da Bourboule.

Sabe-se que estas aguas são thermaes (54.º c.) e contem: bicarbonato de soda, 2 grammas 27 centigrammas; chlorureto de sodio, 3 grammas 24 centigrammas; bicarbonato de protoxido de ferro, 6 centigrammas; arseniato de soda, 61 milligrammas; acido carbonico livre, 900 centigrammas por litro d'agua. Vê-se que são estes em grande parte os elementos inorganicos que o sangue contem no estado normal e que lhe faltam no engorgitamento da veia porta. Foi por isso que os antigos disseram em linguagem pittoresca: « *Vena portarum, porta malorum.* »

Aquelles a quem os meios de fortuna não consentirem ir ás aguas, poderão suppril'as pelo sal Sedlitz e pelos arseniatos, como atraz deixamos dito.

Congestões intestinaes.—Em geral, estas congestões são devidas a um subito resfriamento da superficie peripherica do corpo, principalmente dos pés. Podem tambem depender de um agente miasmatico, como no cholera indiano e nas febres perniciosas. A cyanose estende-se então por invasão successiva a todos os órgãos e á peripheria do corpo. Urge restabelecer n'ella o calor com fricções energicas e não com calor artificial que teria o effeito de apressar a mortificação como se observa na congelação. O doente será coberto com agasalho, mas levemente (com colcha de pennas, por

exemplo) e por baixo dos cobertores dar-se-hão fricções com um liquido que o aqueça (aguardente, vinagre aromatico, etc).

Os ethers serão postos de parte (porque augmentariam mais a asphyxia do sangue) e egualmente os oleos essenciaes (de hortelã, camomilla) que queimam a mucosa; dar-se-ha, pelo contrario, ao doente que se sente interiormente abrazado, bocados de gelo. (Vide *Cholera*.) As colicas serão combatidas pela hyoscyamina e pela strychnina.

De cada, um granulo (conjunctamente) de quarto em quarto d'hora, ou de meia em meia hora.

Em quanto ao que parece haver de contradictorio n'este tratamento, faremos observar que na colica ha ruptura d'equilibrio entre as fibras circulares e as fibras longitudinaes. E' como na colica saturnina em que só se obtem resultado associando a hyoscyamina e a strychnina. Para favorecer a resvaladura das materias intestinaes, administrar-se-ha com preferencia ao oleo de ricino que quando não é bem fresco, (o que é muito commum no do commercio) contém um principio acre, uma colher-de-sopa de azeite.

Faremos observar, relativamente ao emprego do oleo de ricino, que esta substancia contém: 1.º uma materia solida representando os dous terços do peso do oleo e que constitue o residuo; 2.º um oleo volatil incolor, muito homogeneo, crystallizando pelo esfriamento e que dá na saponificação tres acidos gordurosos: ricinico, elaiodico e margaritico, dos quaes os dois primeiros são d'extrema acrimonia; d'aqui procedem as colicas que o oleo de ricino produz em muitas pessoas. Com mais razão quando ha congestão do intestino.

A congestão do intestino grosso dá logar á dysenteria. Esta declara-se principalmente nas estações humidas e nos logares baixos e pantanosos. Pode depen-

der egualmente da agglomeração de gente, como nos quartéis, nos acampamentos, e então offerece um character eminentemente contagioso. E' principalmente o corpo sub-mucoso que se engorgita e que dá ao intestino um aspecto lardaceo; a mucosa apresenta-se rubra e coberta de erosões, por causa da acrimonia das materias intestinaes. Estas lesões serão evitadas pela boa hygiene, pela lavagem quotidiana do intestino com o sal de Sedlitz e pelo emprego da hyosecyamina e da estrychnina para regularisar os movimentos intestinaes.

Em quanto á diathese palustre, devemos combatel-a com o arseniato, ou o hydro-ferro-cyanato de quinina.

Só se applicarão sanguessugas no anus quando se declarar um estado hemorrhoidario.

Os lavatorios geraes com agua e vinagre serão muito uteis n'este caso.

A alimentação deverá ser leve e substancial. Evitar-se-hão os alimentos feculentos, ou flatulosos.

Abster-nos-hemos de opiados, para não augmentar a obstrucção intestinal e não reter as materias toxicas (gazes ou substancias solidas) cuja absorpção daria logar ao estado typhoide. O doente terá, como bebida, agua com uma pequena porção de sal Sedlitz, para a tornar mais digerivel.

Congestão renal.— A congestão renal acompanha-se de espasmo, ou colica nephretica, que termina muitas vezes pela emissão de urinas sanguinolentas. E' quasi sempre devida, nas pessoas muito impressionaveis, ao esfriamento dos pés. Será combatida com banhos quentes e com a administração internamente da hyosecyamina e da digitalina.

De cada, um granulo de meia em meia hora, até cessação dos espasmos nephreticos e restabelecimento do curso das urinas.

Se este tardar, acrescentar-se-ha a estrychnina (sul-fato) á hyoscyamina e á digitalina.

Congestão vesical. — Considerada como simples receptaculo, a bexiga, tendo um papel puramente passivo, está menos sujeita ás congestões do que os rins. Estas congestões são caracterisadas pelo espasmo doloroso do collo que determina a paralyisia do corpo da viscera, de maneira que se deve juntar a estrychnina á cicutina e á hyoscyamina.

De cada, um granulo de meia em meia hora.
Banhos, sal de Sedlitz.

Não se deve recorrer aos meios chirurgicos senão em ultimo caso. O catheterismo forçado é tão arriscado que o não devemos empregar senão com as maiores precauções.

As congestões renaes e vesicaes são muitas vezes devidas a causas miasmaticas. N'este caso convem recorrer ao hydro-ferro-cyanato de quinina.

Um granulo de meia em meia hora, até cessação dos symptomas.

Congestão uterina. — Esta congestão pode ser devida ao orgasmo da madre, que é mais uma força repulsiva do que attractiva. E' porque a congestão natural não pode effectuar-se que o orgão soffre; é pois necessario

relaxal-o por meio de banhos, da ergotina, da estrychnina, da cicutina, da hyoscyamina.

De cada, um granulo tres ou quatro vezes por dia.

Se a dysmenorrhœa for devida á chloro-anemia, dar-se-ha o arseniato de ferro.

Um granulo, 10 a 12 vezes por dia.

As applicações de sanguesugas e ventosas só se devem fazer com o fim de chamar a fluxão e para isso devem ser nos membros inferiores e especialmente nos tornozelos.

Congestões nervosas, ou nevrálgicas.—Estas congestões fazem-se nas bainhas nervosas, com estrangulamento e dores algumas vezes intensissimas. Temos um exemplo nas nevrálgias faciaes que muitas vezes são acompanhadas de fluxão das gengivas e da face. Se o nervo é superficial forma-se no seu trajecto um rasto vermelho, sensivel ao toque. Estas congestões teem o character de ser periodicas; por isso, além dos defervescentes, é mister combatel-as pelos antiperiodicos.

Aconitina

Hydro-ferro-cyanato de quinina,

de cada, um granulo de meia em meia hora, até sedação.

Se a nevrálgia for devida á chloro-anemia, dar-se-ha:

Arseniato de ferro,

5 a 6 granulos por dia.

A nevrálgia é muitas vezes devida a uma causa uremica (Vide esta diathese). N'este caso daremos o acido benzoico e o benzoato de soda.

De cada, um granulo (conjunctamente) até que as urinas se tenham tornado claras.

As congestões dos nervos, ou nevralgias, tem logar no trajecto dos nervos dos quaes marcam o percurso anatomico e revestem as propriedades physiologicas. A dor que as acompanha é muito viva, com ou sem espasmo, conforme a natureza dos nervos lesados. As dores, mais ou menos intensas, procedem por accessos de umas poucas de horas, por vezes de dias e até de semanas ou mezes. Com o tempo convertem-se em paralysisa por atrophia; os nervos são então transformados em cordões fibrosos, totalmente insensiveis.

As nevralgias teem por séde tanto os centros nervosos e seus involucros como os nervos periphericos. São devidas já a causas geraes, já a causas locaes.

As primeiras comprehendem—as causas internas, ou dyshemicas, como as diversas diatheses, as causas miasmaticas palustres; as segundas—as irritações exteriores: fluxões, corpos estranhos, tetano, etc.

As nevralgias são portanto mais ou menos persistentes, ou inherentes; tem uma marcha continua, ou remittente. O tratamento é o da causa, ou *dominante* e o dos effectos, ou *variante*.

O primeiro variará com as mesmas causas.

Assim as nevralgias palustres serão tratadas pela quinina: arseniato, hydro-ferro-cyanato; as nevralgias chloro-anemicas—pelos ferruginosos (arseniato); as nevralgias escrophulosas—pelos iodados; as nevralgias syphyliticas—pelos mercuriaes, etc.

As nevralgias por causas externas reclamam muitas vezes meios cirurgicos, como a resecção do nervo.

A variante consiste em cortar a febre pela aconitina ou veratrina; em acalmar a dor e o espasmo pela morphina, a hyoseyamina, a atropina, etc. (tanto por administração interna, como por injeções hypodermi-

cas). E' algumas vezes necessario operar a revulsão pelos vesicatorios e causticos.

Neuralgias intra-cranianas, ou enxaqueca. — Estas neuralgias são umas vezes directas, outras sympathicas; explicam-se pelos nervos meningeos, cerebraes, ou ganglionares, que se espalham nas meninges e d'ahi penetram no cerebro seguindo a direcção dos vasos que elles enlaçam com os seus plexus.

A enxaqueca é algumas vezes acompanhada de vomitos e de grande exaltação da vista e do ouvido.

Exige repouso absoluto, a lavagem do tubo intestinal pelos saes de Sedlitz e a administração interna da aconitina, da cafeina.

De cada, um granulo de quarto em quarto d'hora, até sedação.

Se a hemicrania depende de causas periodicas deve ser combatida por:

Arseniato de quinina

ou hydro-ferro-cyanato de quinina,

um granulo todos os quartos d'hora, durante o accesso.

Se estiver relacionada com a chloro-anemia, daremos:

Arseniato de ferro,

Um granulo 3 a 4 vezes por dia no intervallo dos accessos; durante o accesso a aconitina e a cafeina.

Neuralgia intra-rachidiana. — A neuralgia intra-rachidiana, ou tetano, é de todas a mais terrivel, porque é constantemente mortal se não soubermos oppor-nos á sua invasão. Considerada como neuralgia, é caracte-

risada por abalos electricos extremamente dolorosos, e pelas convulsões tonicas que principiando na maxilla inferior (*trismus*) se estendem successivamente aos musculos cervicaes posteriores e vertebraes (*opisthotonos*), aos musculos d'um lado do peito (*pleuro-sthotonos*), do abdomen, aos extremos superiores e inferiores (*tetano inteiriço*) e até aos órgãos internos: coração, pulmões.

O tetano pode ser espontaneo, ou accidental: ás vezes uma e outra cousa. E' assim que nas estações humidas o observamos consecutivamente ás operações. Notou-se o mesmo nos exercitos em campanha.

O tetano é uma nevralgia congestiva aguda, porque se observa constantemente, nas autopsias uma hyperemia da espinal medulla e de seus involucros; algumas vezes nota-se um derrame seroso sub-arachnoideo, produzido pouco tempo antes da morte.

Os ganglios cinzentos da medulla estão geralmente hyperemiados, algumas vezes amollecidos.

A excitação da medulla produz-se por estremecimentos, ou descargas galvano-nervosas. E' como nos nervos periphericos, por isso que a parte branca da medulla não é mais que um feixe de nervos.

O tratamento do tetano deve ser rapido como a doença: se se tratar d'uma picada, ferida, ou arrancamento, deve proceder-se á ablação do membro depois de ter submettido o paciente á acção do bi-chlorureto de methylene. Eis certamente o meio mais radical no tetano traumatico.

Como modificadores internos podemos recorrer ao chloral, á morphina, á strychnina, á curarina, á hyoscyamina, á atropina. Dar-se-ha simultaneamente estes tres alcaloides, com uma poção de chloral; isto é, a morphina, a strychnina e a hyoscyamina, ou então a morphina, a curarina e a atropina; a curarina é congenera da strychnina, e a atropina da hyoscyamina.

De cada, um granulo, com uma colher-de-sopa da poção. Repita-se todas as meias horas até cessação do espasmo tónico.

A acção da *strychnina* pode explicar-se de dous modos: ou pela condensação da polpa nervosa, ou pela descarga nervosa, como no galvanismo. O professor *Mateucci*, medico italiano, demonstrou que, tetanisando rans pela immersão em um banho de noz vomica, ellas se destetanisavam submettendo-as a descargas, ou correntes electricas. Sabe-se além d'isso que o raio mata instantaneamente pela subtracção do fluido nervoso. Podemos portanto suppor que a *strychnina* dada em doses pequenas e com pequenos intervallos relaxa os nervos. Não ha outra maneira de explicar a acção da *strychnina* nas nevralgias em geral; isto é, por descargas nervosas. As nevralgias seriam n'este caso congestões do fluido nervoso; tensão electrica da fibra nervosa.

A *strychnina* teria o mesmo effeito nos nervos intravertebraes e impediria assim a asphyxia.

O *curare*, pertencendo á familia das *strychnes*, tem a mesma acção, em quanto á relaxação nervosa; é pois um erro suppor na curarina um antagonista, ou contra-veneno da *strychnina*.

O tetano terminando algumas vezes por abundante diaphorese, tentar-se-ha procural-a pela digitalina e o lençol molhado, á maneira dos *hydro-sudopaths*, sendo o banho geral impossivel por causa do inteiriçamento do corpo.

Por causa do espasmo dos musculos da deglutição, seremos algumas vezes obrigados a introduzir os alcaloides por via hypodermica.

Nevralgias orbitarias.—São intra, ou extra-orbitarias. As primeiras estendem-se ao nervo optico e ao globo ocular, cujas membranas estão congestionadas e determinam a hyperesthesia visual, ou photophobia se for o nervo optico, ou a retina, que está congestionada: d'ella pode resultar com o tempo a perda da vista. (Vide *congestões oculares.*) As principaes causas geraes são o rheumatismo e a syphylis dando logar a movimentos espasmodicos da iris a ponto de provocar a oclusão da pupilla. Devem ser combatidas pelos mydriaticos: hyoscyamina e atropina.

Um granulo d'uma, ou d'outra, de manhã e á noite.

Combater a febre com a aconitina e a veratrina.

Um granulo de cada, de meia em meia hora, durante o accesso.

Interromper a periodicidade pela quinina:

Arseniato de quinina
ou hydro-ferro-cyanato de quinina

10 a 12 granulos por dia durante a apyrexia.

Nevralgias extra-orbitarias—Propagam-se ao longo dos nervos supra e infra-orbitarios que pertencem ao quinto par (trigemeo) pelos seus ramos ophtalmico e maxillar superior.

Estas nevralgias dão logar a um curso abundante de lagrimas e á hyperesthesia da conjunctiva, por causa do nervo lacrymo-palpebral. Será combatida pelos mesmos meios que a nevralgia intra-orbitaria por isso mesmo que o nervo ophtalmico tem relações com a iris pela curta raiz do ganglio ophtalmico. E' principalmente na nevralgia syphylitica que as dores irradiam acima da orbita.

Nevralgia hyperesthetica das fossas nasales.—Esta affecção é caracterizada por espirros pertinazes (às vezes durante semanas) acompanhados de febre e cephalalgia. Observa-se particularmente no tempo da sega do feno e por esse motivo se lhe deu o nome de *febre do feno*. Cede á acção da quinina, mas algumas vezes é preciso mudar os doentes para a beira-mar.

Nevralgia dentaria.—*Dor de dentes.*—Estas odontalgias são superiores, ou inferiores. As primeiras, irradiando ao longo dos nervos dentarios superiores pertencem ao ramo medio do trigemeo. Podem existir sem haver dente estragado, mas sempre com grande sensibilidade, a ponto de tornar a mastigação dolorosa por causa da pressão exercida sobre o filete dentario. Esta hyperesthesia estende-se ás azas do nariz e ao labio superior no qual determina ligeiras contracções. O mesmo succede com o lagrimejamento e a hyperesthesia palpebral. A nevralgia dentaria inferior estende-se ao longo do ramo dentario do maxillar inferior e coincide com a hyperesthesia do pequeno lobulo da orelha, da concha e do conducto auditivo externo por causa do nervo temporal do quinto par. Soubemos de um empirico que curava as dores de dentes praticando uma pequena incisão no lado interno do antitragus. Era um simples lavrador e era muitas vezes preciso ir ter com elle aos campos. Este homem não imaginava de certo a relação anatomica que existe entre o nervo dentario inferior e o ramo temporal do maxillar inferior.

As nevralgias dentarias são por vezes a tal ponto pertinazes que se deve resolver a resecção do nervo. Esta operação pode praticar-se por debaixo da mucosa.

A dor poderá ser momentaneamente acalmada con-

servando na bocca uma solução de ether sulfurico e alumen. Produz-se um frio muito vivo e uma constrição do tecido gengival.

A febre odontalgica será combatida na sua forma continua pela aconitina e na sua forma periodica pelo hydro-ferro-cyanato de quinina.

Neuralgia epicraniana e facial.—Estas neuralgias pertencem ao quinto par, mas irradiam-se até aos nervos occipitales invadindo os seus ramos sensitivos, e ameaçando chegar até á medulla cervical.

As anastomoses do quinto par com o nervo facial fazem com que estas neuralgias possam ser egualmente convulsivas: é o que constitue o tique doloroso. Elles chegam até á lingua pela corda do tympano e pelo nervo lingual do maxillar inferior; razão porque são acompanhadas de salivacão. E' da mesma maneira que provocam o lagrimejamento pelo nervo lacrymo-palpebral do opthalmico de Willis.

Por isto se vê que esta neuralgia é extremamente complexa e tambem muito rebelde; é por conseguinte necessario oppor-lhe um tratamento energico e perseverante. Dar-se-ha a aconitina, a veratrina, a digitalina, a cicutina, a hyoseyamina, a atropina, a estrychnina, os arseniados, os iodados, o bromureto de potasio, os valerianatos, os cyanuretos de zinco e de ferro. Taes são os modificadores a que se deve recorrer, conforme a intensidade e a natureza da molestia, porque em primeiro logar, é mister indagar-lhe a causa.

A aconitina e a veratrina dão-se contra a hyperesthesia congestiva; a hyoseyamina e a atropina contra o espasmo; a morphina contra a agitação e a insomnia; a cicutina contra as dores lancinantes; a estrychnina contra os sobresaltos nervosos; os iodados e os bromuretos contra o lymphatismo; os valerianatos con-

tra as convulsões clônicas e a quinina contra o estado periodico.

Muitas vezes, porém, não dão resultado todos estes meios se não forem acompanhados por uma revulsão vigorosa, por um caustico applicado no ponto d'emergencia, isto é, onde o nervo é mais accessivel, como adiante do pequeno lobulo da orelha.

Na forma continua, caracterisada pelo calor e pela acceleração do pulso dar-se-ha a aconitina e a veratrina, principalmentê se a nevralgia for de natureza rheumatismal.

De cada, um granulo de quarto em quarto d'hora, durante toda a duração do accesso.

Na forma remittente, ou intermittente, recorrer-se-ha ao arseniato, ou ao hydro-ferro-cyanato de quinina, ajuntando o arseniato de ferro, se a nevralgia for de natureza palustre, ou miasmatica.

De cada, um granulo d'hora em hora, no intervallo, ou ao aproximar-se o accesso.

Na forma chronica dar-se-ha o arseniato de soda, o arseniato d'antimonio com o acido arsenioso como adjuvante.

De cada, um granulo 6 a 8 vezes por dia.

Como calmante, no intervallo e na occasião dos accessos: *strychnina* (sulfato), cyanureto de zinco, *hyoscyamina*, *cicutina*.

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora.

O tique doloroso da face, devido a uma affecção rheumatismal do quinto e do septimo pares distinguir-se-ha pelos symptomas dôr e espasmo e pela ausencia de qualquer paralysisia, guardando a parte opposta a

sua sensibilidade e a sua mobilidade physiologicas. O curso das lagrimas e da saliva tem logar do lado retrahido, em quanto que na paralysis succede o contrario.

N'este caso deve applicar-se o caustico no ponto de emergencia dos nervos estylianos, isto é, atraz e abaixo da concha da orelha.

Neuralgia do pescoço.—Encontramos aqui o conjuncto de symptomas tetanicos a que Marshall-Hall deu o nome de *trachelismo*. Os musculos do pescoço acham-se dolorosamente contrahidos, retesados como cordas, as veias inchadas, a dysphagia completa com respiração sibilante e imminencia de suffocação. Para podermos explicar estes symptomas é mister imaginar o conjuncto dos nervos d'esta região, que pertencem aos nervos craneanos e aos nervos cervicaes, como o hypoglosse, o pneumogastrico e o seu accessorio, e os ganglios do grande sympathico, com os quaes estes nervos estão em relação. E' por isso que esta neuralgia apresenta um caracter de grande gravidade.

Será combatida pelos mesmos meios que as neuralgias em geral, principalmente a estrychnina (sulfato) e a hyoscyamina, que nos deu bom resultado em um caso d'esta natureza.

De cada, um granulo de quarto em quarto d'hora, até sedação.

Neuralgias thoracicas.—E' aqui o logar das esternalgias e das costalgias, caracterisadas por dores lancinantes, irradiando—umas, para o pescoço—outras, para as espaduas e os membros superiores e acompanhadas de movimentos tumultuosos da respiração com grande anciedade cardiaca. D'ahi vem o nome de angina de peito que lhes foi dado pelos authores, ainda

que a palavra angina deva antes applicar-se ás affecções exsudativas. (Vide *Diphtherias*).

Procedendo estas nevralgias por accessos, serão combatidas com a quinina, a hyoscyamina e a strychnina.

De cada, um granulo (conjunctamente) de quarto em quarto d'hora, até sedação.

Administrar-se-ha então a digitalina e o arseniato de ferro, para restabelecer completamente o equilibrio functional.

De cada, um granulo (conjunctamente) tres, ou quatro vezes por dia.

Não se deve esquecer, com effeito, que a maior parte d'estas nevralgias dependem d'um estado de anemia, ou de chloro-anemia. E' por isso que o cyanureto de zinco é egualmente indicado nos casos rebeldes.

6 a 10 granulos por dia.

Nevralgias abdominaes.—Estas comprehendem:

1.º As *nevralgias diaphragmaticas* ou *phrenicas*, com respiração entrecortada, soluços, dores irradiando para o pescoço, subindo ao longo do nervo phrenico ou diaphragmatico, para a espadua e o braço e determinando movimentos espasmodicos da pharynge por causa da ansa ascendente do hypoglosse serão combatidas pela hyoscyamina, o hydro-ferro-cyanato de quinina, a strychnina, afora a medicação causal.

De cada, um grannlo de meia em meia hora, durante o accesso.

2.º A *epigastralgia* estendendo-se em forma de barra até ás costas e acompanhada de dores cambriformes,

com pulso pequeno, lipothymico, suores frios. Distinguil-a-hemos das gastrodynias pela ausencia de symptomas gastricos, como vomito de serosidade, ou agua limpida, e eructações acidas. O tratamento tambem differe porque a epigastralgia acalma-se com a hyoscyamina, a morphina, a strychnina, e a gastrodynia pelo subnitrate de bismutho.

3.º A *cœlialgia* tendo por origem o plexus cœliaco e irradiando ao longo dos plexus secundarios: coronario, estomachico, esplenico, hepatico, mesenterico, renal, espermatico, ovarico, de maneira que podê haver tantas nevralgias distinctas, quantos plexus.

A *nevralgia cœliaca* occupa uma séde profunda, aproximando-se mais das costas do que do epigastro; o que a distingue da epigastralgia. Determina vomitos espasmodicos do estomago, sem ser acalmada por elles.

A *esplenalgia* occupa a face concava, ou a face convexa do baço. No primeiro caso irradia-se para a espadua esquerda e no segundo para o estomago com pontada e vomitos.

A *hepatodynia* segue a direcção dos plexus hepaticos anteriores e posteriores, isto é, que se irradia para a espadua direita ou para o estomago. E' causa muitas vezes da ictericia espasmodica por causa da constricção dos canaes biliares. Pode ser tambem devida á presença de calculos biliares. (Vide *Diathese cholyurica*).

4.º A *nevralgia mesenterica*, ou *miserere*, assim chamada por causa da angustia em que fica o doente e podendo originar o estrangulamento interno, ou volvo.

5.º A *nevralgia espermatico-renal*, dando logar á retracção do testiculo.

6.º A *neuralgia ovario-uterina*, que principalmente se observa quando estão proximas as regras e na dysmenorrhea. As colicas são muito vivas e fazem-se sentir até ao lado interno das coxas, como a neuralgia espermatico-renal no homem, estando no ventre o órgão correspondente, isto é o ovario. Como calmantes devemos oppor a hyoscyamina e a estrychnina.

De cada, um granulo de meia em meia hora, até cessação da crise.

Não havia até agora para acalmar as colicas utero-ovaricas senão os ethers, as gommas-resinas (assa-focetida), os productos de secreção genesica (castoreum). Molière tinha imaginado cousa melhor: o *matrimonium* em pilulas; mas este meio não está, como se costuma dizer, ao alcance de todas as bolsas. E além d'isso para que se ha de excitar quando convem acalmar? Não será como nas miragens do deserto que servem só para irritar a sede?

A camphora bromada estaria no caso, se a paixão genesica não entrasse nos planos da natureza. E' pois necessario mitigar o fogo sem o extinguir, pôr a surdina na corda de cythera sem a relaxar. E' o que se obtem pelos medicamentos dosimetricos, como a hyoscyamina, a ergotina, a estrychnina (sulfato) que são ao mesmo tempo agentes *incitadores* e regularisadores.

Neuralgia cysto-prostatica.—O espasmo da bexiga e da porção prostatica do canal da urethra é acompanhado de dysuria, algumas vezes com retenção completa d'urina o que faz com que muitos especialistas recorram aos meios mecanicos (sondas, velinhas) e apenas contribuam assim para complicar a situação. Em antes de chegar a estes meios, sempre perigosos n'es-

tas circumstancias, é conveniente recorrer aos banhos, ás sanguesugas e aos calmantes, principalmente á ciccutina, á hyoscyamina, para relaxar o collo da bexiga, e á estrychnina (sulfato) para auxiliar as contracções do corpo da mesma.

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora, até cessação.

Tratamento dosimetrico da inflammacão

Para combater o processo morbido—inflammacão—é mister comprehendel-o bem.

Como o vocabulo indica, trata-se de uma combustão exaggerada e, por conseguinte, da fabricacão de productos, uns organicos—como as falsas-membranas, as crostas, o pus; outros chimicos—como a ammoniaca, a urea, os chloruretos, etc.

São estes productos de exsudacão, ou de secrecão, que dão logar ás lesões anatomo-pathologicas, consequencias de qualquer inflammacão que não foi jugulada ao nascer. A necessidade da jugulacão existe portanto para as inflammacões, assim como para as pyrexias. Já tivemos um exemplo nas diphtherias, que formam a transição entre estas duas ordens de doencas, umas locaes, outras geraes.

E' sob a influencia da irritacão que apparece a inflammacão: toda a vitalidade parece concentrar-se no orgão que é a séde d'esta sobreexcitacão morbida e diminue na periphèria; d'ahi vem a algèsia ou os arripiamentos que se declaram no começo de qualquer inflammacão: a pelle fica descórada, o pulso pequeno, ha prostracão geral, o que torna o doente incapaz de qualquer movimento e o obriga a acamar.

N'este periodo inicial da doença devemos prescrever os nervinos e os sudorificos, para chamar de novo o sangue á periphèria e alliviar o ponto, ou orgão interno, em que a congestão se produziu:

Acido phosphorico,
Sulfato de estrychnina,
Digitalina

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora, com uma bebida quente (sabugueiro, borragens, etc.) tendo em dissoluçãõ uma colher-de-chá de sal Sedlitz.

O effeito d'esta medicação será uma evacuação alvina, seguida d'algumas dejecções serosas e em seguida uma diaphorese abundante. Á este respeito temos de fazer algumas observações.

Em toda a inflammação ha escandescencia do corpo e é esta escandescencia que precede e determina a explosão do incendio. São fermentos interiores, como a fecina, a bilina, a sudorina, a ureina, etc. (Vide *Gene-se das doenças*). São portanto estes fermentos que devemos eliminar em primeiro logar. A economia foi subitamente surprehendida e não teve tempo de evacuar estes elementos de combustão. D'ahi provém a necessidade dos evacuantes no começo das affecções inflammatorias. Pode dizer-se que todo o tratamento deve começar assim, mas sustentando ao mesmo tempo a vitalidade pelos nervinos.

A reacção que vier será franca e poderá ser combatida efficaçmente. O medico observará pois attentamente a marcha da febre e ao menor signal de embaraço interno fará depleções sanguineas em relação com as forças do doente.

O methodo dosimetrico não exclue de forma alguma as sangrias nas inflammações, mas não as toma como regra absoluta; subordina-as ao estado da vitalidade; e como começou por a levantar pelos nervinos, podem fazer-se as evacuações sanguineas com toda a segurança e em menor quantidade. Supponhamos, com effeito, um orgão parenchymatoso, como o pulmão: se a principio se lhe condensou o tecido pela estrychnina é evidente que menos sangue se irá precipitar n'elle; se, pelo contrario, se começa por produzir o vacuo pela sangria, o sangue acudirá lá e poderá haver perigo n'isso por causa da lipothymia. Assim se confirma esta lei de therapeutica dosimetrica: fazer preceder (ou pelo menos coincidir) os nervinos ás emissões sanguineas.

Chamamos especialmente a attenção dos nossos col-

legas para este ponto de doutrina. Em medicina não pode haver systema exclusivo.

Se o calor da pelle se tornar secco, mordente—o que indica uma temperatura animal de 39.º, 40.º c., como se pode verificar com o thermometro—recorreremos aos alcaloides defervescentes, como a aconitina e a veratrina. E' sabida a rapidez com que estes alcaloides abatem o calor e o pulso. Demonstra-o a seguinte tabella:

Emprego dosimetrico da veratrina no rheumatismo agudo

41 annos. Dores nas articulações. Pulso 116; calor, 39 2/3º c.

DIAS	DOSES	HORAS D'OBSERVAÇÃO	EFFEITOS OBSERVADOS
1.º dia	2 millig.	6 horas da tarde	A febre e as dores articulares persistem, mas effectua-se uma transpiração abundante.
2.º dia	4 millig.	idem	A febre diminuiu, pulso a 100, calor 38.º,2.
3.º dia	6 millig.	idem	Dores menores, pulso a 90, calor a 35.º,2.
4.º dia	8 millig.	idem	Dores violentas na articulação externo-clavicular direita. Pomada de veratrina. Apparelho d'algodão.
5.º dia	sem remedio		
6.º dia	idem		
7.º dia	7 millig.	á noite	A febre cahiu completamente. A contar d'esta epoca, o doente entra em convalescença e sahê curado ao fim de alguns dias.

De manhã haverá o cuidado de proceder á lavagem intestinal com o sal Sedlitz; precaução que se não pode desprezar, por causa da rapidez com que se formam os fermentos.

A temperatura, descida a 37.^o c., não poderia conservar-se n'esse ponto, porque o foco da phlogose persiste por causa do trabalho local (pulmonar ou outro); ella oscilla entre 37.^o e 39.^o c. e pode mesmo tornar a subir a 40.^o, o que constitue o periodo remittente da febre; n'este caso convem empregar a quinina, e com preferencia o hydro-ferro-cyanato, que terá o effeito de regular a circulação e a calorificação, como se demonstra na tabella seguinte:

Experiencias thermometricas com o hydro-ferro-cyanato de quinina

Violenta inflammção da bexiga, causada por contusão

DIAS	DOSES	HORAS D'OBSERVAÇÃO	EFFEITOS OBTIDOS
1. ^o dia		5 horas da tarde	Pallidez, frio geral, pulso pequeno apenas perceptivel, hypogastro elevado e doloroso, dando um som maciço á percussão; a sonda traz grande porção de sangue negro.
2. ^o dia		8 horas da manhã	A reacção não se fez, hypogastro pouco sensivel, ainda maciço á percussão. Injecção de agua morna na bexiga. Sae com sangue desfeito.

Continuação da tabella precedente

DIAS	DOSES	HORAS D' OBSERVAÇÃO	EFFEITOS OBTIDOS
3.º dia	10 millig. de digitalina (um gra- nulo d'ho- ra a hora)	8 horas da manhã	Reacção geral, pulso a 90, calor 35.º ² / ₅ .
—		6 horas da tarde	Hypogastro menos ele- vado e menos doloroso; pulso a 89, calor quasi normal.
4.º dia	Id.	8 horas da manhã	As melhoras susten- tam-se.
—		6 horas da tarde	Quasi nenhuma febre.
5.º dia	8 millig. de digita- lina	de tarde	Idem
6.º dia	6 millig. de digita- lina	de manhã	Idem
—		de tarde	Idem
7.º dia	sem reme- dios	de manhã	Ligeira horripilação, dôr do hypogastro cor- rendo até á região lom- bar; febre, pulso a 98, calor 37.º ³ / ₅ .
—		de tarde	Mesmo estado.
8.º dia	10 gran. de hydro-ferro- cyanato de quinina-0,01 (1 gr. de meia em meia h.)	á tarde	A febre os symptomas hypogastricos desap- pareceram.

Continuação da tabella precedente

DIAS	DOSES	HORAS D'OBSERVAÇÃO	EFFEITOS OBTIDOS
9.º dia	sem reme- dios	de manhã	Apyrexia.
—		á tarde	Volta do accesso.
10.º dia	10 granu- los de hy- dro-ferro- cyanato	á tarde	A febre cessou.
11.º dia	6 id.	á tarde	Sem febre.
12.º dia	4 id.	á tarde	Idem.

Não pode por conseguinte haver duvida ácerca da acção do hydro-ferro-cyanato de quinina, por isso que a primeira administração sustou a febre e que esta voltou no dia seguinte, quando se não tinha dado o medicamento. Foi portanto continuado nos dias seguintes e a febre cessou completamente sem embargo da gravidade do accidente.

Faremos observar que o calor nunca subiu além de 37.º,5 e que, durante algum tempo, até ficou abaixo da media physiologica, ou a 35.º ²/₅ o que dependeu do estupor. A febre é um estado relativo e não absoluto; d'ahi provém a necessidade dos nervinos no começo das grandes inflammações. Não nos cançaremos de insistir n'este ponto.

Chega enfim o ultimo periodo da inflammação, ou o da anemia, que deve ser combatido pelo arseniato de ferro como o demonstra a tabella seguinte:

Experiencias thermometricas com o arseniato de ferro

Ferida por esmagamento.—Febre d'accessos.—Engorgitamento do figado e do baço.—Infiltração geral.—O doente tomou anteriormente fortes doses de sulfato de quinina.

DATAS	HORAS D'ADMINISTRAÇÃO DOS MEDICAMENTOS	DOSES	HORAS DE OBSERVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
15 set.	9 ¹ / ₂ h. m.	1 millig.	11 ¹ / ₂ h. m.	Pelle quente, faces injectadas; calor 39. ^o ² / ₅ , pulso 120. Não ha tendencia ao somno. Administra-se u na granulo de narceina, que se repetirá de hora a hora até effeito.
	1 ¹ / ₂ h. t.	1 —	3 ¹ / ₂ h. t.	
	3 ¹ / ₂ h. —	1 —		
	5 ¹ / ₂ h. —	1 —	7 h. t.	
16 set.	9 ¹ / ₂ h. m.	1 millig.	8 h. m.	O doente acha-se sem febre; dormiu bem.
	11 ¹ / ₂ h. —	1 —		
	3 ¹ / ₂ h. t.	1 —	7 h. t.	Febre menor, pulso 100, calor, 37. ^o ¹ / ₅ .
	5 ¹ / ₂ h. —	1 —		
17 set.	9 h. m.	1 millig.	7 h. t.	Não houve horripilação; o pulso e o calor declinaram.
	2 h. m.	1 —		
	6 h. —	1 —		
18 set.			8 h. m.	Transpiração abundante de noite, urinas copiosas, pelle humida, pulso a 100, calor 35. ^o , 2.
	10 h. m.	1 millig.		Sem arripiamentos, pelle mais quente, pulso a 100.
	12 h. —	1 —		
	4 h. t.	1 —	6 h. t.	

Continuação da tabella precedente

DATAS	HORAS D'ADMINISTRAÇÃO DOS MEDICAMENTOS	DOSES	HORAS DE OBSERVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
19 set.	9 h. m.	1 millig.	8 h. t.	A noite foi tranquilla. O calor da pelle desapareceu, pulso a 102, calor a 34. ^{oz} / ₈ .
	11 h. —	1 —	8 h. m.	Não houve accessos, pulso a 100, calor a 32; urina clara e abundante.
	4 h. t.			

Nos dias seguintes continua-se o arseniato de ferro na dose de 4 milligrammas por dia. O que era preciso evitar era a repetição das horripilações porque, em quanto ao pulso e ao calor, vê-se quanto foram variaveis: o primeiro tendendo a elevar-se, o segundo a descer, como costuma acontecer na anemia. Tudo consiste em conservar uma certa media da vitalidade para impedir as concentrações internas, ou accessos. A nossa practica no hospital civil de Gand demonstra-nos todos os dias que, mesmo nos accidentes mais graves, a febre inflammatoria pode ser conjurada. A medicina expectante fez já victimas assaz numerosas para que se deva perseverar n'ella. Em medicina ha uma responsabilidade que se não pode declinar. E' bem facil lançar tudo á conta da doença; bem facil tambem o prevalecer-se da propria inercia como de atinada prudencia. A sagacidade—não diremos a sciencia como a entendem os organicistas—consiste em que haja o menos possivel de anatomia pathologica. Os colleccionadores de casos curiosos são o flagello da humanidade; são, como judiciosamente disse M. Amédée Latour,

«inuteis naturalistas que passam a vida a classificar e a desenhar as molestias do homem.»

Podemos encetar agora o estudo das inflamações em particular, limitando-nos exclusivamente ao seu periodo dynamico, o que pode ser jugulado. Em um capitulo particular occupar-nos-hemos em seguida das doenças chronicas devidas á incuria dos doentes.

Tratamento dosimetrico e inflammações em particular

MENINGITES

O que caracteriza a inflammação das membranas do cerebro, é a cephalea pungitiva, lancinante — se é a serosa a especialmente atacada; — surda, se é a pia-mater; — pulsativa (como marradas) se é a dura-mater.

O estado do pulso varia igualmente: ora vivo, comprimido, ora amplo, duro.

Os symptomas são directos, ou reflexos. Entre os primeiros deve contar-se a dor profunda nos globos oculares, a contracção irregular das pupillas, a hyperesthesia da vista e do ouvido, o trismus, o rangido de dentes, o delirio, a ausencia de somno; entre os segundos os vomitos, a diarrhea, a prisão de ventre, etc.

A febre é continua e a temperatura do corpo eleva-se rapidamente a 40.º, e 41.º c. para oscillar em seguida pelos differentes graus da escala thermometrica.

Eis o conjuncto de phenomenos pelos quaes o medico terá de guiar-se; por isso o tratamento não pode ser unico, uniforme: ora pelas sangrias, ora pelos purgantes, pelos vomitivos; deve ser, como se costuma dizer, «todo de todos», isto é, tomar conselho da occasião.

Em conformidade com isto, dar-se-ha *ar* á circulação cerebral applicando algumas sanguessugas atrás das orelhas e deixando correr o sangue gradualmente.

Fazer-se-hão ao mesmo tempo applicações frias na

cabeça e internamente serão administrados os alcaloides defervescentes, como a aconitina e a veratrina.

Um granulo de quarto em quarto d' hora até quèda da febre, para chegar á quinina no momento em que houver intermissões,

Hydro-ferro-cyanato de quinina, um granulo todos os quartos de hora, até regularidade perfeita do pulso.

Ao menor signal de paralytia cerebral—quer no principio, quer no curso da doença—como: resolução muscular, dejecções e micções involuntarias, dureza d'ouvido, dilatação das pupillas, etc. administrar-se-ha o acido phosphorico e o sulfato de estrychnina.

De cada, todos os quattros d' hora, um granulo, até cessação dos symptomas de paralytia.

A meningite reina muitas vezes epidemicamente—ou antes contagiosamente—nas localidades em que estão reunidas muitas creanças; o Snr. Dr. Goyard deu no *Reportorio* de 1874 a relação d' una epidemia d' este genero que reinou durante aquelle anno em Longjumeau (Seine-et-Oise) entre as creanças soccorridas de Paris. N' esta epoca não havia nenhum genio morbido particular e a doença só grassou entre as creanças de peito. E' provavel que alguns já trouxessem, ao chegar, o germen da doença. A meningite principiava subitamente com grande prostração nervosa e ao cabo de alguns dias, os doentinhos succumbiam no meio dos symptomas de paralytia cerebral. Apenas se conseguiu salvar alguns com o arseniato de estrychnina e o hydro-ferro-cyanato de quinina.

Isto prova mais uma vez que, qualquer que seja a agudeza da doença, nos devemos importar mais com a febre do que com os symptomas locais. Mesmo na meningite tuberculosa, que é caracterizada por atrozes dores cerebraes e por convulsões, a marcha do mal pode ainda ser sustada, se soubermos servir-nos dos alcaloides com discernimento, pois ha observações que provam que os tuberculos das meninges podem soffrer uma metamorphose regressiva, gordurosa ou cretacea, de modo que o mal sobreestá. E' verdade que as dores persistem, mas com o tempo o cerebro acostuma-se a ellas.

O mais urgente é cortar a febre meningica procedendo por accessos e precipitando a morte, porque a congestão cerebral que sobrevem termina por derrame. Este ultimo é muitas vezes devido á hydremia, ou anemia cerebral. N'estes casos deve recorrer-se aos anti-periodicos: principalmente ao hydro-ferro-cyanato e ao arseniato de quinina.

De cada, um granulo de quatro em quatro d'hora até cahir a febre.

Cerebrite.—A cerebrite tem uma symptomatologia menos patente do que a meningite. O facto explica-se anatomica e physiologicamente: anatomicamente porque os vasos não penetram na substancia branca senão depois de divididos na pia-mater; physiologicamente, porque o tecido nervoso branco não tem sensibilidade propria; é uma massa fria como as viviseções teem mostrado.

A febre tambem não é violenta como a da meningite; é por isso que esta inflammação passa tantas vezes desapercibida e que as desordens anatomo-pathologicas teem tempo de se estabelecer. Isto é principalmente verdadeiro na cerebrite traumatica: ha indivi-

duos que teem sobrevivido ás feridas mais graves do cerebro, e até com perda de substancia, readquirindo a integridade de todas as faculdades intellectuaes. Outros levando uma pancada violenta na cabeça, e tendo soffrido apenas uma dor mal circumscripta, poderam continuar a occupar-se dos seus negocios até que, apparecendo a febre inflammatoria, succumbiram por compressão cerebral. A' autopsia achava-se um abscesso na substancia branca. Sabe-se que Dupuytren, por um d'esses prodigios d'audacia legitimado por um tacto cirurgico excepcional, abriu por trepanção um abscesso d'este genero.

A consequencia do que deixamos dito é que se não deve desprezar uma dôr de cabeça assaz forte para produzir febre, mas ataca-a energeticamente pelas depleções sanguineas derivativas, os revulsivos, os calmantes e os defervescentes: cafeina, aconitina, veratrina e principalmente refrigerar o canal intestinal pelo sal Sedlitz, pois sabe-se que todos os embarços intestinaes se repercutem na cabeça. Esta precaução é tanto mais necessaria quanto as materias intestinaes exercem pressão sobre as veias hemorrhoidarias e, por propagação successiva, sobre os seios venosos rachidianos.

A marcha da cerebrite está pois claramente definida: ha primeiramente uma dor surda de cabeça, circumscripta ou geral, com pulso mais lento que acelerado, somnolencia ou peso de espirito. Raras vezes phenomenos reflexos como na meningite; só ao fim de alguns dias é que a febre rebenta por arripiamentos mais ou menos prolongados.

Em todo este periodo da doença, teremos todas as cautelas, isto é, prescreveremos o descanso na cama, revulsivos nas extremidades, applicações de vinagre na testa e na nuca e o arseniato de cafeina internamente, para impedir a congestão.

Um granulo de meia em meia hora até que o peso ou torpor cerebral se tenha dissipado.

Seremos algumas vezes obrigados a associar o arseniato de estrychnina ao de cafeina, quando o doente ficar acarrado no somno, como succede sob a influencia do calor tropical.

Ophthalmias agudas.— Os olhos reflectem fielmente as inflammações do cerebro; é por isso que o perigo d'estas inflammações provém da extensão de um ao outro d'estes orgãos.

Acabamos de dizer que na meningite ha dores profundas nos globos oculares e que a amblyopia é frequentes vezes a consequencia da suffusão serosa na retina; na ophtalmia profunda ha do mesmo modo dores cerebraes muito intensas, e umas reagem sobre as outras. Sob este ponto de vista o tratamento da ophtalmia aguda é o mesmo que o da meningite e da cerebrite: descongestionar por meio de sanguesugas, ou ventosas. Os sitios d'eleição serão: nas narinas, nas fontes, nas apophyses mastoideas, no anus—para desengorgitar os plexus venosos ophtalmicos. Insistir-se ha na lavagem intestinal pelo sal Sedlitz e dar-se-hão os alcaloides defervescentes: veratrina, aconitina; os antiperiodicos: arseniato, hydro-ferro-cyanato de quina; os antipasmodicos: atropina, hyoscyamina, combinados com os narcoticos: morphina, codeina, narceina, etc. Fazer-se-hão embrocações ao redor das orbitas com veratrina, atropina, e cobrir-se ha a vista com uma ligadura algodoadá. E' importantissimo subtrahir o orgão ao contacto da luz e aos seus proprios movimentos.

Em geral, na ophtalmia aguda o tratamento deve ser mais medico que cirurgico. Assim se evitarão as

lesões anatomo-pathologicas, ou ophtalmias chronicas, algumas vezes tão rebeldes.

Na ophtalmia virulenta aguda, cauterisar-se-ha a conjunctiva com nitrato de prata e em seguida immobilisar-se-hão os dous olhos com um apparelho algodoado (d'algodão em rama).

Otite.—Succede com a otite aguda profunda o mesmo que com a ophtalmia, isto é, que o perigo consiste principalmente na extensão da inflammação ao cerebro, e aqui especialmente ao cerebello. Observa-se então o que Flourens determinava em pombos, pela destruição dos canaes semi-circulares, isto é, alterações na coordenação dos movimentos e, um verdadeiro enjôo de mar.

A otite aguda produz dores intoleraveis, como se se enterrasse um ferro ardente no ouvido. Esta inflammação deve pois ser energicamente combatida. O tratamento é o mesmo que o da ophtalmia aguda.

Pituitite.—Na inflammação da pituitaria o perigo consiste egualmente na propagação da inflammação ao cerebro e ás meninges. Pode ser o resultado de causas vulnerantes, como o arrancamento de pellos, ou *vibices*. (1)

As fossas nasaes serão desengorgitadas pelas sanguessugas e a febre combatida pelos alcaloides deferrescentes e pelos antiperiodicos.

Já fallamos atraz da Rhinite exsudativa, ou mormo.

(1) *Vibices* significa suggillações, isto é, os vergões que se nota na pelle dos cadaveres, quando pousam em uma superficie desigual. Tambem significa as riscas de cor differente que se veem na pelle que esteve sujeita a distensão forte, ou prolongada. Não se pode portanto comprehender bem o sentido que o author dá a esta palavra.

Estomatite. — A estomatite simples combate-se facilmente; não acontece já assim com a estomatite exsudativa (vide o que se disse acima) e gangrenosa (noma) que principalmente se observa nas localidades pantanosas. Esta deve ser combatida pela quinina, principalmente o arseniato, e pela applicação do mel muriatico.

Um granulo todas as horas, no principio da doença, isto é, quando os labios e a parte interna das faces tomam uma cõr pallida, desmaiada.

O estupor será combatido pelo arseniato de estrychnina.

Um granulo de hora a hora, alternando com o arseniato de quinina.

Glossite.—Esta inflammação depende quasi sempre do emprego abusivo de mercurio, de certas peçonhas, ou virus. E' preciso combatel-a pela estrychnina e pelos arseniados, como na estomatite. E' perigoso praticar incisões profundas na lingua por causa da hemorragia e da prostração. Sendo necessario, praticar-se-ha a abertura da trachea-arteria para impedir a suffocação.

Usar-se-ha localmente de gargarejos de chlorato de potassa e de chloral.

Amygdalite.—Estas inflammações só offerecem perigo quando são devidas a causas miasmaticas, que reclamam o emprego da estrychnina e dos arseniados. Os purgantes drasticos: sene, escamonea, são aqui necessarios para operar uma rapida limpeza da mucosa.

Agua laxativa de Vienna, 60 grammas,
Sulfato de magnesia, 15 grammas,
Xarope de hortelã, 30 grammas.

Anginas.—Designamos sob este nome as affecções estridulosas ameaçando suffocação por espasmo das primeiras vias e por exsudatos, ou crostas. São, em geral, doenças miasmaticas e que por conseguinte exigem o emprego da estrychnina e dos arseniats. E' necessario dar estes medicamentos com vigor e combater o espasmo com a hyoscyamina. (Vide *Diphtherias*).

Pleurite.—*Pneumonia.*—Estas duas inflammacões marcham muitas vezes a par; no entretanto differencam-se conforme é a pleura, ou o pulmão que está particularmente atacado.

Na pleurite, as dores são lancinantes, pungitivas (pontadas pleuriticás). Não se confundam com as dores intercostaes, ou pleurodynicas, que são determinadas pela contracção dos musculos intercostaes. As dores pleuriticás sentem-se mesmo fora da respiração, como quando o doente procura reter o folego. O pulso é pequeno e vivo, a face contrahida e quasi sempre pallida. A' auscultação ouvem-se sarridos crepitantes e sibilantes. A tosse é secca, ou quando muito, seguida de expectoração pouco abundante, sempre serosa. A doença começa por uma horripilacão violenta.

Urge pois administrar, *desde o principio*, o arseniato de estrychnina, o arseniato de quinina e a digitalina.

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora.

O peito será coberto de ventosas seccas, e immediatamente depois immobilizado por uma ligadura do tronco, porque é importante estorvar os movimentos das paredes thoracicas que exercitam attricto doloroso sobre as pleuras inflammadas. Para bebida—limonada com sal de Sedlitz, para provocar abundante exsudacão pelas mucosas digestiva e urinaria.

Este tratamento mira principalmente a prevenir o derrame na pleura, o qual se faz, em geral, no decurso das primeiras horas.

Vindo a reacção, será combatida pela aconitina e veratrina.

De cada—um granulo (conjunctamente) de quarto em quarto de hora, até cahir o pulso o o calor.

O doente experimenta, na pneumonia, uma sensação de fervedouro no peito com oppressão forte, difficuldade da circulação venosa, face injectada, vultuosa, expectoração espumosa e sanguinolenta, pulso duro, ausencia de ruidos respiratorios—salvo os sarridos bronchicos, som maciço á percussão.

Vê-se que o facies da doença é aqui muito differente do da pleuriz e que urge alliviar o doente desembaraçando-lhe os pulmões pela sangria. Todavia devemos dar tambem o arseniato de estrychnina, o arseniato de quinina e a digitalina para favorecer a volta do pulmão ao seu estado natural e prevenir a infiltração ou o edema pulmonar.

De cada—um granulo, de meia em meia hora, até sedação. Para bebida, a limonada com sal de Sedlitz.

A reacção será combatida pela aconitina e pela veratrina como na pleurite. Tanto quanto possivel haja abstenção de narcoticos. Para mitigar a tosse e facilitar a expectoração, dar-se-ha uma poção kermetizada. Pode tambem recorrer-se á scillitina.

Um granulo de meia em meia hora, com um looch branco.

A broncho-pneumonia será tratada da mesma maneira. O resultado d'este tratamento será impedir as lesões anatomo-pathologicas, contra as quaes a arte é tantas vezes impotente. Elle é aliás fundado na propria marcha da doença. Bouillaud pretendia jugular

as doenças agudas do peito pelas sangrias repetidas; assim o comprehendemos nos individuos vigorosos e sanguineos; mas a sangria não modifica a vitalidade do pulmão (o órgão que soffre) e, pelo vacuo que produz, forma uma especie de voragem na qual se vai precipitar todo o sangue do corpo. E' por conseguinte muito mais racional condensar o tecido pulmonar pelos arseniatos; por esta maneira, se as sangrias houverem de ser feitas—sendo ordenadas pela oppressão respiratoria—poderão ser menos copiosas e menos numerosas.

Não pretendemos engeitar o tratamento pelo tartaro estibiado em dose contro-estimulante, mas julgamos que na maior parte dos casos se poderá substitui-lo pelos alcaloides defervescentes.

Nada diremos do tratamento pelo alcool, a não ser, que convem nos paizes em que se abusa das bebidas alcoolicas. Mas, mesmo n'este caso, não se fica dispensado de empregar o arseniato de estrychnina, o arseniato de quinina, a digitalina, etc.

Devemos dizer aqui uma palavra da thoracocentese capillar, ou aspiratoria. Apesar da energia com que a pleurite é combatida, succede que o derrame se produz e exige prompta evacuação, sob pena de ver o doente morrer por suffocação. E' n'estes casos que a thoracocentese capillar se torna uma taboa de salvação.

Mesmo nos casos duvidosos, é necessario institui-la, porque não pode de forma alguma aggravar a situação. A percussão maciça, o som de sôpro, a egophonia, a bronchophonia falham muitas vezes ou são signaes insufficientes para indicar a extensão do derrame. O augmento de capacidade do lado doente, é egualmente um signal insufficiente. Mas o que não deixa duvidas é o doente estar a abafar e ser urgente soccorrel-o. No ponto maciço e saliente enterrar-se-ha

o trocate capillar e a falta de resistencia indicará que se chegou á cavidade. Admittamos que se não acertasse, a operação será repetida no ponto visinho, até que a operação faça sahir liquido.

Pericardite.—Cardite.—Endocardite.—A inflammação do coração e dos seus envolveros caracteriza-se por dores pungitivas, como punhaladas, e desordem nos rythmos circulatorio e respiratorio. Pela auscultação percebem-se os sons de couro novo, de folle, de raspa, de serra. A doença começa por arripiamentos e lipothymia o que prova que o orgão foi subitamente surprehendido e que é necessario dar-lhe a mão pelo arseniato de estrychnina e a digitalina.

Arseniato de estrychnina,
Digitalina,

De cada—um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora.

O medico inglez Cullen disse que a digital é o opio do coração; mas como o opio entorpece o cerebro, assim a digital entorpece o centro circulatorio; é por isso de conveniencia associar os arseniats á digitalina.

E' evidente que os movimentos do coração foram subitamente alterados o que teve por consequencia a distensão das suas paredes. E' portanto necessario dar força ao orgão para se retrahir e não o enfraquecer por depleções sanguineas inopinadas. Produz-se assim um vacuo que a subtracção sanguinea inhiibe de encher. D'ahi provém a alteração da circulação e da respiração. Estaremos todavia prevenidos contra a reacção e desde o momento em que esta exceder certa medida, será reprimida pela aconitina e pela veratrina.

Um granulo de cada, (conjunctamente) de meia em meia hora, até moderação do pulso e do calor animal.

Na pericardite, o que ha mais a receiar são as falsas-membranas e os derrames. As primeiras depositam-se sobre os dous folhetos serosos e impedem o seu livre funcionar; d'ahi os attritos, estalidos, ruidos de couro velho, de raspa de serra de que ha pouco fallavamos. E' portanto necessario manter a fluidez do sangue pelos alcalinos, como o arseniato de soda, que é aqui indicado, logo que a febre tiver sido combatida pelos alcaloides defervescentes.

Arseniato de soda,
Um granulo de hora a hora.

A sua acção será favorecida por alguma agua mineral salina, e sendo preciso pelo sal de Sedlitz, do qual todas as manhãs se tomará 1 ou 2 copos.

Para prevenir o hydropericardio que é dependente de um estado de anemia, daremos:

Arseniato de ferro,
4 a 6 granulos por dia.

Se se observar pela difficuldade crescente da respiração, pela fraqueza do pulso, pelo abobadado da região cardiaca que o derrame se produziu, practicar-se ha, sem mais delonga, a thoracocentese cardiaca penetrando no pericardio entre a quinta e a sexta costella esquerda, no sitio em que começam as cartilagens, para evitar a arteria mammaria interna. Não ha perigo nenhum em practicar esta operação, em quanto que o ha bem grande em deixar subsistir o derrame. Immediatamente depois de ter desafogado o pericardio, daremos os alcaloides diureticos, como a digitalina, a colchicina, a scillitina auxiliados pelos ferruginosos, principalmente o assucar d'oxydo de ferro solúvel de Chanteaud, porque este se dá muito bem com a alimentação.

Na cardite, o pulso está mais atrazado que accele-

rado e ha tendencia á cyanose, á syncope, ao resfriamento.

Comprehende-se que, n'este caso, a digitalina podia ser nociva; com mais razão a digital em substancia. E' portanto necessario recorrer desde logo ao arseniato de estrychnina.

Um granulo de meia em meia hora,

até reanimação do coração, com uma poção cordial.

A cardite é geralmente devida ao rheumatismo, á gotta, ao alcoolismo, ao abuso dos opiados: Os arseniats estão indicados n'estes diferentes casos, com preferencia o arseniato de antimonio.

Um granulo todas as meias horas.

Na endocardite, a acceleração do pulso é a regra, e o atraso só tem logar quando a inflammção chega á substancia muscular. N'este caso deve associar-se a digitalina ao arseniato de estrychnina.

De cada, um granulo de meia em meia hora.

E' mister ser sobrio de narcoticos e não ceder ao desejo que o doente tem de dormir, porque isso o exporia a acordar em sobresalto, com tal agitação do coração que poderia ser mortal. O somno virá naturalmente quando o órgão tiver sido fortificado pelos arseniats.

Peritonite.—A peritonite é geral ou parcial—A peritonite geral é caracterisada por grande prostração: o doente permanece no decubitus dorsal, com os membros retrahidos para a bacia, para deixar em relaxação as paredes do ventre. A face está contrahida, o pulso filiforme, a pelle fria. O ventre está distendido em ponta para o umbigo. Ha soluções e vomito de materias esverdeadas.

Pelo conjuncto d'estes symptomas vê-se que é necessario recorrer aos nervinos: acido phosphorico e sulfato de estrychnina.

De cada, um granulo de meia em meia hora, até voltar o calor peripherico.

Se os arripiamentos persistirem, daremos o hydroferro-cyanato de quinina que, n'este caso, é o calmante pòr excellencia.

Um granulo de meia em meia hora.

Logo que a reacção tiver sobrevindo, o calor tendendo a elevar-se acima de 38.º c. e o pulso além de 100, passaremos á veratrina, como indica a seguinte tabella :

Emprego dosimetrico da veratrina na peritonite puerperal

27 annos. — Multipara — parto normal.

(Observação communicada pelo Dr. Deneffe, professor da faculdade de medicina da Universidade de Gand.)

DATAS	HORAS DE ADMINIS- TRAÇÃO DAS DOSES	HORAS DE OBSERVAÇÃO	EFFEITOS
5 Junho		8 h. m.	Mal estar geral. Horripilações seguidas de reacção; pulso a 90, calor 38. ⁰³ / ₅ —Ventre levemente meteorizado, pouco sensível.—Repouso, dieta, bebidas refrigerantes.—Embrocções de oleo de camomilla.
—		6 h. t.	Não ha melhoras, pulso a 100.— Seios desinchados, ventre meteorizado,

Continuação da tabella precedente

DATAS	HORAS DE ADMINIS- TRAÇÃO DAS DOSES	HORAS DE OBSERVAÇÃO	EFFEITOS
5 Junho		6 h. t.	respiração difficil, pros- tração mais accentuada. — Mistura contra esti- mulante com digital e tartaro emetico: uma co- lher de hora a hora.
6 Junho		8 h. m.	Noite agitada, insomnia, ventre doloroso, disten- dido em ponta, respira- ção mais difficil, seios flaccidos, lochios raros e fetidos; pulso a 110, ca- lor 40.º c.; face contrahi- da. — Continuação da mistura contra estimu- lante, elevando a digital de 3 a 6 grammas; vesi- catorio no hypogastro.
—		6 h. t.	Pulso a 117; ventre re- tesado, aparentemente menos doloroso, vomitos esverdeados, soluços in- terrompidamente.
7 Junho	Das 10 h. da m. até ás 11 h. da n. 1 millig. de veratrina de hora em hora.	11 h. m.	Pulso a 100; calor da pel- le menos mordente, sede menos viva, ventre mais flaccido, o soluço desap- pareceu; ainda alguns vomitos.

Continuação da tabella precedente

DATAS	HORAS DA ADMINIS- TRAÇÃO DAS DOSES	HORAS DE OBSERVAÇÃO	EFFEITOS
8 Junho	Das 11 h. m. às 10 h. n. 1 millig. de ve- ratrina de ho- ra em hora.	11 h. m.	Pulso a 80; pelle humida, ventre distendido, muito menos doloroso, os vomit- os e soluços cessaram.
9 Junho	Das 12 h. m. às 8 n., 1 mil- lig. de vera- trina de hora em hora.	8 h. m.	Pulso a 80 pulsações; ventre flexivel-indolor; vomitos e soluços não reappareceram.
10 Junho			Suspende-se a medica- ção. As melhoras conti- nuam.

Por este quadro se vê que as melhoras começaram com a administração da veratrina.—A mistura contra-estimulante apenas fez com que augmentasse a prostração geral; melhor seria ter prescripto os nervinos e o hydro-ferro-cyanato de quinina. Achamos a prova d'isso na tabella seguinte:

Emprego dosimetrico da digitalina e do hydro-ferro-cyanato de quinina na peritonite parcial

35 annos.—Violenta contusão do epigastro. Hematemese.

DIAS	DOSES	HORAS DE OBSERVAÇÃO	EFFEITOS
1.º dia		5 h. t.	Pallidez, frio geral, pulso pequeno, apenas perceptivel, epigastro distendido e maciço á percussão. Vomito de sangue escuro.
2.º dia		8 h. m.	A reacção não teve logar. Epigastro pouco sensivel, maciço á percussão.
3.º dia	1 millig. de digitalina de hora em hora (10 millig.)	8 h. m.	Epigastro retesado e sensivel, ventosas escarificadas, cataplasmas. Reacção geral, pulso a 90, calor 35.º 2/5.
—		8 h. t.	Epigastro menos retesado e menos doloroso, calor quasi normal.
4.º dia	Mesma prescripção.	8 h. m.	As melhoras sustentam-se.
—		8 h. t.	Quasi sem febre.
5.º dia	8 millig. de digitalina de hora a hora.	8 h. t.	As melhoras continuam.
6.º dia	6 millig. de digitalina.	8 h. m.	Mesmo estado.

Continuação da tabella precedente

DIAS	DOSES	HORAS DE OBSERVAÇÃO	EFFEITOS
6.º dia		8 h. t.	Mesmo estado.
7.º dia	—	8 h. m.	Reacção febril, pulso a 98, calor 37.º $\frac{3}{5}$. Sangue-sugas.—Cataplasmas.
—	—	8 h. t.	Mesmo estado.
8.º dia	10 gram. de hydro-ferrocyanato de quinina de 0,01 (1 gran. de $\frac{1}{2}$ em $\frac{1}{2}$ hora.		Durante o dia diminuem a febre e os symptomas peritoneaes.
—		á noute	A febre quasi desapareceu completamente:
9.º dia	Sem prescripção.	á noute	Leve accesso febril com volta das dores.
10.º dia	10 granulos de hydro-ferrocyanato.	á noute	A febre decahiu.
11.º dia	6 granulos.	á noute	Apyrexia.
12.º dia	4 granulos.	á noute	A febre cessou.

Esta tabella permite-nos fazer algumas observações. Primeiro—que nas inflammações por sideração nervosa, o calor não se levanta tão depressa como nas inflammações francas e não está em relação com o es-

tado do pulso; este estava a 90 quando aquelle só chegava a $35.^{\circ} \frac{2}{5}$ e portanto abaixo da media physiologica. Esta circumstancia mostra quam necessario é insistir nos nervinos.

Vê-se egualmente como a febre cedeu depressa ao hydro-ferro-cyanato de quinina; mas tambem a tendencia que ella tinha a voltar quando se suspendeu o remedio. E' portanto necessario continuar por alguns dias depois da febre cessar.

A peritonite puerperal, ou metro-peritonite, é com certeza a mais terrivel das inflammações, porque se complica com um elemento infeccioso—*a lochina*—que a converte em uma verdadeira septicemia; os medicamentos antisepticos devem por isso ser empregados n'este caso; e não pode haver outro melhor do que o arseniato de ferro que se pode levar a doses bastante altas, até dez e vinte granulos por dia, procedendo gradualmente.

A combinação do acido arsenioso com o ferro previne qualquer receio de envenenamento. Por conseguinte na metro-peritonite, afóra os nervinos no começo: acido phosphorico e sulfato de estrychnina, afóra a veratrina no periodo de reacção, o hydro-ferro-cyanato de quinina no periodo d'accessão, empregar-se-ha o arseniato de ferro contra a septicemia, caracterisada pelo curso de lochios fetidos, transpiração viscosa, pulso vivo e muito accelerado (120), calor mordente ($40, 41.^{\circ} c.$), delirio, sobresaltos dos tendões, oppressão respiratoria, emfim todos os symptomas que annunciam uma decomposição de sangue.

Arseniato de ferro,
Um granulo de meia em meia hora.

E' tanto mais necessario manter a plasticidade do sangue que a metro-peritonite dá muitas vezes occasião a suffusões serosas e á albuminaria que dão a ex-

plicação das convulsões eclampticas proprias d'esta inflammção.

Hepatite.—Deve distinguir-se a inflammção do envolucro do figado, ou perihepatite, da do parenchyma. Na primeira é a serosa que é atacada, reclamando o mesino tratamento que a peritonite. (Vide esta doença).

Na inflammção do parenchyma ha cholemia, por isso que os elementos da bile ficam retidos no sangue. D'ahi provém um sentimento de mal-estar, calor mordente da pelle, sede viva, por vezes vomitos e todos os signaes de uma decomposição do sangue, actuando á bile como um verdadeiro veneno, por causa da sua natureza alcalina. Resulta d'este estado pathologico que, afora os antiphlogisticos geraes, banhos, cataplasmas, sanguesugas, se deve recorrer aos evacuanes e aos antispasmodicos principalmente a hyosecyamina e o arseniato de cafeina, para restabelecer o curso da bile.

De cada um granulo (conjunctamente) de hora a hora.

Não esquecerá refrescar o canal intestinal com o sal de Sedlitz.

A hepatite nos paizes quentes termina frequentes vezes por um abscesso no figado, com reabsorpção bilioso-purulenta. E' portanto necessario recorrer á paracentese capillar logo que houver signaes de fluctuação. Os inglezes na India estão mais sujeitos a esta terminação do que os indigenas por causa do seu regimen irritante e dos seus medicamentos incendiarios. Era para desejar que a dosimetria penetrasse n'estes paizes; conhece-se, desgraçadamente, a tenacidade dos inglezes em conservar os usos estabelecidos.

Na America do Sul, onde reinam as febres biliosas miasmaticas, a dosimetria foi acolhida com grande acceitação, porque lhe comprehenderam as vantagens,

principalmente á vista dos embaraços da velha phar-
macia.

Esplenite.—Com a esplenite dá-se o mesmo que com a hepatite, isto é, que se deve prestar a maxima attenção ao estado do sangue. Os globulos rubros accumulam-se no orgão, tornam-o friavel, pultaceo. D'ahi procedem tambem as congestões venosas do estomago e que dão logar á hematemese. (Vide esta doença).

N'esta inflammação devemos desengorgitar o baço pelo arseniato de estrychnina, que terá tambem o effeito de empecer a alteração do sangue.

Um granulo de hora a hora.

A *esplenite* pode, como a hepatite, terminar por abscesso. N'este caso deve proceder-se á paracentese capillar para não deixar que o baço se desorganise. Pode, em geral, arguir-se o medico de falta de arrojo; é verdade que elle é detido pela responsabilidade professional. Entretanto a autopsia deveria inspirar algo mais do que pezares.

Gastrite-Enterite (gastro-enterite). — Sabe-se que Broussais quiz fazer da gastro-enterite e da sua extensão ás outras visceras abdominaes, assim como ao cerebro e ás meninges (gastro-entero-hepatico-meningo-encephalite) o fundo da medicina. E' porque confundiu em o mesmo quadro as febres ataxo-adymicas e as inflammações visceraes que são a consequencia d'ellas, isto é, a causa e o effeito. Já atraz fallamos d'estas febres e do tratamento que reclamam. Agora resta-nos tratar das inflammações idiopathicas, devidas a causas locaes.

Gastrite.—Devemos aqui distinguir as differentes membranas que podem ser séde da inflammação. As-

sim, quando a dôr é viva, augmentando com o menor toque, com a face contrahida, soluços, vomitos esverdeados, é uma peritonite localisada que se tem a debellar e deve ser tratada pela mesma maneira que a peritônite geral.

Quando é a mucosa que está inflammada ha ardençia que se estende á garganta. A lingua apresenta-se aguçada e rubra nas bordas. Deixaremos o estomago tranquillo e se a dôr, ou antes a sensibilidade, persistir, faremos com que ella passe, applicando algumas sangesugas:—Dieta absoluta, bebibas emollientes.

As dores cambriformes indicam que é a camada sub-mucosa que está affectada; é a gastrodynia propriamente dita e que como tal deve ser tratada. (Vide acima).

Em quanto á gastrite de natureza typhoide, sabe-se que para o illustre author da medicina physiologica, a adynamia e a ataxia eram um signal de phlogose local. O que é certo é que com os seus medicamentos incendiarios Brown apenas conseguia augmentar a irritação do estomago. Tendo só á sua disposição estimulantes fixos, ou diffusiveis, como a quina, a serpentaria de Virginia, o estado typhico, caracterisado pelas fuliginosidades da lingua e dos labios, o subdelirio ou coma vigil, a carpologia, etc. só podia exasperar-se e via-se apparecer a super-azotisação dos humores, ou o estado ataxico devido á producção de carbonato d'ammoniac. (Vide *Typho*).

As gastrites francas, ou idiopathicas, singularmente diminuiram desde que a polypharmacia, ou mania das drogas, está menos em voga. Já se não corre o risco de ver um simples desarranjo de estomago degenerar em gastrite, desde que se é mais sobrio de purgantes drásticos—ainda que annuncios pomposos convidem a elles muitas victimas. Aos medicos pertence precaver os doentes contra este charlatanismo que reveste to-

das as formas para se insinuar na confiança do publico.

Enterites.—A distincção das inflammações das diversas partes do intestino baseia-se principalmente sobre as suas funcções, o seu grau de vitalidade e as suas relações com os órgãos visinhos.

Duodenite.—E' acompanhada de symptomas biliosos, por causa do canal choledoco. Os symptomas pancreaticos não são tão bem determinados, salvo se se comprehender como taes a diarrhea gordurosa, ou lactescente, que se observa n'este caso. A dôr é surda, profunda, por isso que as duas primeiras partes do duodenum não teem serosa. Esta dôr é augmentada pela pressão practicada sobre o figado. A ictericia que se declara no curso d'esta inflammação é devida á propagação da duodenite ao figado. (*Vide Hepatite*).

O tratamento consiste principalmente em fazer affluir a bilis ao intestino por meio da quassina e em fazer a lavagem do canal pelo sal de Sedlitz; isto é tanto mais preciso que o colon transverso está em relação directa com o duodenum. A dieta e os emollientes farão o resto.

Jejunite.—*Peite.*—Estas duas porções fluctuantes do intestino delgado, tendo envolucro peritoneal, apresentam os symptomas da peritonite parcial, caracterizada por dores pungitivas, irradiando á volta do umbigo, mas mais profundas que as da peritonite parietal. — As colicas que egualmente se observam n'estes casos podem tomar o character do estrangulamento interno, ou miserere. Serão combatidas pela hyoscyamina com os oleosos.

Um granulo de meia em meia hora com uma colher-de-chá de azeite puro ou emulsionado em uma gemma d'ovo.

E' no jejunum e no ilion que a febre typhoide se localisa pela hypertrophia e ulceração das glandulas de Peyer e de Brunner; por isso é mister insistir na lavagem intestinal pelo sal de Sedlitz. (Vide *Febre typhoide*).

Typhlite.—E' a inflammação do *cæcum*; ella é caracterisada pela dôr profunda da fossa illiaca direita. Aqui devemos tambem distinguir a typhlite peritoneal, ou perityphlite, que se estende muitas vezes ao tecido cellular ambiente e dá logar a um abscesso que rompe quer para a bexiga, quer no recto, quer ao longo do canal inguinal. A typhlite declara-se frequentemente no curso da febre typhoide. Afora os antiphlogisticos externos, sanguesugas, cataplasmas, etc., é preciso attender a que as materias fecaes não estagnem, procedendo á lavagem do intestino pelo sal Sedlitz.

Colites.—A posição dos colons ascendente e descendente faz com que esta inflammação se faça sentir profundamente na região lombar, onde poderia ser confundida com a psöite, tanto mais que a dôr é augmentada pelo endireitamento do tronco; ha todavia aqui a elevação do ventre, os borborygmos que indicam o desarranjo funccional do grosso intestino. N'estes casos insistiremos nos clysteres emollientes. Se se formarem constrictões recorrer-se-ha á hyoscyamina e aos oleosos como na enterite.

O S do colon sendo fluctuante e tendo envolucro peritoneal, as dores devidas á sua inflammação são algumas vezes vivissimas. Devem ser combatidas como uma peritonite parcial.

Rectite.—Esta inflammação é caracterisada por calor no interior da bacia e tenesmos do anus. Será combatida com sanguesugas, clysteres emollientes, mas principalmente a veratrina e a hyosecyamina.

De cada, um granulo (conjunctamente) de hora em hora.

Nephrite.—A inflammação renal é caracterisada por dores em forma de colicas, irradiando ao longo do plexo do grande sympathico e dando logar á retracção do testiculo no homem, á dôr ovarica na mulher. As urinas são escassas, rubras, ás vezes misturadas com sangue. Devemos combater o espasmo pela hyosecyamina e restabelecer a secreção urinaria pela digitalina.

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora.

A lavagem do intestino pelo sal de Sedlitz é tanto mais necessaria que a accumulacção das materias fecaes no colon augmenta a dôr renal. Para memoria mencionamos os banhos de vapor terebenthinados, por causa da sua influencia sobre as urinas.

Quando houver abundancia d'acido urico, recorrer-se-ha ao acido benzoico.

Um granulo de quarto em quarto de hora.

A febre da nephrite será combatida pela veratrina na forma continua

Um granulo de meia em meia hora

e pelo hydro-ferro-cyanato de quinina na forma de accessos.

Um granulo todas as meias horas.

Cystite.—Na cystite deve attender-se particularmente ao estado das urinas e das mucosidades. Efectivamente ha ahí duas origens d'irritação. Por um

lado a alcalinidade, pelo outro a acidez: nas urinas, o acido urico, nas mucosidades os chloruretos. E' portanto necessario insistir na lavagem intestinal pelo sal de Sedlitz, na digitalina e no acido benzoico.

De cada—um granulo (conjunctamente) todas as meias horas.

Os puxos—ás vezes tão dolorosos—serão acalmados pela hyosecyamina.

Um granulo de meia em meia hora com os granulos de digitalina e d'acido benzoico.

Se a febre for intensa, faremos com que ella decresça, administrando a aconitina e a veratrina.

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora.

Na forma d'accessos dar-se-ha o hydro-ferro-cyanato de quinina.

Um granulo de meia em meia hora, até cessarem os accessos.

Devemos dizer aqui algumas palavras ácerca das cystites devidas aos apertos uretraes em que a medicina dosimetrica pode prestar immensos serviços.

Effectivamente é raro que a retenção da urina dependa exclusivamente da obliteração do canal uretral. D'um lado ha espasmo do collo vesical e do outro paralysisa do corpo. Em antes de recorrer ao catheterismo forçado é conveniente pôr de parte estas causas vitaes, por meio da cicutina, da hyosecyamina, e da strychnina.

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora, até que cessem o espasmo e a retenção das urinas.

Metrite.—Já tratamos da metro-peritonite. O que

temos a dizer da metrite reduz-se a pouco, porque o utero, fora do estado gravido, tem pouca sensibilidade. O orgão dorme. O proverbio: *Mulier est quod est propter uterum*, refere-se mais aos ovarios, que estabelecem verdadeiramente a feminidade, como os testiculos a virilidade. O utero tem um tecido compacto, quasi semelhante a couro, d'onde resulta que, fora da gravidez, raras vezes se engorgita.

Distingamos todavia a metrite por causa externa, consequencia de operações que se practicam no utero e que podem occasionar symptomas gravissimos e dores vivas e continuas, lacerantes, estendendo-se ao sacro e á região lombar com febre ardente.

Estes accidentes deverão ser combatidos com banhos, cicutina, hyosciamina.

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora.

e nos accessos, pelo hydro-ferro-cyanato de quinina,

Um granulo todas as meias horas.



Tratamento das doenças chronicas e diathesicas

As doenças chronicas são devidas a uma causa morbida provindo do organismo, ou do exterior. Em geral são *diatheses*, isto é, vicios de nutrição.

Esta palavra *vicio* não exclue a vitalidade; é effectivamente por causa d'uma falta de resistencia vital que a maior parte das causas morbidas actuam sobre nós. E' por isso que a dosimetria segue a lei constante de reforçar a vitalidade em lugar de a diminuir.

A palavra *diathese* é por si muito vaga por isso que implica apenas a disposição a certas doenças; mas esta disposição tem uma causa organica que é mister descobrir para lhe applicar a *dominante*, antes de qualquer outro tratamento.

Acabamos de dizer que as causas das diatheses existem em nós, ou fora de nós. E' debaixo d'estes dous pontos de vista que vamos examinal-as.

DIATHESES INTERNAS

As diatheses internas são inherentes ao organismo, ao seu funcionalismo.

No estado physiologico ha equilibrio perfeito entre a composição e a decomposição: a sahida compensa a entrada, de maneira que não ha excesso nem d'um, nem d'outro lado; ao mesmo tempo que os materiaes da nutrição são postos no seu lugar, os da desnutrição são eliminados ou sujeitos a nova elaboração. Os globulos rubros do sangue, tendo sido decompostos no

baço, os seus elementos cruoricos transportados ao fígadoahi servem á elaboração de globulos novos. A natureza tomou esta prudente precaução para não augmentar em demasia o trabalho de recomposição. E' uma construcção nova na qual faz entrar material antigo. E' na falta d'equilibrio dos dous movimentos de composiçãoe de decomposiçãoe que consistem as diatheses por causas internas. E' portanto este equilibrio que o medico deve tentar restabelecer. A medicina perde assim o que apresentava de humoral, ou iatro-chimico, para voltar á causa primaria, isto é, á vida.

Diathese plethorica. — Para bem dizer, esta diathese não constitue um estado morbido; é pelo contrario um excesso de saude, mas que, como plethora, pode ter consequencias gravissimas, até mortaes.

Por plethora deve entender-se o excesso de plasticidade do sangue, isto é, uma nutrição excessiva. E' portanto necessario combatel-a pelos diluentes e pelos refrigerantes, principalmente o uso regular do sal Sedlitz. As congestões locaes serão dissipadas pelas evacuações sanguineas feitas a tempo o nos sitios apropriados. (Vide *Congestões*).

A diathese plethorica dá logar ás doenças inflammatorias que nascem com a menor causa occasional, a ponto de parecerem espontaneas. Esta susceptibilidade inflammatoria deverá ser corrigida pelo emprego dos alcaloides defervescentes, como a aconitina, a veratrina e a quinina. Qualquer movimento febril deverá ser dissipado pela aconitina.

Um granulo todas as horas, até que o esforço congestivo desapareça.

E' principalmente n'esta prophylaxia que consiste a arte do medico e não em enfraquecer a economia com sangrias e dieta.

Diathese hemorrhoidaria.—Quanto na diathese plethorica o sangue é rutilante e plastico, tanto na diathese hemorrhoidaria elle é escuro na côr e quasi pegajoso. São os globulos rubros que, não se renovando a tempo, deixam de se oxygenar, de maneira que a hemoglobina em vez de deixar evolar o acido carbonico, exhala, pelo contrario, oxydo de carbone. E' n'esta venosidade do sangue que consiste a diathese hemorrhoidaria. Entraremos a este proposito em algumas explicações.

O oxygenio, levado pela respiração sob a pressão do ar atmospherico, passa atravez das paredes dos capillares e transporta-se á hemoglobina dos corpusculos sanguineos; forma-se assim um oxydo de hemoglobina a que os corpusculos devem a rutilancia. No envenenamento pelo oxydo de carbone, este entra nos globulos sanguineos e combina-se com a hemoglobina, a ponto de estes globulos não poderem receber mais oxygenio fresco e que o individuo morre asphyxiado; é o que succede em menor grau nos individuos de constituição hemorrhoidaria; é por isso conveniente fustigalhes o sangue por todos os meios, para lhe activar a descarbonisação.

Entre estes meios deve contar-se em primeiro logar o sal de Sedlitz que produzirá o effeito de tornar o sangue mais penetrante, mais avido d'oxygenio; em seguida os arseniats que egualmente dispõem á vivificação do sangue. Os individuos que habitam as planicies das montanhas, onde o ar é rarefeito e a pressão barometrica é menor, são obrigados a tomar arsenico para impedir as congestões pulmonares.

O estado hemorrhoidario predispõe ás congestões passivas: d'ahi provém o estado azulado dos tecidos apparentes e o pezadume geral. A estes individuos mandar-se-ha tomar todos as manhãs o sal de Sedlitz e á noute dous granulos de arseniato de estrychnina,

para despertar a tonicidade dos vasos e augmentar a rutilancia do sangue. Estes individuos são predispostos ás febres algidas, ou apoplectiformes, que serão combatidas pelo arseniato de quinina. (Vide atraz: *Febres algidas.*)

Diathese esplenica.— Como acima dissemos, em geral admitte-se hoje que os globulos rubros que já circularam e que assim ficaram fora de uso, não podendo renovar o oxygenio, admitte-se, diziamos nós, que estes globulos são destruidos no baço (1)—como o ferro velho na fundição — e que a materia córante, ou hemoglobina é transportada ao figado para servir á formação de globulos novos. Quando esta destruição não tem logar, ou é insufficiente, ha diathese esplenica, isto é, o baço engorgita-se e este engorgitamento transmite-se successivamente a toda a veia porta; isto fez dizer aos antigos: *Venaportarum, porta malorum.* Nestes engorgitamentos convem o arseniato de ferro, o arseniato de istrychnina, o arseniato de soda.

De cada, um granulo (conjunctamente) tres a quatro vezes por dia.

e de manhã o sal Sedlitz

Uma colher-de-chá em um copo de agua.

Já indicamos atraz os symptomas das congestões abdominaes e por isso para lá enviamos o leitor.

(1) De recentissimas experiencias feitas por M. Schiff, e apresentadas no ultimo congresso internacional das sciencias medicas, parece inferir-se que o baço não tem influencia sobre a quantidade dos globulos brancos, ou rubros do sangue. O seu papel na economia parece limitar-se a produzir o fermento que converte certa substancia especial existente no tecido do pancreas em pancreatopepsina que é o agente principal da digestão duodenal das substancias albuminoides.

O. C.

Diathese obesa.—Esta diathese observa-se principalmente nos litteratos, nos quaes a vida intellectual predomina sobre a vida animal: as arterias são muito pequenas, as extremidades carnudas, e por isso não são as congestões que ha a receiar, mas a estase sanguinea. E' principalmente no figado que se produzem estas obstrucções e por isso estes individuos estão expostos ás hydropisias, tanto mais que a vida de gabinete acaba por determinar a chloro-anemia. Os obesos devem por isso obrigar-se a muito exercicio, conservar o ventre livre pelo sal de Sedlitz e tomar á noute dous granulos de arseniato de estrychnina para activar todas as funcções. Seguindo este regimen, os grandes espiritos podem impunemente entregar-se aos seus trabalhos de gabinete.

Diathese chloro-anemica.—Esta diathese é caracterizada por anhelção, côr pallida, devida á predominancia dos globulos brancos, ou antes á sua não-transformação em globulos rubros. Devemos recordar aqui o estado da physiologia ácerca d'esta genese.

Origem dos globulos brancos.—Estes globulos, pelos seus caracteres anatomicos, são em tudo semelhantes ás celulas embryonarias. Teem uma forma arredondada e compõem-se de uma membrana envolvente e de um conteudo liquido, no seio do qual se descobre um nucleo arredondado, encerrando um nucleolo. Estes globulos constituem organismos independentes: n'esta qualidade, executam no seio do liquido que os contém certos movimentos e podem, sob certas influencias, modificar a sua forma arredondada.

Os globulos brancos encontram-se na lympha, no chylo e no sangue. Elles constituem quasi exclusivamente os elementos do chylo; na lympha estão misturados a alguns globulos rubros. Existem em muito me-

nor quantidade no sangue, onde predominam os globulos rubros. N'este liquido encontra-se 1 globulo branco para 350 globulos rubros.

Os globulos brancos derivam, no primeiro periodo da vida fetal, das espheras intestinaes do ovo; mais tarde formam-se outros nos ramos de origem dos vasos chyliferos e lymphaticos: provavelmente á custa das granulações elementares que ahi se encontram. Tambem se formam em certos órgãos parenchymatosos, como os ganglios lymphaticos, as capsulas suprarenaes, o corpo thyroideo. Esta ultima opinião baseia-se sobre o seguinte facto: que, no sangue que sae de um órgão parenchymatoso, se encontram corpusculos brancos em quantidade muito mais consideravel, que n'aquelle que lá entra. As observações sobre este ponto foram principalmente feitas com o figado. O phenomeno apresenta alli a maior intensidade, durante a digestão.

Fundando-se sobre a analogia de estructura suppoz-se que outros órgãos parenchymatosos deviam representar o mesmo papel a respeito dos globulos brancos. O baço faz excepção a esta regra.

Por observações microscopicas, feitas em coelhos e rans, parece que se formam egualmente corpusculos brancos na medulla dos ossos, d'onde passariam ao systema capillar da membrana medullar.

Eis as opiniões mais geralmente admittidas sobre a origem dos globulos brancos do sangue. Em quanto ao seu papel physiologico elles são destinados a transformar-se em globulos rubros.

Globulos rubros.—Dissemos que estes globulos se encontram na lymphá em pequena quantidade e, pelo contrario, em quantidade consideravel no sangue e mais abundante no sangue arterial do que no sangue venoso. Formam discos achatados com uma depressão

ao centro. São igualmente cellulas com uma membrana d'envolucro e um conteudo escuro. Não teem nucleos, nem nucleolos. A opinião geral é que derivam dos globulos brancos do sangue e que esta transformação principalmente se opera em certos órgãos parenchymatosos, onde se formam ao mesmo tempo os globulos brancos. (Vide o que se disse atraz).

Esta opinião funda-se principalmente nas observações microscopicas de Kœliker: examinando certas partes de uma rã, Kœliker diz ter visto os globulos brancos transformar-se em globulos rubros no interior dos ganglios lymphaticos. Nos batrachios, estes ganglios formam plexus onde manifestamente se vê a lymphá passar aos vasos sanguineos. A transparencia dos tecidos permite seguir assim com a vista armada com microscopio a metamorphose dos glogulos brancos em globulos rubros. Kœliker diz ter visto tambem os globulos brancos perder o nucleo por absorpção, achatar-se no centro e tornar-se em tudo semelhantes aos globulos rubros. Pelo factó, acima citado, da origem dos globulos brancos na medulla rubra dos ossos, podemos crer que uma formação analogá ahi terá logar. Aqui os globulos brancos, depois de ter penetrado no interior dos capillares (segundo Kœliker), soffreriam em primeiro logar uma mudança de côr: até então incolores, adquiririam uma côr escura, em seguida desagregar-se-hia o nucleo, e soffreriam um achatamento pelo retrahimento da parte central, para constituirem assim globulos rubros perfeitos.

Papel physiologico dos globulos rubros do sangue.— Está hoje bem determinado que estes globulos representam um papel importante no acto da respiração, fixando em grande parte o oxygenio do ar inspirado e transportando-o atravez dos differentes tecidos para servir aos actos chimicos da calorificação e da nutri-

ção. Devemos mencionar também uma opinião recente sobre a intervenção dos globulos rubros na formação da materia córante da bilis. O seu papel seria bastante complicado: estaria ligado á propriedade do baço destruir os globulos rubros em certas circumstancias. Assim, se o sangue está pobre em globulos rubros o baço não lh'os tira d'um modo sensivel; se, pelo contrario, estes globulos estão em excesso, o baço fica com boa parte d'elles, mas para os utilizar d'outra maneira: Os globulos ahi se destroem, cedem a materia córante á albumina do sangue que a transporta ao figado pela veia porta, onde seria transformada em cholepyrhina, bilifulvina, etc. Esta opinião, principalmente na ultima parte, só tem o valor de uma hypothese que pode dar logar a experiencias; merecia por isso ser citada aqui. Em quanto ás outras funções dos globulos rubros: como a de penetrar no interior dos órgãos e de se tornarem parte constituinte d'elles; em quanto á de formarem no seu interior urea e as materias extractivas do sangue, ellas não são em geral admittidas e carecem de exame ulterior.

Elementos anatomicos do sangue no estado pathologico.
—No estado physiologico o numero dos globulos brancos está, como dissemos, para o dos globulos rubros na razão de 1 para 350. Em certas doenças, esta relação pode mudar e o numero dos globulos brancos tornar-se então superior ao dos globulos rubros, tendo este soffrido uma diminuição notavel. Este facto observa-se na leucocythemia.

A accumulção dos globulos brancos no sangue coincide com uma hypertrophia dos ganglios lymphaticos, o que tende a corroborar a opinião de que estes globulos se formam n'estes órgãos.

O estudo de certas affecções permittiu também verificar que, além das suas funções physiologicas, os

globulos brancos do sangue podem realizar outras no estado pathologico. Assim é que, na thrombose venosa e arterial, os globulos brancos concorrem largamente á organisação do thrombus em tecido connectivo; na suppuração são estes globulos que, na maior parte, constituem os elementos celulares do pus. Esta opinião funda-se na observação directa. Um dos discipulos de Virchow, o doutor Konheim, examinando ao microscopio a membrana mesenterica de uma rã, viu formar-se no seu interior um foco purulento por accumulção dos globulos brancos do sangue que sahiam directamente dos vasos.

Por esta exposiçào do estado actual da sciencia ácerca dos globulos brancos e dos globulos rubros do sangue, dos seus destinos physiologico e pathologico, o medico pode formar ideia exacta da diathese chloro-anemica e das doenças a que predispõe.

No sangue do chlorotico ha manifesta insufficiencia de globulos rubros, coincidindo com uma depressão do calorico animal e provavelmente tambem da electricidade. Physica, como vitalmente, o corpo vivo é um apparelho electrico: é mister que a pilha não esteja carregada de mais, nem de menos. O chloro-anemico acha-se n'este ultimo caso; por isso a insufficiencia vital se manifesta em todas as funcções. O pulso fraco e accelerado é acompanhado de anhelação e de palpitações do coração ao menor cansaço; o appetite é nullo, ou desordenado, a digestão lenta, mais, ou menos penosa; o sangue está descórado e não tem plasticidade; a impressionabilidade morbida é muito pronunciada e as doenças nervosas e inflammatorias muito promptas a apparecer. Se as mulheres novas pagam tão triste tributo á febre puerperal, isto é, á metro-peritonite, é porque um grande numero d'eilas são chloro-anemicas.

Agora comprehende-se que o tratamento da chloro-anemia deve ser tanto dietetico, como therapeutico.

Tenhamos o cuidado de não abarrotar os doentes com medicamentos grosseiros como se faz em allopathia; não os submettamos desde logo a um regimen excessivo; forneçamos-lhe por gradações insensíveis o ar, a luz, a alimentação; façamos como o bom jardineiro que, quando uma planta está achacada, estiolada, não a expõe subitamente ao sol, mas acostuma-a insensivelmente a elle, e que não lhe dá desde logo um adubo muito quente, mas uma terra leve e solta; que emfim por um bom amanho, habilmente fabricado, lhe fornece os materiaes necessarios á reparação organica.

Da mesma maneira ha certos elementos que faltam no sangue dos chloro-anemicos; o ferro, por exemplo. Não se deve esquecer que o ferro é necessario para restabelecer a hemaglobina, ou a materia córante dos globulos rubros. Bastam alguns milligrammas de arseniato de ferro para que volte a côr do rosto. Dê-se pois esta preparação como a mais activa e que tem uma acção directa sobre a côr e a plasticidade do sangue.

Quatro a seis granulos por dia.

Mas não bastam os reconstituintes do sangue; primeiro que tudo—os incitantes vitaes. O acido phosphorico e o arseniato de estrychnina são aqui necessarios:

De cada, um granulo (conjunctamente) tres vezes por dia.

As convulsões chloro-anemicas serão combatidas pelo cyanureto de zinco:

Tres a quatro granulos por dia conforme a idade.

Preconisou-se ultimamente o phosphureto de zinco. Finalmente na chloro-anemia é necessario vigiar as congestões por causa da facil passagem dos globulos brancos ao tecido connectivo e das desordens organi-

cas que d'ahi podem resultar. Isto leva-nos a fallar da diathese tuberculosa, ou phthisiose.

Diathese tuberculosa, ou phthisiose.—E' natural procurar no sangue a origem da tuberculose, transmittindo-se ella por herança e sendo quasi constantemente precedida de chloro-anemia. Eis como Hufeland caracteriza o periodo prodromico da phthisica: «Os signaes geraes d'este periodo são a anhelção ao menor movimento, perda do alento ao subir escadas, impossibilidade de suspender por algum tempo a respiração, de tomar inspirações profundas, de correr, de fallar muito tempo, ou de impor aos pulmões qualquer exercicio sem sentir precisão de tossir; calor nas mãos, injeção das faces, principalmente depois das comidas, velocidade do pulso que augmenta á menor excitação, rubor insolito da lingua e dos labios, predisposição ás doenças, principalmente ás dos pulmões.»

N'estes symptomas, reconhece-se a chloro-anemia: é que effectivamente ha, na predisposição aos tuberculos, ou phthisiose, leucocythemia ou predominancia dos globulos brancos do sangue sobre os globulos rubros.

Acabamos de expor a theoria de Konheim que faz derivar os productos pathologicos dos globulos brancos, ou leucocythos; é provavel que assim succeda tambem com os tuberculos que originariamente são cellulas. Na phthisiose, ou phthisica incipiente deve portanto empregar-se os mesmos meios que na chloro-anemia, isto é, conservar a virtualidade do sangue por um regimen salino e pelos arseniatos. As aguas mineraes salinas e arseniatadas, como as da Bourboule (Auvergne) são efficacissimas n'estes casos. O Repertorio de 1876 forneceu um exemplo comprovativo.

Na phthisica confirmada combateremos a febre de

accessos pelo arseniato e pelo hydro-ferro-cyanato de quinina:

De cada, cinco a seis granulos por dia,
e a febre consumptiva pelo arseniato de cafeina.

Oito a dez granulos por dia.

Convem ser sobrio de narcoticos porque impedem a expectoração. Daremos com bom resultado o iodofornio e a codeina:

De cada, um granulo (conjunctamente) contra os accessos de tosse. (1)

As forças digestivas serão, finalmente, sustentadas pela quassina:

Quatro granulos por dia, meia hora antes das comidas.

Não devemos, com certeza, ser optimistas, mas tambem não devemos ser pessimistas a ponto de desesperar de qualquer cura. Pelo contrario, tem havido algumas espontaneas, o que prova que as pode tambem haver com cuidados bem entendidos. Digamos todavia que é principalmente a prophylaxia que deve ser instituida; é por isso que desejaríamos que as creanças nascidas de progenitores phthisicos, ou lymphaticos, ficassem cedo sujeitos ao regimen do leite arseniatado. Poderia obter-se leite arseniatado natural, mandando tomar á ama, ou á mãe, granulos de arseniato de antimonio (dez por dia). Com esta precaução poderíamos consentir que a mãe phthisica creasse o seu filho, tendo sempre em vista as forças physicas d'ellia. Mas pode dizer-se que em geral as mulheres que criam, gozam

(1) Para este fim é tambem de grande proveito o bromhydrato de cicutina

3 a 5 granulos por dia.

d'um augmento de vitalidade, que faz com que todas as funcções sejam mais activas.

Diathese escrofulosa.—*Escrofulose.*—A diathese escrofulosa ou escrofulose é devida á acescencia dos humores originada pelos acidos butyrico e lactico. D'ahi provém a inchação dos tecidos brancos, os engorgitamentos glandulares, o amollecimento dos ossos e das cartilagens, os abscessos frios. E' por isso necessario fortificar estas constituições por um regimen salino, e a residencia á beira-mar. Dar-se-ha o xarope antiscrofuloso iodado, acrescentando, como incitante vital, o arseniato de estrychnina:

Tres a quatro granulos por dia, um granulo de cada vez com uma colher de xarope iodado. (4)

Diathese papeirenta.—Esta diathese é caracterisada por um desenvolvimento anormal do corpo thyroideo; observa-se nos valles profundos, como no sobpé dos Alpes, das Cordilheiras, dos Andes; parece devida á ausencia do iodo na agua. O que é certo, é que, submettendo os papeirentos a um regimen iodado, o corpo thyroideo volta rapidamente ao seu volume normal. A preparação que mais convem n'estes casos é o iodureto d'arsenico.

Quatro a seis granulos por dia.

Dar-se-hão simultaneamente algumas pinceladas com tintura d'iodo.

O cretinismo é uma escrofulose enxertada na diathese papeirenta; é o ultimo grau da degradação humana, uma raça destinada a extinguir-se.

(1) O acido salicylico sendo hoje considerado como um dos melhores *fundentes* parece racional applicar o salicylato de ferro nas manifestações d'esta diathese.

O. C.

Diathese urica, ou gottosa.—Esta diathese é devida a um estado constitucional, a maior parte das vezes hereditario, e que é caracterizado por um excesso de urea no sangue. O acido urico ataca os tecidos brancos, torna-os tumentes e produz a inchação das extremidades articulares. A gotta procede por intervallos, ou accessos, cuja intensidade será mitigada pelos alcalinos, principalmente o benzoato e o carbonato de soda:

Dez a doze granulos por dia, quando as urinas estiverem carregadas de sedimento vermelho,

e pelo uso quotidiano dos saes de Sedlitz.

A gotta atonica (isto é, quando se não desenvolve externamente) será combatida pelos arseniats de ferro e de soda:

De cada, cinco a seis granulos por dia.

Os accessos de gotta serão moderados pela digitalina e pela colchicina:

Um granulo de cada (conjunctamente) de hora a hora, até que a febre decline.

Se a febre proceder por exacerbações nocturnas, dar-se-ha o hydro-ferro-cyanato de quinina:

Um granulo de duas em duas horas, até cessação da febre.

Diathese rheumatismal.—Esta diathese é devida á retenção no sangue dos principios da transpiração cutanea, ou acido sudorico; d'ahi, a acescencia que a caracteriza, a inchação das partes fibrosas: tendões, nevrilemmas e as dores nevralgicas que as acompanham. O tratamento em quanto á causa, ou *dominante* consiste, como na diathese gottosa, no emprego dos alcalinos;—e, em quanto á *variante*, nos defervescentes

(aconitina, veratrina) e nos antiperiodicos (hydro-ferro-cyanato, arseniato de quinina.)

A febre deve ser combatida com energia, por causa do deslocamento do principio rheumatismal para os orgãos nobres. Deveremos portanto dar pinceladas de tintura de iodo em todos os pontos ameaçados.

Diathese glycosurica.—Esta diathese é caracterizada por um excesso de assucar no sangue e frequentes vezes pela sua acidificação, como o provam as secreções. O assucar fabrica-se no figado e, quando não é integralmente queimado, elimina-se pelos rins; todavia nem todos os diabeticos tem assucar nas urinas. Esta substancia, não queimada, ficando então depositada nos tecidos, occasiona as dores vagas de que se queixam os diabeticos e que são attribuidas a rheumatismo, ainda que entre estas duas affecções haja completa differença de origem, por isso que uma é de natureza hydro-carbonada; a outra, de natureza azotada. O diabetes saccharino acaba por produzir o marasmo e estragos nos outros orgãos. Urge combater esta diathese por um regimen salino e pelos arseniados de estrychnina e de ferro, para redintegrar o sangue nas suas condições de virtualidade:

De cada, tres granulos (conjunctamente) por dia.

Insistir-se-ha no uso quotidiano do sal de Sedlitz:

O diabetes depende muitas vezes de um estado de irritação da espinal medulla e dos pedunculos cerebraes, como se observa após excessos venereos. N'estes casos devemos insistir no emprego da camphora bromada com a hyoseyamina e a cicutina.

Um granulo de cada (conjunctamente) de manhã e á noite.

Os diabeticos estão muito sujeitos á febre erratica,

que será combatida todas as vezes com o arseniato e o hydro-ferro-cyanato de quinina.

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora, durante toda a duração do accesso.

Diathese albuminurica.—Esta diathese é caracterizada pela albumina nas urinas e constitue uma grande causa de debilitação; é por isso que muitas vezes sobreveem convulsões eclamptiformes, como depois do parto. O sangue privado dos seus elementos proteicos, fica em agua; d'ahi vem tambem a hydropsia. E' portanto preciso restituir a densidade ao sangue, o que se obterá com o regimen salino e evitar a anemia dando os arseniatos (arseniato de estrychnina e de ferro).

De cada, 3 a 4 granulos por dia (conjunctamente).

Insistir-se-ha em um regimen analeptico, ou restaurador.

A febre erratica que se observa perto da noute será combatida com o arseniato e o hydro-ferro-cyanato de quinina:

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora, até cessação da febre.

Diathese chylurica.—Esta diathese é caracterizada por urinas brancas, ou lactescentes, como chylo. O microscopio permite effectivamente, verificar n'ellas um certo numero de globulos brancos e de globulos rubros e uma quantidade innumeravel de granulações moleculares agitadas com o movimento Browneano. D'onde a onde alguns globulos de gordura.

Vê-se que são os elementos do chylo e não pode explicar-se a sua presença nas urinas senão por *error loci*, isto é, o transporte d'estes globulos, atravez a torrente circulatoria, até aos rins.

A chyluria é uma doença propria dos paizes quentes e por conseguinte connexa ao torpor do figado. Os meios curadores estão de per si indicados: mandar-se-ha tomar aos doentes, todas as manhãs, uma ou duas colheres de chá de sal Sedlitz e ás comidas tres granulos de quassina. A alimentação deve ser fresca e substancial.

Diathese cholurica.—Esta diathese é devida á presença na urina da materia errante da bilis, ou bilifulvina. Não se deve confundir esta ultima com o principio córante da urina, que differe com o estado do sangue e dos nervos. Na choluria, as urinas são constantemente acidas, por causa do excesso dos acidos biliares além do acido urico. A choluria dá logar a um mal-estar geral e a soffrimentos nos diversos órgãos que podem levar-nos a consideral-os como os do rheumatismo. E' certo que o tratamento é quasi o mesmo por isso que consiste no emprego dos alcalinos e dos arseniatos. Insistir-se-ha principalmente no arseniato de estrychnina e na digitalina:

De cada, 3 ou 4 granulos por dia (conjunctamente).

Ao mesmo tempo dar-se-ha a quassina, para des-
pertar o torpor do figado:

Quassina
dous granulos ás comidas.

Todas as manhãs, sal de Sedlitz como temperante do sangue.

Diathese blennurica.—Esta diathese consiste em um estado em que as urinas são habitualmente carregadas de mucosidades que, actuando como fermento, decompõem a urina e dão logar a carbonato de ammoniaca, o qual tem por effeito não só irritar a bexiga,

mas precipitar os phosphatos terrosos e favorecer assim os depositos de phosphatos ammoniaco-magnesianos.

Este estado será melhorado por lavagens diarias com o sal de Sedlitz e pelo emprego do benzoato de soda.

Diathese alcalinurica.—A alcalinidade das urinas pode depender de bases fixas, ou volateis. As bases fixas são a soda, a cal, a magnesia; a base volatil, a ammoniaca. As bases fixas proveem quasi sempre de alimentos contendo muitos saes alcalinos, ou de aguas calcareas. As aguas alcalinas, como as de Vichy, Vals, Contréxeville, Carlsbad, Marienbad podem egualmente produzir este resultado. A ammoniaca provém do sangue e indica um regimen irritante e a não-conversão do azote em urea; ha por conseguinte perigo constante de typho. O uso diario de sal de Sedlitz obviará a este perigo, sem augmentar as bases fixas, porque a pequena quantidade de magnesia que deixa depositar previne as colicas, neutralizando os acidos do intestino. E' por isso que este sal convem ás pessoas dyspepticas.

O Sedlitz Chanteaud pode com vantagem substituir as aguas mineraes salinas artificiaes.

Diathese acidurica.—O estado acido da urina, como Liebig mostrou, provém do phosphato acido de soda, ainda mais do que do acido urico que se acha ahí no estado de urato neutro e de que os saes não são solueis a frio, nem tambem o acido urico.

A acidez das urinas pode egualmente ser devida a acidos organicos fixos e mais raras vezes a acidos gordurosos volateis.

A urina de reacção fortemente acida é em geral muito pigmentada e de côr escura ou amarello-avermel-

lhada. Pelo resfriamento precipita uratos em abundancia; o seu pezo especifico é ordinariamente muito consideravel.

O abuso dos acidos mineraes, e certas dyscrasias, como o rheumatismo gottoso, são as causas mais frequentes das urinas acidas. Os acidos organicos, transformando-se em carbonatos alcalinos tornam a urina mais facilmente alcalina do que acida.

A aciduria predispõe aos calculos uricos e uratados e provoca os catarrhos vesicaes. Comprehende-se desde já quanto o uso habitual do sal de Sedlitz é importante para prevenir as graves doencas que accommettem as mais fortes constituições. Estas doencas desaparecerão com o Sedlitz Chanteaud.

Devemos n'esta occasião dizer algumas palavras da oxaluria, ou da presença nas urinas do acido oxalico e da formação de calculos mammiculados, ou de oxalato de cal. Esta diathese é o producto de uma alimentação feculenta e assucarada. O assucar sendo incompletamente queimado, converte-se em acido oxalico. Demonstramos este facto alimentando cachorros com materias feculentas e assucar. Para impedir esta diathese é mister ter um regimen azotado e salino. Devemos tambem fallar da necessidade do sal commum ou chlorureto de sodio no regimen alimentar. Um chimico, M. Bergé, demonstrou que, sem o sal no plasma do sangue, a fibrina, a albumina, a musculina, a osteina, isto é, todos os succos nutritivos do sangue e dos nossos tecidos se solidificariam e os globulos sanguineos se dissolveriam.

Estes globulos decompõem-se em uma solução de albumina pura assim como na agua distillada, em quanto que a agua albuminosa contendo um centesimo apenas de sal commum conserva perfeitamente estes globulos sem que elles se alterem. Quando na alimentação do homem se suprime o chlorureto de sodio, elle

torna-se pallido, chlorotico, edematoso; o appetite desaparece, a secreção da saliva e do succo gastrico diminue. O sangue salgado absorve mais oxygenio, estimula o acto physico-chimico da nutrição dos tecidos e provoca a expulsão, pelos rins, os pulmões e a pelle, dos principios azotados da nutrição regressiva. Por aqui se vê quanta importancia o regimen salino tem para a conservação da saude.

Diathese hemaglobinurica.—Esta diathese é caracterizada pela presença da materia córante do sangue nas urinas e indica uma decomposição dos globulos rubros. Foi observada consecutivamente a envenenamentos pelo oxydo de carbone e pelo hydrogenio arseniado, o sulfato de cobre e o chloral.

A hemaglobinuria espontanea observa-se egualmente, mas mais raras vezes; o Repertorio de 1873 publicou um caso notavel. O mancebo que foi o objecto da observação curou-se graças ao diagnostico que se pode fazer a tempo e a um tratamento apropriado.

A hemaglobinuria distingue-se da hematuria por um caracter distinctivo: a ausencia de globulos e de fibrina nas urinas; devemos acrescentar a ausencia de albumina porque aqui não se obtem coagulum senão pelos reagentes chimicos que desdobram immediatamente a hemaglobina: o acido acetico, por exemplo. O acetato de chumbo, que não decompõe a hemaglobina, nem sequer turva os liquidos que a conteem em solução. (Spring).

A presença da hemaglobina na urina, revela-se por uma materia tenue, semelhante ao pó de café, insolvel no ether. Quando a quantidade de hemaglobina evacuada pelas urinas é pouco consideravel não podem d'ahi resultar graves inconvenientes para a saude: mas não succede o mesmo quando esta quantidade chega a

representar muitas onças de sangue, do que Vogel já citou exemplos.

A diathese hemaglobinurica será remediada pelos arseniatos de estrychnina, de ferro:

De cada, 3 a 6 granulos por dia,

por um regimen salino, uma alimentação forte e muito exercicio activo.

Na hemaglobinuria toxica, provindo da permanencia em um sitio limitado onde se desenvolveu oxydo de carbone, ou hydrogenio arseniado, deveriamos recorrer á transfusão para restituir ao sangue globulos sanguineos vivificados.

As injecções de chloral para produzir a anesthesia tem sido seguidas de morte por asphyxia e por isso é prudente abstermo'nos d'ellas, quando temos o bichlorureto de metylene que nunca falseia o seu effeito.

Diathese uremica.— Os rins sendo encarregados de eliminar a urea do sangue, sob a forma d'acido urico e de uratos, devemos examinar as alterações que podem resultar d'uma eliminação insufficiente. Comprehende-se que estas alterações dependam de uma intoxicção; d'ahi o nome de Toxiemia renal proposto por Ruth. A urea não é um veneno, por isso que foi possível introduzil-a em quantidades relativamente enormes no sangue de animaes sem occasionar a morte, nem envenenamento. Estas alterações, segundo o professor Freirichs, seriam devidas ao carbonato d'ammoniaca formado á custa da urea accumulada no sangue; a esta theoria oppoz-se a ausencia de um fermento; mas não podem as materias albuminoides do sangue actuar como fermentos? O que é certo é que os animaes a que se extirpou os rins, morrem no meio dos symptomas d'uma decomposição putrida, como M. Cl. Bernard o demonstrou.

O typho que é caracterisado pela raridade das urinas, para bem dizer é apenas uma uremia. Objectação que a operação pode ter occasionado uma septicemia; mas os mesmos symptomas typhoides se produzem quando se obtura os poros cutaneos de um animal (por exemplo, um cavallo) por meio d'um verniz impermeavel. Ora a pelle supprime os rins na eliminação da urea sob a forma de acido sudorico.

No cholera asiatico, em que a suppressão da urina é completa, vemos sobrevir durante o periodo de reacção um estado typhoide que não pode explicar-se a não ser pela retenção da urea no sangue.

A urina, em condições normaes, elimina uma serie inteira do productos inassimilaveis, verdadeiras fezes organicas, as quaes sob a influencia da oxidação, ou de qualquer outra acção chimica, tendem a metamorphosear-se em urea: uma parte d'estas substancias sofre esta transformação nos tecidos, no sangue e talvez tambem nos rins; a outra é eliminada pela urina sem mudança ulterior. Se a anuria se declarar, todos estes productos se accumularão brevemente, ou se decomporão no sangue e no parenchyma, e a acção d'elles sobre a polpa nervosa traduz-se por phenomenos uremicos. (Spring.)

Estas formas morbidas são numerosas, e por isso só podemos indical-as aqui summariamente.

Accidentes uremicos.—São em geral alterações nervosas que offercem, ora o character da depressão, ora o da excitação.

Como observa Rosenstein, a influencia depressiva affecta de preferencia o cerebro e os orgãos dos sentidos, a ponto de constituir uma anemia aguda do encephalo: isto é, na uremia ha constantemente empobrecimento do sangue, ou hydremia. As necropsias mostram que na uremia ha edema, ou pelo menos, ane-

mia do cerebro, como o Dr. Monod verificou em creanças que morreram uremicas.

Os accidentes que caracterizam a uremia são os seguintes: apathia intellectual, somnolencia, coma. O coma uremico pode ser em tudo semelhante ao coma apoplectico, mas ordinariamente não é tão profundo, nem tão permanente; o doente em certos momentos recupera a sensibilidade e a consciencia; o coma é então substituído pelo pasmo. E' depois d'algumas d'estas remissões que o coma se torna persistente. (Spring.)

Vemos verificar-se aqui o que já dissemos da febre apoplectiforme e do seu tratamento, isto é, que nos devemos abster das emissões sanguineas, mas recorrer desde logo ao hydro-ferro-cyanato de quinina contra os accessos.

A reacção febril que acompanha os accessos uremicos apresenta algumas vezes uma elevação consideravel da temperatura animal (40.^o c.). N'este caso recorreremos á veratrina:

Um granulo de meia em meia hora,

mas para voltar logo ao hydro-ferro-cyanato de quinina quando se deprimir o calorico (37.^o c.)

Isto em quanto á uremia aguda; em quanto á uremia chronica, as suas formas são muito diversas; assim do lado dos orgãos dos sentidos se observa a amblyopia, podendo chegar até a suppressão da vista e devida ao edema sub-retiniano, que o ophtalmoscopio permittirá distinguir da hemorrhagia retiniana. N'este caso daremos:

Acido phosphorico,
Sulfato de estrychnina,
Hydro-ferro-cyanato de quinina,

de cada, um granulo (conjunctamente) de hora a hora.

Uma particularidade a que o medico deve dar attenção, é se as pupillas conservam, ou não a contra-

ctilidade; distinguirá assim a amaurose symptomatica da amaurose organica; isto é, deverá abster-se de tratamentos superfluos, ou nocivos. Na uremia os deslumbramentos só se dão excepcionalmente.

Do lado do ouvido ha zumbidos e tinidos, que dependem da seccura das membranas do ouvido interno. N'este caso a surdez provém do edema dos utriculos auditivos, d'onde podem resultar vertigens e alterações da coordenação dos movimentos (vide *otite*), dores cephalicas de forma geralmente hemicraneana.

Aqui são indicados os mesmos meios que na amblyopia.

Do lado dos órgãos de movimento, ha convulsões, quasi sempre clonicas, devidas tambem á anemia ou hydremia cerebral. Estas convulsões affectam a forma da epilepsia e são precedidas da *aura* epileptica. Comprehende-se quanto o tratamento deve aqui variar conforme ha amollecimento, ou induração, do tecido da espinal medulla.

Dar o bromureto de potassio em todos os casos, seria o famoso: «*Prenez mon ours*» do finado Scribe (em «*O urso e o Pacha*»).

Na epilepsia hydremica daremos pois:

Arseniato de ferro,
Arseniato de estrychnina,
Digitalina (conjunctamente),
de cada, tres granulos por dia.

O bromureto de potassio só é indicado nos espasmos agudos.

Na uremia existem algumas vezes dores intoleraveis nos membros e nas articulações, as quaes serão acalmadas pela morphina e pela hyoscyamina:

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora, até sedação.

Insistir-se-ha no sal de Sedlitz com o fim de prevenir os embaraços gastricos devidos a um estado bilioso.

As gastralgias e as enteralgias serão acalmadas pela istrychnina e pela hyoscyamina:

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora, até sedação.

Havendo alterações da respiração: dyspnea, angina de peito, etc., como estas alterações podem rapidamente terminar pelo edema pulmonar, serão combatidas sem demora por:

Arseniato de ferro,
Arseniato de istrychnina,
Hyoscyamina,

de cada, um granulo de meia em meia hora (conjunctamente) até sedação.

Sobreveem tambem epistaxis passivas nos individuos atreitos aos alcoclicos; estas hemorragias serão combatidas por:

Hydro-ferro-cyanato de quinina,
Arseniato de ferro,

de cada, um granulo (conjunctamente) de quarto em quarto de hora, até cessação da epistaxis.

Diathese hydrurica.—No estado de saude, a relação media dos principios fixos e da agua da urina é de 360/1000; quando esta proporção excede 2000 pode dizer-se que ha hydruria; todavia não confundamos a hydruria com um augmento momentaneo da massa do liquido depois de abundantes libações; n'este caso as urinas não estão empobrecidas, ou ha antes substituição d'ellas pela agua da bebida. Na hydruria verda-

deira—a que tem logar, abstrahindo os liquidos ingeridos—ha perda de densidade, isto é, de elementos proprios. Este estado observa-se muitas vezes nas hysterias epileptiformes e depende da uremia, tendo ficado no sangue os principios extractivos das urinas. Concede-se que são indicados os mesmos meios que na uremia.

Faremos aqui uma observação relativa ás bebidas fermentadas, ou distilladas, cujo consumo vai constantemente crescendo por causa de um deploravel abuso que a força da opinião não pode reprimir.

E' conhecido o proloquio popular:

«O sangue dos bebados desfaz-se em agua;» effectivamente o alcool destroe os globulos rubros e, o ether (*o espirito*) infiltrando-se nos tecidos, o sangue passa ao estado aquoso. Acrescentaremos que a falta de principios salinos (as bebidas fermentadas, ou distilladas não os conteem, ou só em pequena quantidade) e o augmento da pressão intravascular produzem a albuminuria. (Vide esta doença).

O abuso das bebidas fermentadas produz portanto a hydruria dyshemica. Com effeito sabe-se que os grandes bebedores de cerveja são opados, infiltrados. Poderia invocar-se as circumstancias attenuantes em favor das cervejas lupuladas, mas na maior parte das cervejas assim chamadas, o lupulo é um mytho, além de se substituir a cevada germinada pela glucose e de se eliminar o gluten para tornar a cerveja mais limpida. O lupulo é substituido por amargos que não teem as qualidades antifermentativas d'aquelle e é por isso que a cerveja azéda e produz colicas e cruezas intestinaes. Acrescentemos mais que muitas vezes os fabricantes se servem d'agua selenitosa em logar d'agua potavel. Em vez de uma bebida salutar, tónica, nutriente, tem-se uma bebida agradavel á vista, mas debilitadora.

E' inutil dizer porque é que as visinhanças das tabernas estão inundadas.

DIATHESSES POR CAUSAS EXTERNAS

Diathese saturnina.—Esta diathese é devida á penetração do chumbo muito dividido, ou no estado de sal (carbonato, etc.), no interior dos tecidos—principalmente a pelle e a mucosa, como o indicam a côr plumbea, as orlas das gengivas, das unhas—e a uma anemia devida á alteração dos globulos rubros do sangue. Esta diathese transmite-se por hereditariedade, sob a forma de convulsões e de idiotismo.

A intoxicação saturnina occasiona prisão pertinaz de ventre com colicas violentas e paralyisia do intestino, dores e paralyisia dos membros, começando pelos extensores.

Os operarios que trabalham em chumbo e os pintores estão particularmente expostos á intoxicação saturnina. Egualmente se observa por causa das cervejas tiradas á bomba por tubos de chumbo.

Para destruir a diathese saturnina é mister eliminar o chumbo dos tecidos, para o que não ha meio melhor que os banhos de vapor sulphydrico do Dr. Brémond: o chumbo vem depositar-se á superficie do corpo em uma camada acinzentada (ou sulfureto). Podendo elevar-se o calor do banho a 40-42.º c. toda a materia sebacea se derrete e torna a pelle mais permeavel.

Contra a colica saturnina daremos:

*

Hyoscyamina,
Estrychnina (sulfato),

De cada, um granulo com uma colher-de-sopa de oleo de ricino recente, para repetir, passada uma hora, se o effeito se não tiver produzido.

Eis como se procede no hospital civil de Gand:

Depois de ter conservado o individuo durante alguns minutos (20 a 30) na caixa de vapores sulfurosos manda-se-lhe tomar um banho ordinario e em seguida uma colher de oleo de ricino, com um granulo de hyoscyamina e um granulo de sulfato de estrychnina.

A estrychnina é destinada a fazer cessar a paralyasia das columnas carnosas extensoras do grosso intestino e a hyoscyamina a dissipar o espasmo das fibras circulares.

Este tratamento é continuado em quanto os symptomas persistem.

O doente deve ter um regimen tonico e tomar todas as manhãs uma colher de chá de sal de Sedlitz.

A anemia deve ser combatida por:

Arseniato de ferro,
seis granulos por dia.

Diathese mercurial.—Ella é devida á presença do mercurio muito dividido, como nos fabricantes de espelhos, ou no estado de sal, por causa do abuso do tratamento mercurial. O mercurio produz os effeitos da syphilis secundaria: aphtas, salivação, erupções humidas da pelle, inchação das gengivas, dores nos membros, inchação dos ossos (gommas) alopecia, etc. Afora isto, produz-se ainda o tremor mercurial. Para combater esta diathese, é preciso submeter os indivi-

duos aos vapores iodados e ao mesmo tempo combater a anemia pelos tónicos.

O iodo forma com o mercurio um composto soluvel que é evacuado com urinas (proto-iodureto de mercurio).

Diathese cuprica.—Esta diathese é devida a envenenamentos criminosos ou accidentaes, ainda que aquelles sejam difficeis por causa dos vomitos provocados pelo sulfato de cobre. Outr'ora fazia-se muito uso de preparações de cobre no tratamento das ulceras de má natureza. A diathese cuprica pode egualmente depender da falsificação do pão.

As intoxicações pelo cobre dão logar a irritações gastro-intestinaes, com vomitos, colicas, dejecções alvinas sanguinolentas e a convulsões. Estes accidentes serão combatidos por:

Hydro-ferro-cyanato de quinina,
Hyoscyamina,

de cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora, até sedação.

Diathese tuthica, ou cadmica.—Observa-se nos operarios empregados na redução do minerio de zinco.

Pode egualmente ser o resultado da applicação do caustico de zinco. E' caracterisada por uma inflação do corpo, erupção petechial, salivação, perda de appetite e nauseas. Será combatida por um tratamento iodado e pelos tónicos.

Diathese iodica.—O iodo destroe a plasticidade do sangue, predispõe ás hemorragias passivas do nariz, dos pulmões, dos intestinos, produz a infiltração dos tecidos connectivos; n'uma palavra, dispõe ao lymphatismo. Para corrigir esta diathese são necessarios os reconstituintes do sangne.

Diathese arsenical.—Esta diathese provém do abuso do arsenico, sobretudo sob a forma de licores de Fowler e de Pearson de que é difficil precisar as doses e que imprudentemente se entregam aos doentes. Acrescentemos a paixão que tem havido por este medicamento.

Não é portanto para admirar que se veja sobrevir alterações do sangue, como em qualquer envenenamento metallico lento. A face oppila-se, principalmente as palpebras, a côr torna-se anemica, ha anhelção. Estes symptomas de anemia serão combatidos pelas preparações ferruginosas, principalmente o assucar d'oxydo soluvel de Chanteaud.

Diathese ferruginosa.—O abuso das preparações ferruginosas dá logar a uma dyspepsia caracterisada por peso d'estomago, eructações nidorasas, prisão de ventre, dejecções coloridas de negro pelo tannato ou pelo sulfureto de ferro. Para corrigir este estado, usar-se ha diariamente do sal de Sedlitz.

Diathese palustre.—E' devida á penetração no organismo do miasma paludoso. O corpo contrahe insensivelmente um estado turfoso; secca-se e adquire uma côr fossil. O figado e o baço estão ordinariamente alterados; as digestões fazem-se laboriosamente e sobreveem infiltrações e hydropisias. Este estado será remediado pelos arseniats de soda e de strychnina:

De cada, 4 a 6 granulos por dia (conjunctamente).

Diathese dartrosa, herpetismo.—A diathese dartrosa, ou herpetica, é uma modificação da escrofula, do rheumatismo, da syphilis, de certos envenenamentos parasitarios, principalmente dos lichens; n'uma palavra, é uma alteração, ou vicio do sangue. Eis o motivo por-

que os antigos acreditavam na repercussão dos dertos: isto é, a erupção desapparecendo repentinamente da pelle, ou das mucosas, vê-se surgir symptomas de cardite, de hepatite, de pneumonia, etc., a que se dá o nome de dertosas, porque effectivamente participam da mesma origem.

D'isto se deve concluir, não que os dertos devem ser respeitadas, mas que os devemos curar pelos meios apropriados ás suas causas e á constituição dos doentes. Para a facilidade do tratamento dividiremos os dertos em seccos e humidos. Entre os dertos seccos serão comprehendidos os dertos furfuraceo e escamoso (lepra.) Os dertos humidos, muito mais numerosos, comprehendem: o derto phlyctenoides (herpes), o derto erythemoide, o derto pustuloso (acne), o derto corrosivo (lupus).

A diathese herpetica secca reclama o uso dos arseniados; a diathese humida, os iodados e o oleo de fígado de bacalháo; ambos, um regimen fortalecedor e refrigerante, por conseguinte, o emprego diario dos saes de Sedlitz.

Diathese cancerosa, ou cancerose. — Esta diathese busca a sua origem no sangue; d'ahi provém a côr de palha propria das pessoas cancerosas. Ha entretanto certos cancros que se podem chamar *floridos*, porque acommettem as pessoas de constituição molle e até as creanças: taes são, por exemplo, os fungus medulares.

Julgamos que poderemos encontrar a razão d'estas differenças no modo de desenvolvimento dos cancros: uns nos globulos rubros, os outros nos globulos brancos do sangue. Qualquer que seja o valor d'esta opinião — que nos é pessoal —, para impedir o cancro e prevenir a recidiva é mister modificar a crase sangui-

nea, o que será feito quer pelos arseniatos, quer pelos iodados.

Quando a constituição estiver assim sufficientemente emendada, poderemos proceder á ablação dos cancos. Até então é perigoso tocar lhes, porque sendo o cancro extirpado em um ponto, elle repullula em outro e muitas vezes com desvantagem do doente. E' assim que um cancro do seio recidiva frequentemente nos órgãos internos: o baço, o figado, os rins.

Na cachexia cancerosa, isto é, quando os ganglios lymphaticos estão eivados, é perfeitamente inutil tocar no cancro, por isso que ha certeza de recidiva.

N'este caso pode impedir-se a pullulação das cellulas cancerosas, curando a ulcera com agua ou oleo phenicado, que tem a propriedade de matar os microzymas.

As dores lancinantes serão acalmadas pela cicutina.

A cicuta foi gabada como especifico do cancro; sabe-se o que ha certo a este respeito. Mas a cicuta pode desfazer a massa ambiente e obstar assim aos accidentes inflammatorios. Eis o que a este respeito diz Trousseau: «Em 1836 eramos mais incredulo que hoje a respeito da cicuta; mas no decurso do anno de 1840 experimentamos este medicamento no hospital Necker e na nossa practica particular e temos a declarar que ella nos pareceu o agente mais poderoso no tratamento dos engorgitamentos chronicos; vimos curar, pela applicação continua de cataplasmas de cicuta sobre o ventre, duas ascites devidas, uma a peritonite chronica, e outra á presença de tumores numerosos no ventre. A cura foi completa depois de tres mezes de tratamento. Até a phthisica pulmonar tentamos tratar pela cicuta; mandamos cercar todo o peito com uma especie de couraça coberta de uma camada grossa de emplastro de cicuta; esta couraça é renovada todos os quatro, ou cinco dias. Este meio tão simples acal-

ma a tosse e torna a expectoração mais facil, ao mesmo tempo que mitiga as dores de peito tão vulgares nos phthisicos. Sob a influencia d'esta medicação, a febre ordinariamente modera-se; n'uma palavra, obtivemos em muitos doentes de peito, cuja doença marchava com certa morosidade, uma attenuação e suspensão dos accidentes que não teriamos obtido por nenhuma outra medicação conhecida. Quererá isto dizer que nós pretendemos curar o cancro e a phthisica, essas doenças que são a vergonha da therapeutica e o desespero dos practicos? Oxalá que nos não attribuam semelhante pretensão! Mas julgamos que se pode com a cicuta moderar, em certos casos, o trabalho inflammatorio interno que activa a degeneração dos cancros, o seu amollecimento e que desorganisa tão rapidamente os pulmões dos que a principio só tinham um pequeno numero de tuberculos.» (*Manual medico*, 2.^a edição).

E' para lamentar que este grande clinico fosse tão prematuramente arrebatado á sciencia; elle não era dos que se oppõem a todo o progresso; e, se o methodo dosimetrico tivesse sido apresentado durante a vida d'elle, estamos persuadido que lhe teria prestado o apoio da sua authoridade. Não o teria, ao menos, condemnado, sem o ter experimentado.

Para resumir o que deixamos dito ácerca do tratamento dos cancros, diremos que a operação sangrenta só deve ser instituida com grande reserva e que em todo o caso deve ser precedida e seguida de um tratamento interno pelos arseniatos ou os iodados assim como pela cicutina para diminuir a susceptibilidade morbida.

Se o engorgitamento for consideravel daremos:

Arseniato de soda,

4 a 6 granulos por dia;

cicutina, dous granulos, de manhã e á noute.

No caso de haver anemia escolher-se-ha o arseniato de ferro.

4 a 6 granulos por dia.

Se a causa for um dartro, daremos:

Cicutina, 4 granulos
Iodureto d'arsenico
6 a 8 granulos por dia.

Se, pelo contrario, se tratar de uma causa venerea, recorrer-se-ha ao iodureto mercurial.

Cicutina, 4 granulos,
Proto-iodureto de mercurio,
4 granulos por dia.

Por aqui se vê que o tratamento interno deve variar conforme a causa morbida.

E' inutil procurar um especifico para o cancro; não os ha, nem para diathese nenhuma. O que é preciso é modificar o sangue, procurar reduzil-o ás suas condições physiologicas. E' por isso que se deve sustentar as forças vitaes dando o arseniato de estrychnina.

2 granulos á noute, com a cicutina.

Não ha modificadores que se alliem melhor do que a estrychnina e a cicutina, por isso que são dous incitantes vitaes.

O que se disse da violencia da cicutina, que se chegou a comparar ao acido prussico, é evidentemente exaggerado. Por varias vezes tomamos granulos até effeito physiologico, isto é, até solicitar artificialmente as funcções vitaes e eis o que observei:

Do lado das funcções de relação uma tendencia ao repouso e ao somno, sem fadiga, um adormecimento muito differente do que o que produz a morphina— que determina uma sensação de pressão, ou constrict-

ção nas fontes—um despertar sereno sem dores de cabeça.

Do lado das funcções vegetativas, atraso do pulso e augmento notavel da diurese e da diaphorese. Comprehende-se que a cicuta acalme assim as dores do cancro e repare as forças do doente pelo somno.

Tratamento dosimetrico das nevroses

As nevroses são alterações da innervação dependendo, já de um estado congestional, já de uma ane-mia. O tratamento varia conforme estas causas.

Hysteria. — A' frente das nevroses deve collocar-se a hysteria, por isso que ella pode envolver ao mesmo tempo o systema cerebro-espinal e o grande sym-pathico.

A hysteria congestiva depende do estado de pletho-ra, ou de orgasmo, principalmente do utero e das suas dependencias (ovarios). As mulheres que a ella estão sujeitas são ordinariamente viragos. É' muitas vezes o desejo venereo por satisfazer. Esta *paixão hysterica* origina, umas vezes alterações puramente nervosas, como o espasmo laryngeo—levado até um certo grau de hydrophobia ⁽¹⁾ — a nymphomania, as convulsões comatosas; outras vezes as aberrações psychicas mais extravagantes com suspensão momentanea da acção dos sentidos exteriores e uma especie de perspicuidade como a que se observa no magnetismo animal. O Re-pertorio de 1876 descreveu um caso notavel a propo-sito d'isto. A hysteria congestiva exige um tratamento calmante e refrigerante. N'este caso pode recorrer-se á camphora bromada.

Tres a quatro granulos por dia,

e todas as manhãs, o sal Sedlitz.

Contra o espasmo uterino administrar-se-ha a hyos-

(1) Sabe-se que a não satisfação das necessidades genesicas dos animaes, principalmente no cão domestico, dispõe á hydro-phobia, como já expozemos no artigo *Diathese*.

cyamina, que será combinada com a camphora bromada.

De cada, um granulo, de meia em meia hora, até cessação do espasmo.

A assa-fetida, empregada n'estas circumstancias, e de que tantas vezes se abusa, tem egualmente por fim o relaxar o espasmo. Mas ella repugna a muitas mulheres por causa do cheiro penetrante e do sabor acre e amargo que possue.

Na hysteria congestiva por vezes se é obrigado a desengorgitar o collo uterino pela applicação de sanguesugas.

Na hysteria anemica ou cloro-anemica—a mais rebelde e que se acompanha de convulsões epileptiformes—são necessarios, além dos ferruginosos, os anti-spasmodicos. Estes medicamentos serão escolhidos na serie dos valerianatos, como o valerianato de ferro, contra a anemia.

Cinco a seis granulos por dia.

O valerianato de zinco, contra as convulsões

Seis a dez granulos por dia.

O valerianato de quinina contra os accessos periodicos

Dez a doze granulos no intervallo dos accessos.

Os ethers serão regeitados sempre que seja possibile porque augmentam a susceptibilidade nevrosica provocando a anemia. Se esta for profunda, recorrer-se ha ao arseniato de ferro que de todos os ferruginosos é o que augmenta em maior proporção a cifra dos globulos rubros do sangue.

Entre as nevroses hystericas suspensivas assignala-

remos a aphonia e a dysphagia, fora de qualquer causa inflammatoria ou organica. N'estes casos deve recorrer-se á estrychnina, combinando-a com a hyoscyamina.

Um granulo de cada—todas as horas, até cessação do espasmo.

O mesmo succederá nas pneumatoses, essas singulares tympanites que podem dar logar a erros de diagnostico: taes são a tympanite nervosa, a physometria hysterica, etc.

Asthma.—A asthma é a mais persistente de todas as nevroses porque está muitas vezes ligada a circumstancias constitucionaes, ou organicas. Deve distinguir-se a asthma das affecções estridulosas ou anginosas de que acima nos occupamos e que são inteiramente fortuitas, em quanto que a asthma persiste muitas vezes durante toda a vida, ou pelo menos em parte, por isso que os astmaticos só pela idade se veem livres da sua enfermidade.

A asthma verdadeira reconhece-se por signaes proprios. O astmatico é, ou foi, rachitico: tem a cabeça enterrada entre as espaldas, o craneo volumoso, as costas arqueadas, o peito chato; a respiração é sonora, ás vezes ruidosa, sibilante, sem sarridos (fora dos accessos). Estes começam gradualmente: a respiração torna-se cada vez mais difficultosa, entrecortada; o rosto, a principio pallido, exprime grande anciedade, depois injecta-se até ficar arroxeadado; a asthma está então no seu apogeu, a asphyxia carbonica declara-se; effectivamente a expiração chega a conter onze volumes de carbone por oitenta e nove de azote.

O que se passou? Houve evidentemente espasmo

dos pequenos bronchios e portanto dilatação dos alveolos pulmonares; é por isso que o peito é sonoro á percussão. Perto da base ha frequentemente tympanismo, porque no estomago ha muitas vezes gazes accumulados. O sopro vesicular está diminuido, supprimido ou substituido por um sopro tubo-vesicular, aspero e precipitado quando, por instantes, o ar penetra nos pulmões. Ha sarridos ronflantes e sibilantes moveis, isto é, mudando de logar a cada momento. Os sarridos sibilantes são mais agudos, mais intensos e mais longos na expiração do que na inspiração. No fim do accesso os sarridos tornam-se humidos, as bolhas cada vez mais grossas.

O accesso principia repentina, ou gradualmente e cessa da mesma maneira com tosse e expectoração espessa. Elle deixa grande fadiga e quebrantamento. Tendo voltado o calor produz-se abundante diurese. As urinas veem carregadas de mucus uratados. Raras vezes ha um accesso unico, ou se existe, é antes uma esternalgia. (Vide *Nevralgias*). Ha periodos que se compõem de muitos accessos successivos.

A asthma cessa com a idade; mas esta circumstancia pode tardar e mesmo não chegar, porque no entretanto estes individuos são arrebatados por doenças organicas do coração, ou dos pulmões.

Em antes de fallar do tratamento digamos uma palavra do diagnostico differencial porque é este que deve decidir a questão.

Nós demos os signaes do asthmatico; a ausencia de todos os signaes physicos de doenças organicas do coração e dos pulmões vem corroborar ainda este primeiro juizo. Não fallaremos da angina de peito tão dolorosa, e dando logar a uma febre, ora continua, ora remittente, ou periodica. Na asthma ha ausencia completa de dôr e o abscesso termina pela volta do calor; na angina de peito, pelo contrario, o calor é

muitas vezes o comêço de uma inflammacção cardio-pulmonar. Na asthma a congestão é sempre passiva.

O tratamento da asthma deve ser o das diversas condições geraes ou locaes da doença. Em quanto ao estado geral é evidente que ha dyscrasia hereditaria, ou accidental. Esta ultima é mais facil de fazer desaparecer do que a primeira, por isso que, se podemos subtrahir-nos aos climas, não o podemos aos vicios de nascença. O que é certo é que muitos astmaticos se curam ou melhoram mudando de clima; os que habitam uma região pantanosa devem passar a outra que seja secca. O que sobretudo é nocivo ao astmatico é o ar humido. O ar secco tambem lhe não convem (*inter utrumque*). O astmatico dar-se-ha bem com a habitação á beira-mar, porque é ahi que a pressão barometrica é mais consideravel. As planicies elevadas apenas augmentariam a difficuldade de respirar por causa da rarefacção do ar. Ha tambem as localidades intermedias.

Em segundo logar melhoraremos a crase sanguinea pelos reconstituintes, como o arseniato de estrychnina e o arseniato de ferro.

De cada — um granulo (conjunctamente) tres a quatro vezes por dia.

Durante os accessos daremos o hydro-ferro-cyanato de quinina e a hyoscyamina.

Um granulo de cada (conjunctamente) de meia em meia hora até cessação do accesso.

Deve attender-se ás dyscrasias, ou diatheses que produziram a asthma accidental ou exaggeraram a asthma constitucional. E' assim que a asthma dos gottosos reclama o tratamento da diathese gottosa e rheumatismal—colchicina, quassina, jalapina, por causa da inercia das vias digestivas e urinarias.

De cada, um granulo (conjunctamente) de manhã e á noite.

A asthma dos syphiliticos reclama os mercuriaes e os iodados. (Vide acima).

A asthma toxica exige o tratamento da intoxicacão a que é devida. Tal é a asthma dos operarios que trabalham em chumbo, cobre, ou mercurio. (Vide acima).

Ha, finalmente, a asthma dos fumadores d'opio, a dos bebedores, n'uma palavra, a de todos os excessos que determinam a dyscrasia sanguinea.

Em todo o caso é preciso conservar a liberdade de ventre pelo uso diario do sal de Sedlitz.

Tratamento dosimetrico das vesanias

Hypochondria. — Collocamos a hypochondria á frente das vesanias porque muitas vezes é o caminho para a alienação mental.

Hufeland definiu hypochondria: «a hysteria do homem», e ha n'isto verdade, por isso que tanto é a hysteria frequente na mulher como a hypochondria no homem. Egualmente se trata n'esta de uma nevrose abdominal que manda ao cerebro sensações tristes, inquietas, de desconfiança. Na hypochondria ha dyscrasia, isto é, elaboração incompleta do sangue e observam-se os mesmos phenomenos de espasmo, de tympanite, que na hysteria. O symptoma predominante é a prisão de ventre; dejecções negras, d'aspecto resinoso, indicam o engorgitamento de todo o systema venoso abdominal. O primeiro cuidado deve portanto consistir em conservar a liberdade de ventre pelo uso matinal do sal de Sedlitz, e no caso de prisão pertinaz, pela podophyllina a que se juntará a hyoscyamina para dissipar o espasmo intestinal.

De cada, um granulo, de manhã e á noute.

Recommendar-se-ha muito exercicio aos hypochondriacos marcando-lhes um fim determinado.

Em quanto ao tratamento therapeutico, como a maior parte das vezes existem engorgitamentos visceraes, consistirá no emprego dos arseniatos de soda.

Dous granulos ás comidas.

A anemia será combatida pelo arseniato de ferro, com o arseniato de strychnina, como estimulo,

De cada, um granulo (conjunctamente) de manhã e á noute.

Phrenopathias.—E' difficil discriminar as phrenopathias das nevroses abdominaes (hysteria, hypochondria). Pode dizer-se que a esphera animal prepondera na esphera intellectual; d'ahi procede a lucta penosa que Guislain designou com o nome de phrenopathia. O individuo já não é senhor dos seus actos, da sua vontade, e por causa das suas tendencias perigosas é mister encarceral-o. Observa-se, effectivamente, n'estes casos a maior parte dos instinctos dos animaes. Ha loucos *homicidas*, loucos *brigadores*, loucos *uivadores*, loucos *foçadores*, etc.

Isto pareceu dar razão á theoria de Gall a respeito da localisação das faculdades cerebraes. Não devemos confundir com a loucura as aberrações, ou delirios devidos a lesões materiaes do cerebro, e que terminam pela paralyisia após um periodo de excitação mais ou menos demorado. Em geral são os excessos physicos, como o abuso das bebidas espirituosas, que as produzem.

O medico que n'estes casos é consultado para a collocação deve fazer distincção entre estas duas ordens de affecções. Desgraçadamente não ha estabelecimentos especiaes e, loucos e delirantes, são encarcerados no mesmo tumulo.

Dizemos tumulo porque raras vezes se sae d'elle, ou, se se sae, é com a reputação perdida.

O tratamento da vesania cerebral deve ser o mesmo que o da hypochondria, isto é, haverá sempre o cuidado de conservar a liberdade de ventre pelo sal de Sedlitz, a podophyllina, a hyoseyamina, a quassina, a jalapina.

Mas o que mais importa no tratamento da vesania cerebral é subtrahir os individuos á sua ideia fixa pela fadiga corporal—como os desgostos se olvidam pelo trabalho. Infelizmente a isto se oppõe o regimen das casas fechadas ou manicomios.

O systema colonial de Gheel é por isso preferivel. N'esta colonia ha uma enfermaria para o caso de molestia ou grande agitação; mas desde que o alienado volta á tranquillidade, elle é restituído á sua familia de adopção. Só existe uma excepção: a monomania homicida, ou suicida, que nada deixa prever, porque estes maniacos são dissimulados para attingir os seus designios. E' por isso necessario tel-os fechados.

O abuso das bebidas espirituosas é uma fonte de alienação mental, mormente o absinthismo, que se distingue do alcoolismo por ser extatico em quanto que n'este ha grande agitação: *delirium tremens*. Tanto n'um como n'outro, o acido phosphorico, o sulfato de istrychnina e a digitalina poderão fazer recobrar o socego se não existir já uma hyperemia ou amollecimento cerebral.

Um granulo de cada (conjunctamente) de hora a hora até sedação.

DO TRATAMENTO DOSIMETRICO

DAS DOENÇAS ORGANICAS

A dosimetria não cessou, nem cessará de fazer guerra á anatomia pathologica em quanto a medicina não tiver entrado no caminho da jugulação das doenças agudas. Como, porém, isso nem sempre depende do medico, vamos expor as principaes lesões organicas, assim como os meios de as remediar.

PHENOMENOS ORGANOPATHICOS DA INFLAMMAÇÃO

Sendo a inflammação a origem das lesões organicas devemos estudar este processo sob o ponto da vista anatomo-pathologico. E' o que vamos fazer succintamente.

A inflammação não é apenas uma hyperemia, uma congestão; é sobretudo uma neoplasia. Fôrma portanto a transição entre as alterações da circulação e as da nutrição.

Pode até dizer-se que a hyperemia nem sempre existe, por isso que ha tecidos completamente desprovidos de vasos que podem apresentar os phenomenos da inflammação: a cornea transparente, por exemplo (keratite central), as cartilagens (chondrite).

E' certo que é nos tecidos vasculares que a inflammação é mais intensa. Partamos d'este ponto e digamos: sendo a inflammação um trabalho essencialmente vital é pelos meios dynamicos que devemos combatel-a e os meios mecanicos como a sangria e a compressão, são secundarios.

Já examinamos o tratamento dynamico na primeira parte d'este Manual; é portanto inutil repetil-o aqui.

Consideremos agora cada um dos phenomenos da inflammação e procuremos apreciar-lhe o mecanismo, para lhe applicar o tratamento.

Congestão — 1.º Estadio. — Quando uma causa irritante vem actuar sobre os tecidos, os capillares estreitam-se; é um facto de contractilidade. O sangue circula mais difficil e morosamente; os vasos estrangulam os globulos, d'onde resulta que elles param, tanto no seu movimento geral ou circulatorio, como no seu movimento proprio ou amyboide. D'aqui provém uma estagnação, um estado venoso; isto é, o calorico animal augmenta.

Com effeito, sabe-se que o sangue venoso é mais quente 1 grao centigrado do que o sangue arterial.

2.º Estadio. — Os capillares paralysam-se e deixam-se distender; o sangue já não circula, oscilla. Este estado pode chegar á ruptura dos vasos e á gangrena.

3.º Estadio. — A parte serosa do sangue sae por espremedura atravez dos poros dos vasos, levando com-

sigio uma certa quantidade de globulos brancos; duas ordens de phenomenos são assim produzidas: suppuração e hepatisação. O pus é formado de uma multidão de corpusculos, evidentemente tirados do sangue, por isso que elles apresentam todos os caracteres dos d'este liquido. Já expozemos a theoria de Konheim e as observações microscopicas de Kæliker. Não pode portanto haver duvida a este respeito.

Mas o que importa assentar é que os globulos brancos, sahidos da torrente circulatoria e espalhados no tecido connectivo, continuam a viver como organismos isolados, proliferam no mesmo lugar, a não ser que morram pela acção de substancias toxicas. Entre os agentes toxicos deve citar-se o acido phenico, os oleos essenciaes (terebenthina, camomilla) e o alcool. E' por isso que estas substancias são uteis para impedir a suppuração. Tornaremos a fallar d'ellas quando tratarmos dos pensos.

Por hepatisação deve entender-se a accumulção dos globulos brancos nos tecidos parenchymatosos a ponto de lhes fazer perder a permeabilidade. E' o que succede, por exemplo, no tecido pulmonar inflammado. Estes globulos ou corpusculos terminam por se desfazer e desaparecem por absorpção.

4.^o *Estadio.*—*Degenerações.*—Este estadio é muito mais affastado: dá-se quando os globulos se não dissolvem mas, pelo contrario, proliferam pelo facto de um trabalho local que é a passagem da inflammação do estado agudo ao estado chronico.

Vê-se então que da cellula mãe nasce uma ninhada de cellulas, que produzem tecidos anormaes ou degenerações.

Entre estas degenerações ou heteromorphicas devemos citar as seguintes:

1.º *A degeneração amyloide.*—São corpusculos arredondados ou ovalares, de dimensões variaveis, dispostos em camadas concentricas á volta de um nucleo. E' a degeneração em que o globulo branco é mais apreciavel; é por isso que é observada na maior parte das cachexias por aglobulia do sangue, consecutiva ás diatheses syphiliticas, cancerosa, tuberculosa. Pode encontrar-se em todos os tecidos: ossos, glandulas, nervos, ganglios, etc.

2.º *A degeneração colloide.*—Affecta especialmente o epithelio com o qual apresenta grande analogia de composição e de consistencia. A materia colloide é depositada á volta de um nucleo que ella cêrca com uma zona transparente, opalina. E' o principio do cancroide, ou cancro epithelial.

3.º *A degeneração tuberculosa.*—Procede de granações milliares, arredondadas ou ligeiramente ovalares, tendo cerca de tres millimetros de diametro; de côr parda, a principio translucida, mas tendendo logo a tornar-se opaca. O tuberculo confirmado é apenas um *corpus mortuum*, isto é, que soffreu a transformação caseosa, ou cretacea. Pelo seu amollecimento elle dá logar á suppuração e á febre hectica.

4.º *A degeneração sarcomatosa.*—E' devida a cellulas espheroidaes ou ovalares, granulosas, nucleadas. Estas granações formam uma polpa crua, gemendo ao escalpello, entretecida com fibras esclerosas e alguns vasos. São tumores fibro-plasticos tomando ás vezes um desenvolvimento consideravel.

5.º *Degeneração cancerosa.*—E' o resumo, poderiamos dizer a quintessencia, das outras degenerações. N'ella se encontram elementos melanicos, epitheliaes,

colloides, tuberculosos; é por isso que os carcinomas são muito variaveis em quanto á sua natureza e podem desenvolver-se em todas as constituições. E' a hydra organica devorando os tecidos que se encontram ao seu alcance.

De tudo o que deixamos dito, tiremos esta consequencia practica: que a inflammacão deve ser extinta logo no seu começo se não quizermos arcar com todas as desordens organicas que acabamos de expor. A sua causa é mais uma debilitacão do que uma exaggeracão das forças vitaes, uma asthenia do que uma esthenia; é preciso, por conseguinte, recorrer desde o principio aos excito-motores.

Em quanto ás consequencias anatomo-pathologicas da inflammacão, como a suppuraçãõ, a hepatisacão, as degenerações, convém evital-as matando no proprio lugar os globulos brancos ou leucocythos que tendem a pullular logo que sahem do seu meio habitual, isto é, da torrente circulatoria. Este estado de cousas não pode ser melhor comparado do que a um rio trasbordado deixando no solo uma multidão de germens que não tardam a desenvolver-se logo que elle voltou ao seu leito. E' por conseguinte o trasbordamento que se deve prevenir, isto é, reforçar a resistencia dos vasos em lugar de a diminuir. Citaremos um exemplo palpavel. Outr'ora e talvez ainda hoje, (não o jurariamos) fazia-se cirurgia de cataplasmas, *amollecia-se*, isto é, favorecia-se a pullulaçãõ dos corpusculos brancos, pelo calor humido. Era por isto que as suppurações não estancavam e que o pus cada vez se tornava de peor natureza, isto é, que n'elle se desenvolviam fermentos e davam assim lugar ao ichor.

Actualmente applicam-se ás feridas os pensos anti-septicos, quer d'acido phenico, quer de terebenthina, quer d'alcool e quasi que não ha suppurações, e por conseguinte reabsorpçãõ purulenta, e portanto a mor-

talidade é pequena ou nulla. Por isto se vê que a arte é uma realidade quando é bem comprehendida e bem applicada.

Podemos agora passar ao tratamento das doenças organicas.

O tratamento das doenças organicas depende sobretudo de tempo, a primeira regra deve ser poupar e augmentar as forças dos doentes. E' portanto para estranhar que se proceda por debilitantes sob pretexto de haver irritação.

Vêde a phthisica no seu periodo colliquativo: o doente está dominado por febre ardente e por conseguinte perde forças enormes; vemo-l'ó consumir-se, e entretanto que se lhe dá? Ar viciado, por isso que mal se ousa arejar o quarto; uma alimentação insipida e medicamentos ainda de peor sabor; n'uma palavra, o que se chama *mitigar*. O vocabulo é mal escolhido por isso que o mal-estar, o soffrimento do pobre phthisico só chega a peiorar. A tosse rasga-lhe o peito sem que elle tenha a força de expulsar a expectoração. Talvez nenhuma d'estas cousas acontecesse se se tivesse submettido, desde o principio, o phthisico a um tratamento excito-motor, se se lhe tivesse dado os arseniats, se se tivesse cortado a febre aguda pelos alcaloides. E mesmo agora que elle se marasma, que se envenena com o seu muco-pus, porque se lhe não ha de dar o arseniato de cafeina que tem o effeito de diminuir a consumpção, o arseniato de ferro que lhe reconstituiria o sangue, o arseniato de estrychnina que redaria força ao orgão pulmonar para se desembaraçar dos productos inflammatorios que o obstruem?

Porque se lhe não ha de mandar respirar uma atmosphaera carregada de vapores d'acido phenico, de terebenthina, de chloro? No tratamento das doenças organicas o que mais devemos procurar é incitar as forças do doente. A natureza tem, para reparar as des-

ordens organicas, meios que a arte não possui, mas precisa de ter tempo para os empregar. Ora é este tempo que é necessario dar-lhe por meio de um tratamento logico, ou natural e não de um modo irracional ou por espirito de systema.

Somos inimigo declarado da escola organicista: não se julgue, porém, que engeitamos os meios de investigação, como o estethoscopio e a auscultação. Estes meios servem de exploradores, isto é, para verificar a que pontos se deve levar soccorro. E' assim que, pelos sarridos, pelos fervedouros, reconhecemos as novas congestões e como remedial-as pelos revulsivos e pelos defervescentes. *Hæret lethalis arundo*, como diz o poeta: mas isto pode prevenir-se dando opportunamente a digitalina que diminue as pancadas do coração, ao mesmo tempo que o arseniato de ferro que dá mais plasticidade ao sangue e o arseniato de estrychnina mais resistencia ás paredes dos vasos. E' assim que o medico verdadeiramente digno d'este nome disputa á morte o terreno palmo a palmo em vez de deixar caminhar a doença em proveito da autopsia.

Fallemos d'outras doenças igualmente inexoraveis quando se não faz nada para lhe sustar a marcha: referimo'nos ás doenças organicas do coração. O doente está offegante; o rosto exprime já o presentimento da morte: deveremos enfraquecer o pulso porque está tumultuoso?

Mas as suas irregularidades, o frio das extremidades, a sua infiltração annunciam um fim proximo. Porque o não havemos de alongar? Porque não havemos de dar, conjunctamente com a digitalina, o arseniato de ferro e o arseniato de estrychnina? Os narcoticos n'este caso só podem encobrir o espectaculo da morte, mas não lhe demoram o desenlace.

SYMPTOMATOLOGIA OU ACCIDENTES MORBIDOS

Fallemos agora da symptomatologia dos accidentes morbidos de que o professor Spring traçou um quadro de mestre. Infelizmente, como o astrónomo da fabula, tanto perscrutou o campo da anatomia pathologica que se deixou afundar no seu pégo: elle succumbiu a uma variola confluyente. Mas quem dirá que, se elle tivesse comprehendido a importancia da therapeutica, elle a não teria applicado a si mesmo?

VALOR DA SYMPTOMATOLOGIA NAS LESÕES CEREBRAES

Entre as alterações nervosas que annunciam as lesões cerebraes, o professor de Liège nota: a *prosopalgia*, a *prosopoanesthesia*, a *prosoplegia*. (Spring gostava de grego; talvez seja um defeito, mas é um meio de fixar a memoria por um termo).

A *prosopalgia* consiste nas dores da face. A *prosopoanesthesia*, em um enfraquecimento, ou suppressão completa da sensibilidade d'esta região. A *prosoplegia*, na suppressão dos movimentos musculares. O medico, por esta fórma, lê no rosto a natureza da doença. A *prosopalgia* depende de tumores intracraneeanos, ou intra cerebraes; dá constantemente motivo a alterações d'outros nervos, que não os da face, principalmente dos trigemeos; indica a induração da espinal medulla, comprehendendo o seio rhomboidal. Ha então sympto-

mas epileptiformes: mas que se lhe ha de fazer? A hora da morte está marcada; nada mais do que a autopsia, para verificar a causa da morte.

A *prosopoaesthesia* cerebral é a consequencia de focos hemorrhagicos, de amollecimentos ou de exsudações circumscriptas, de tumores tuberculosos ou outros, destruindo as porções intra-crâneas ou intracerebraes do nervo trigemeo. A *anesthesia* é quasi sempre unilateral: mas que se lhe ha de fazer? A logica exige que se deem nervinos: acido phosphorico e sulfato de estrychnina, não contra a lesão, mas para sustentar a acção das partes do cerebro que ficaram intactas.

A *prosopoplegia* cerebral ou *paralysis* da face — a não ser que haja, como no rheumatismo, uma acção directa sobre os nervinos faciaes, — indica uma hemorrhagia, um amollecimento circumscripto, um tumor na base do craneo, comprimindo o facial na visinhança da protuberancia annular.

Spring diz que a *paralysis* é quasi sempre parcial, limitada aos buccinadores, aos elevadores da aza do nariz e da palpebra superior; o orbicular das palpebras fica intacto e os outros musculos da face, mesmo quando deixam de obedecer á vontade, continuam não obstante a contrahir-se sob o imperio das paixões.

O ouvido está sempre alterado na *prosopoplegia* intra-craneana e a compressão estende-se ao nervo oculo-motor commum. O elevador da palpebra superior, o recto interno, raras vezes o recto externo, *paralysam-se* successivamente senão desde o principio ao menos pelo progresso da lesão. Estes factos são, sem duvida, muito interessantes sob o ponto de vista physiologico; mas o tratamento n'este caso só pode ser palliativo para evitar congestões novas.

Na maior parte das organopathias cerebraes observa-se o delirio nervoso: ha o costume de o combater pelos narcoticos; é um erro. Deve-se oppor-lhe, pelo contrario, o opio do coração, isto é, a digitalina.

VALOR DA SYMPTOMATOLOGIA NAS LESÕES
PULMONARES

Um dos symptomas mais constantes é a anhelção, ou falta de folego. Observa-se nas infiltrações, no engasgamento das phlegmasias pulmonares chronicas (hepatisação) nas degenerações tuberculosas, no emphysema, nas estenoses. Devemos oppor-lhe as estrychneas.

O arseniato de estrychnina é o medicamento que dá melhor resultado n'estes casos. Haverá a cautela de nunca debilitar o doente, tanto mais que quasi sempre ha anemia.

Daremos pois o arseniato de ferro e conjunctamente o arseniato de estrychnina e a digitalina que é — segundo a bella expressão de Cullen em quanto á digital—o opio do coração. (*Bis repetita placent*).

Um granulo de cada, (conjunctamente) d'hora a hora, até cessação dos symptomas.

A *bradypnea* que é um grau mais adiantado de oppressão respiratoria, observa-se na compressão dos nervos respiradores ou das partes e centros nervosos que lhe correspondem.

Existe n'estes casos uma grande acceleração dos mo-

vimentos do coração que deverá ser reprimida pelos mesmos meios que acima mencionamos.

A *ataxiopnea*, ou irregularidade do rythmo respiratorio, annuncia a bronchite parcial, um derrame pleuritico, um pneumothorax, a obstrucção de um ramo bronchico por um tuberculo. A inspiração é manifestamente mais longa que a expiração. Fora do obstaculo mecanico é preciso auxiliar os pulmões pela *strychnina*.

Em quanto ao obstaculo mecanico, se depender de um derrame, é necessario—como acima dissemos—recorrer á paracentese thoracica capillar. Eis um facto concludente que trasladamos da obra do Dr. Castiaux, de Lille (Nord) intitulada: *Documentos para servir ao estudo do methodo aspirador*:

« Um rapaz de dezoito annos é subitamente acommettido de mal-estar geral, com arripiamentos, febre e quebrantamento. A tosse é pouco intensa e cessa completamente passados quinze dias. O doente, sentindo-se melhor, dá um passeio de duas horas, mas entra em casa muito fatigado com uma pontada abaixo do mamillo esquerdo. Chegando ao hospital, este rapaz queixa-se sempre da mesma dôr e é todas as noutes acommettido de um ligeiro accesso de febre. Não ha dyspepsia, o somno é bom, o appetite conservado, as dejecções regulares. A respiração é tão facil que o doente se senta na cama sem difficuldade e se levantaria se lh'o permittissem. A percussão indica uma sonoridade normal do lado esquerdo e um som maciço absoluto do lado direito, desde o vertice até á base do pulmão. A auscultação revela respiração normal do lado esquerdo, mas um enfraquecimento consideravel do murmurio vesicular do lado direito, com alguns sarridos sub-crepitantes imitando o attricto, principalmente abaixo da espinha do omoplata. Não

ha egophonia, mas um ligeiro sopro velado. As vibrações thoracicas existem á direita tão distinctamente como á esquerda, quiçá mais fortes á direita. Esta anomalia era de molde a obscurecer o diagnostico; recorreu-se ao aspirador de Dieulafoy e tirou-se do lado direito 900 grammas de liquido. Pouco tempo depois o doente sahia curado.»

Esta observação demonstra quanto a pleuritê é muitas vezes insidiosa no principio; eis a razão porque se não deve esperar um diagnostico positivo para operar. Bastam os primeiros symptomas, como os arripiamentos iniciaes, a dôr pungitiva, para dar a es-trychnina, ou a quinina (arseniato), a digitalina e a cicutina. Os medicos que fazem mais anatomia pathologica são os que fazem menos therapeutica. Mas seria grave erro suppor que a qualquer esthenia se deve oppor os asthenicos. E' o contrario que em geral se deve fazer.

Nas affecções da larynge, da trachea-arteria e dos bronchios, a respiração é sibilante por causa da diminuição de calibre d'estes canaes ou de um obstaculo mecanico: é, ou um estado nervoso, ou uma exsudação. No primeiro caso é mister recorrer aos antispasmodicos e aos tonicos, como a hyoscyamina e o hydroferro-cyanato de quinina; é em geral, o caso das affecções croupaes; no segundo, aos emeticos e quando estes não forem bastante, á tracheotomia. (Veja-se o que se disse das affecções *estridulosas*).

Tosse.—A tosse é de todos os phenomenos organopathicos o que mais incommoda o doente e mais enleia o medico. Deve indagar se a tosse provém da larynge, da trachea-arteria, dos bronchios, dos pulmões, do coração, do estomago, ou ainda de maior profundidade, e qual é o genero de lesão que a determina.

A tosse laryngopathica é rouca, estridente, ladran-te. (Vide *Laryngite—Neuroses.*) E' conhecida a tosse propria da laryngite syphilitica. (Para o tratamento, vide *Inflammações, Diatheses.*)

A tosse dyspeptica é guttural. Observa-se nas afecções da pharynge, do esophago, do estomago. (Vide as doenças d'estes orgãos.)

A tosse pleuritica é secca, frequente, curta. Na pleurite parietal, a tosse é excitada de todas as vezes que se practica a percussão (Vide *Pleurite*).

A tosse cardiopathica é secca, sem expectoração. No aperto do orificio mitral ella é intensa e frequente. (Vide *Inflammação do coração*).

A tosse pneumopathica existe por causa de compressão, obstrucção, atrophia, derrame, hepatisação, tuberculose, melanose, emphysema. E' dolorosa quando ha inflammação.

Basta que o practico seja avisado dos differentes generos de tosse, para que a sua attenção se dirija logo para a affecção que a determina. Entre os calmantes da tosse, qualquer que seja a causa que a determina, citaremos a cicutina. Basta mastigar um granulo e deixar penetrar suavemente a saliva para abrandar momentaneamente a tosse.

Esta operação pode repetir-se tres ou quatro vezes ao dia, ou de noute.

A cicutina não tem sabor viroso, nem produz constricção nas fauces. Se se descobrir um ligeiro grau de narcotismo, suspender-se-ha immediatamente o medicamento.

Pode igualmente mastigar-se um granulo d'iodoformio, tendo o cuidado de fechar a bocca para que as emanções iodadas penetrem nas primeiras vias.

Dyspneas.—Pode confundir-se a dyspnea cardiopathica com a asthma, mas ella distingue-se pelos si-

gnaes de auscultação e de percussão. Ha porém aqui uma difficuldade: a auscultação practicada durante os accessos faz desaparecer os sons valvulares anormaes, que existem durante os intervallos. Todavia o verdadeiro practico não se deixará enganar. Succede o contrario na insufficiencia do orificio auriculo-ventricular esquerdo. A dyspnea é tambem um dos symptomas do aneurisma da aorta ascendente, mas aqui ha symptomas de anemia cerebral.

N'estas anhelações deve usar-se da *strychnina*, combinando-a com a *hyoscyamina*, se ao mesmo tempo houver espasmo. (Vide *Asthma*).

Do mesmo modo se procederá nas insufficiencias respiratorias originadas pela fraqueza ou paralyisia dos musculos respiradores. Taes são as dyspneas *myelopathicas* e *cerebraes*.

Devemos proceder n'este caso, como nas affecções do cerebro e da espinal medulla. (Vide estas affecções).

Na dyspnea *dyshemica*, actuaremos sobre o sangue. (Vide *Diathese chloro-anemia*.)

Palpitações do coração.—Estas palpitações filiam-se, ora na *plethora*, ora em um estado puramente nervoso, ou *nevrosico*, ora em uma *organopathia*.

Nas palpitações *plethoricas* as pulsações são violentas. Lembra-martelladas ouvidas a distancia. Depois da sangria geral, administraremos a *digitalina*.

Um granulo de meia em meia hora até sedação.

As palpitações *organopathicas* são proprias principalmente á *cardite* e fazem-se notar mais na dilatação do que na *hyperthrophia*. E' portanto necessario um tratamento condensante: *arseniato de strychnina*.

Um granulo d' hora a hora, até cessação das palpitações.

No acrotismo ha suspensão ou interrupção momentanea dos movimentos do coração. E' principalmente observado na dilatação do ventriculo esquerdo. A morte subita é então de receiar; a face injecta-se, torna-se arroxeadada, e o delirio carbonico ou exhalirante termina a scena.

A sangria seria mortal n'este caso. Urge administrar: arseniato de estrychnina, arseniato de ferro,

De cada, um granulo de meia em meia hora, durante toda a duração do accesso.

Quando houver derrame no pericardio acrescentar-se-ha:

Digitalina

Um granulo, conjunctamente com o arseniato de estrychnina e o arseniato de ferro.

Organopathias abdominaes.—Fallemos em primeiro logar, como transição entre as organopathias do peito e as do ventre, da hematemese mecanica. Quando o sangue encontra um obstaculo permanente á sua passagem pelos pulmões e pelo coração, assim como pelo baço e pelo figado, elle accumula-se nas veias gastroepiploicas. Ora sabe-se quam volumosa é esta rede. A hematemese, de que os antigos deram uma explicação em relação com as suas doutrinas humoraes, isto é, attribuiram-a á bilis negra, depende portanto da obstrucção, algumas vezes da obliteração da veia porta, do aperto da veia cava para além das veias supra-hepaticas. Raras vezes a hematemese tem logar nas doenças organicas do figado, mas pelo contrario, nas do baço, do coração, principalmente na estenose ou insufficiencia das valvulas tricuspidas. A quantidade de sangue é mais ou menos consideravel e ha

anemia profunda. E' contra esta que o tratamento deve ser dirigido. Daremos por conseguinte:

Arseniato de ferro,
Cicutina,

De cada, um granulo de hora a hora, depois de se ter procedido á lavagem do estomago pelo sal de Sedlitz.

O mesmo tratamento se applicará á hematemese pultacea e carcinomatosa.

A gastrodynia organopathica é acompanhada de dores vivas na ulcera perforante e no schirro. Daremos:

Cicutina,
Quassina,

Um granulo de cada (conjunctamente) de hora a hora, até sedação.

A enterodynia organopathica, como o catarrho chronico, a tuberculose, exige a hyoscyamina para acalmar as colicas.

Um granulo de meia em meia hora até sedação.

Na typhlite e na perityphlite, a dôr, que occupa a fossa illiaca direita, é surda, interrompida por lançadas; mais tarde, á medida que a serosa é invadida pela inflammiação, a dôr torna-se viva, lancinante, te-rebrante, exasperando-se com o movimento e com a pressão. Como ha lesão organica do cœcum, sobretudo depois do typho, devemos limitar-nos aos calmantes.

Cicutina,
Morphina,

De cada, um granulo (conjunctamente) de meia em meia hora, até sedação.

Na colica estenosica, devida a um volvo, recorre-

remos em quanto o estrangulamento não estiver confirmado, aos oleosos e á atropina.

Um granulo, cada quarto de hora, com uma colher de azeite.

Mas, chegando o estrangulamento a declarar-se, já não ha outro meio senão a gastrotomia. Faremos observar que esta operação é perigosa, precisamente por causa da demora que ha em practical-a.

A enterorrhagia observa-se no typho e no cancro. Devemos oppor-lhe as bebidas aciduladas e o tannino.

Um granulo de meia em meia hora.

Ictericia organopathica.—Está filiada ás affecções organicas do figado. Na atrophia aguda, consecutiva á hepatite, ha dores surdas, gravativas no hypochondrio direito. A ictericia não é aqui tão pronunciada, as dejecções tão descóradas como na ictericia espasmodica ou estenotica devida ao espasmo, ou á oblitteação dos canaes biliares. São os antiphlogisticos a que se deve recorrer.

Na cirrhose a ictericia tambem não é completa. Não funcionando o figado, são os rins que o suprem: é por isso que vemos apparecer rapidamente os symptomas da desnutrição, ou marasmo. A febre é aguda e a doença toma uma marcha galopante. Já Andral tinha feito reparo em como se eleva a temperatura animal na cirrhose: 40, 41.º c. Daremos n'este caso:

Arseniato de cafeina

Um granulo d'hora a hora.

As organopathias hepaticas deixam no sangue os

elementos da bile. (Vide *Diathezes*.) E' portanto necessario refrigerar-o pelo sal de Sedlitz e dar a quassina:

Dous a tres granulos ás comidas.

Organopathia renal.—As doenças organicas dos rins consistem em uma hyperplasia das cellulas renaes, ou na degeneração granulo-gordurosa que ás vezes se encontram reunidas. Deixando estes orgãos de funcionar, d'ahi resultam infiltrações ou anasarca, e a perda de albumina pelas urinas.

Na albuminuria aguda, a anasarca principia pelas palpebras, pelo rosto, em seguida estende-se aos malleolos e ás pernas. Na albuminuria chronica é o contrario: a anasarca da face deixa muitas vezes de existir. Declaram-se successivamente a ascite, o hydrothorax; o edema dos pulmões, suffusões serosas do cerebro, da espinal medulla, á medida que augmenta a difficuldade da respiração. Um facto capital é que se suspendeu a transpiração insensivel da pelle. Ao mesmo tempo existe anemia e hydremia.

A consequencia d'este estado anatomo-pathologico, é que apenas na albuminuria aguda são necessarios os antiphlogisticos. (Vide *Nephrite*). E' mister apressarmo'nos em administrar os reconstituintes do sangue, nomeadamente os arseniatos e os ferruginosos. Insistir-se-ha tambem no regimen lacteo.

TERMOMETRIA MEDICA

O exame da temperatura do doente é tão necessario para o medico como a inspecção do manometro para o maquinista que assim consegue prevenir os accidentes. E' por isso que trataremos este assumpto mais prolixamente.

A temperatura do corpo deve ser estudada no estado *normal*, no estado *hyponormal* e no estado *hypernormal*.

1.^o *No estado normal*.—A temperatura normal (37.^o c.) existe em muitas doenças chronicas. Poderia julgar-se que o thermometro falseia aqui o seu destino; seria um engano: este symptoma negativo, isto é a ausencia de febre, tem um valor real sob o ponto de vista do diagnostico, do prognostico e do tratamento; ficaremos scientes que não offerece grande perigo a affecção que o doente soffre.

2.^o *No estado hyponormal*.—Quando a temperatura desce abaixo de 37.^o c., é porque ha um estado profundamente depressivo do organismo; as hemorragias abundantes, as longas privações, a exposição prolon-

gada ao frio podem ser a causa d'este estado. A temperatura muito baixa constitue tambem uma fórma fatal de terminação das grandes febres: ao fim de um a dous dias vê-se a temperatura do corpo descer de 41.^o a 35.^o c., e ainda mais. A therapeutica não deve declarar-se impotente; deve, pelo contrario, tentar reaccender a chamma vital pelos nervinos, como o acido phosphorico, o sulfato de estrychnina, o benzoato de ammoniaca (1) que tem a virtude de estimular o sangue.

Um granulo de cada (conjunctamente) de quarto em quarto de hora, até voltar o calor.

No estado algido, procederemos como nas febres perniciosas. (Vide *Febres algidas*.)

As affecções organicas dos grandes systemas de nutrição acompanham-se com frequencia de diminuição de temperatura animal. Não só o thermometro fornecerá aqui elementos preciosos de diagnostico e prognostico, mas egualmente para a therapeutica.

A diminuição da temperatura animal observa-se com frequencia nos alienados.

3.^o *No estado hypernormal*.—E' nas doenças agudas que o thermometro se torna um auxiliar indispensavel ao medico: pode dizer-se que a marcha da temperatura é a da doença.

Não existe o mesmo grau de calor em todas as doenças agudas, e é o que as distingue sob o ponto de vista da sua gravidade.

Em geral, nas affecções catarrhaes agudas, a temperatura animal apenas se eleva 1 a 2.^o c. acima da media physiologica (37.^o c.); pelo contrario, nas affecções inflammatorias mais francas, que invadem as

(1) Os antigos empregavam n'este caso o *spiritus cornu cervi*.

serosas e os grandes parenchymas, a febre principia por uma ou mais horripilações e attinge logo 38 a 40.º c. e ainda mais; estas affecções apresentam por isso mais gravidade e exigem especial attenção da parte do medico e um tratamento muito energico.

Existe uma classe de doenças muito importantes que se distinguem por uma marcha typica: são as doenças infecciosas: as affecções zymoticas. O thermometro presta n'este caso serviços immensos: com elle, o diagnostico e a prognose tornam-se faceis e certos.

O officio do medico é moderar a temperatura demasiadamente exaltada, impedir a combustão exaggerada dos elementos organicos e tornar a economia apta para refazer os materiaes consumidos pelo fogo da febre.

Ha certas circumstancias que não devem escapar ao medico thermometrista; assim em primeiro logar elle deve considerar a individualidade do doente. E' certo que nas creanças a exaggeração do calor animal tem em geral a mesma significação que no adulto; as creanças apresentam todavia uma temperatura mais elevada nas mesmas affecções que accommettem os adultos e além d'isso a febre desenvolve-se n'elles muito mais rapidamente; vemol'os sujeitos a febres ephemerass que nem sempre são sem gravidade. Mesmo durante a convalescença, a temperatura animal fica por vezes febril; sob este ponto de vista os velhos apresentam phenomenos completamente oppostos: n'estes não ha tanto a receiar a exaggeração do calor animal como a sua diminuição. Na creança: convulsões, excitação, febre; no velho: depressão vital. E' por isso que devemos fugir de considerar, como symptoma indifferente, o abaixamento de temperatura em um individuo de idade avançada. Contae com um resultado fatal quando o calor descer no velho doente a 36, 35.º c.; preveni o mais possivel o collapsus e não esperéis

para entrar em acção que o organismo tenha perdido as forças e fique insensível aos remedios mais heroicos.

Não nos esqueçamos tambem de attender ás variações diurnas que a temperatura animal apresenta normalmente: estas oscillações persistem durante a doença, são até mais pronunciadas.

Não é raro encontrar uma differença de 1 a 5.^o c. entre a temperatura matinal e a da noite; não se tire portanto uma conclusão demasiado favoravel se se achar que a temperatura da manhã é inferior á da vespera á noite. E' certo que em algumas doenças e sob a influencia de causas mais ou menos conhecidas se pode produzir o contrario: a temperatura da manhã sendo superior á da noite; mas não é essa a regra e em geral as oscillações da temperatura morbida coincidem com as oscillações diurnas da molestia. Em resumo, a thermometria clinica adquiriu ultimamente uma utilidade practica tão consideravel como a auscultação e a percussão, e permittiu chegar ás conclusões seguintes:

1.^o A conservação da temperatura normal do corpo (37.^o c.) em uma doença, torna o prognostico, em geral, pouco grave.

2.^o O augmento da temperatura normal do corpo está na razão da intensidade e da natureza da febre. Se for rapido nas affecções agudas francas é raro que chegue a 40.^o c., que é o ponto do seu apogeu; nas affecções malignas a elevação é menos rapida, menos franca, mas passa acima de 41, 42 e até 43.^o c. Uma temperatura mais elevada seria incompativel com a vida, porque o sangue pode coagular-se nos vasos.

3.^o O abaixamento da temperatura normal indica um esgotamento lento, ou rapido, do organismo em

conformidade com o vagar ou rapidez com que se faz este abaixamento.

4.^o Nas observações thermometricas é mister contar com a idiosyncrasia do individuo e com as oscillações diurnas da temperatura pathologica e normal.

« Admiravel cousa é o thermometro applicado á doença, exclama o Dr. Liégard, de Caen. Quanto mais penetro n'este caminho, mais se affirma a minha convicção; cada dia vem enriquecer a somma das minhas observações. Tratava, ha poucos dias, uma menina de tres annos, que me apresentava, a mim que publiquei um livro sobre a meningite cerebral, todos os symptomas d'esta temivel doença no seu primeiro periodo: febre intensa, calor forte na cabeça, côr e pallidez do rosto alternativas, estremecimentos subitos e frequentes, delirio, gritos, agitação, mormente de noute. Entretanto parecia-me que havia exacerbações: uma doença geral mais do que uma inflammação local; mas era apenas uma suspeita, quiçá mal fundada. Applico o thermometro: elle sobe e só pára em 40,5.^o c. Cessam as duvidas e eu tranquilliso a mãe assustada; administro, dous dias seguidos, trinta centigrammas de sulfato de quinina. A noute e o primeiro dia da administração do remedio foram socegadas; no dia seguinte o pulso perdeu muito em frequencia e o thermometro marca apenas 40.^o c. E' ainda uma temperatura excessiva e devemos continuar com o precioso anti-periodico durante um ou dous dias. Sem o thermometro eu não o teria empregado e a pobre menina ficaria no maior perigo por causa da successão dos accessos. »

Quantas vezes não succede ter de se tratar uma febre insidiosa e perderem-se doentes por a não ter diagnosticado e por não dar immediatamente o febrifugo?

Fallamos, no principio d'este Manual, da epidemia de febre perniciosa que reinou em 1826, na Hollanda e d'ahi se estendeu á Belgica: o estadio de frio era muito curto e o thermometro subia rapidamente a 40, 41.º c, para recahir no fim do accesso abaixo da media physiologica; era este o perigo porque a economia não podia resistir a estas mudanças subitas de temperatura; se se não dêsse o sulfato de quinina o doente succumbia.

No cholera indiano observam-se as mesmas oscillações, mas o periodo algido é mais demorado e talvez uma causa de morte pelo abaixamento rapido do calor animal — como na asphyxia pelo frio; mas no periodo de reacção o perigo não é menor, por isso que o thermometro marca algumas vezes 40, 41.º c. para se conservar pouco tempo n'essa altura e descer outra vez abaixo da media physiologica: 34, 35,º c. e até mais abaixo a ponto de se julgar tocar no corpo de um batracchio. O que se faz ordinariamente? Procura-se aquecer o doente pelo calor artificial, mas este não pode nada em uma superficie que já não recebe irradiação interna; tem havido cholericos que tem recebido queimaduras profundas sem nada sentir. Dão-se estimulantes diffusiveis que apenas podem augmentar a irritação gastro-intestinal e provocar um estado typhoide. Logo que a reacção sobrevier é portanto necessario sustental-a pelos excito-motores, como o arseniato e o hydro-ferro-cyanato de quinina, acrescentando a variante indicada, conforme houver espasmo, ou dôr: cicutina, morphina, hyoseyamina, e a digitalina para restabelecer a secreção urinaria e prevenir a uremia. (Vide *Diatheses*.)

Quando, nas pyrexias, a reacção é insufficiente pro-

duzem-se dous typos: o typo *remittente* e o typo *intermittente*; no primeiro ha oscillação entre a circulação e a calorificação, por conseguinte variação dos estadios de frio, calor e suor. Estas variações estabelecem-se, porém, d'um modo mais ou menos constante e regular; temos para exemplo a febre typhoide. Assim sob o ponto de vista thermometrico, esta febre pode decompor-se em tres estadios: no primeiro — que dura tres a cinco dias — a temperatura cresce cada dia progressivamente; o calor de cada noute augmenta 0,5 a 1.º c. sobre o da vespera; o da manhã apenas soffre uma remissão maxima de 0,5.º c. Tendo-se a temperatura elevado a 39,5.º c. nos casos leves; a 40,5, 41.º c. e ainda a mais nos graves, começa o periodo de estado no quarto ou quinto dia. Durante este periodo a temperatura oscilla entre 39,5, 40 ou 40,5.º conforme a gravidade dos casos; em seguida começam a accentuar-se as oscillações descendentes, depois de um, dous, tres septnarios de oscillações ascendentes. Este terceiro estadio é, nos casos graves, separado do segundo por um estadio intermedio que Wunderlich designou sob o nome de *amphibolo*. Esta phase tem sempre uma significação séria: sobresahe, pela sua irregularidade, do resto do traçado graphico; de onde a onde apparecem á noute subitas elevações. Attendendo a isto, Wunderlich formulou as leis seguintes:

a. A pyrexia que ao segundo dia apresentar no adulto uma temperatura visinha de 40.º c. não é uma febre typhoide;

b. A pyrexia que depois da noute do quarto dia não apresentar temperatura superior a 39.º c., não é uma febre typhoide;

c. A pyrexia que na segunda parte da primeira semana apresentar uma temperatura sempre inferior a 39.º,5 não é uma febre typhoide.

Observaremos que o que constitue a febre typhoide não é tanto o estado thermal como a causa que o produz; mas é certo que quanto mais o miasma ataca a vitalidade, isto é, paralyza o systema nervoso ganglionar, tanto mais o calorico tende a subir. E' sabido que as experiencias physiologicas chegaram a este resultado: que ha nervos vaso-motores, uns constrictores, outros dilatadores: os primeiros frigorificos porque propellem o sangue com maior rapidez atravez da torrente circulatoria, por conseguinte sangue fresco—o que provém dos pulmões—os segundos, dilatadores ou calorificos porque deixam estagnar o sangue nos orgãos e lhe consentem escandecer-se. Por conseguinte dizemos: A pyrexia em que a temperatura se eleva progressivamente apesar das remissões matinaes, ao maximo de 0,5.^o c., de modo a attingir no quarto ou no quinto dia uma elevação de 39.^o,5 a 41.^o c. e que em seguida se mantem na segunda parte da semana acima de 39,5 é provavelmente uma febre typhoide.

Relativamente ao prognostico—como já dissemos— as indicações fornecidas pela thermometria são extremamente importantes: a elevação da temperatura animal pode ser mortal a 43.^o c.; sel'-o-ha absolutamente a 45.^o c. por causa da coagulação do sangue. A 41.^o c. o caso é gravissimo; a 40.^o c. não o é tanto; a 39,5.^o c., elle é relativamente favoravel. O prognostico será tanto melhor quanto a remissão matinal for mais accentuada. O abaixamento da temperatura é um bom signal, mas com a condição de não ser subito e de se fazer em a occasião normal. No periodo de estado uma queda rapida de 41.^o c. a 37.^o, 36.^o e ainda abaixo é um signal mortal. Este abaixamento annuncia uma hemorrhagia, um collapsus do coração. Uma elevação subita muito consideravel é geralmente o principio da agonia. E' sempre um mau signal que a

exacerbação comece em antes do meio dia e só termine depois da meia noite.

No typo intermittente da febre os tres estadios de frio, de calor, de suor são separados por um intervallo de descanso, ou apyrexia: a volta ao estado de saude pareceria completa se o medico por certos signaes de pallidez, de abatimento, não reconhecesse a repetição do accesso. E' o que se chama vista de medico: *oculus medici*.

Terminado o primeiro estadio, ou horripilação, a temperatura sobe rapidamente conforme a intensidade da febre a 39,5, 40.º c.; o calor é mordente, o pulso accelera-se (100, 120) os olhos teem um brilho insolito, a bocca está secca, a sede ardente, as urinas diminutas e carregadas: Depois d'este estadio vem o de suor: a pelle torna-se humida, o pulso mollifica-se, a bocca humedece-se, todo o corpo se cobre de suor abundante e o doente cae em somno benefico.

Faremos ainda algumas observações em quanto á thermalidade. A duração do frio está sujeita a variar, o que pode depender de circumstancias externas. Quando o doente estiver exposto ao ar frio e humido é evidente que a reacção se não poderá estabelecer. E' o perigo dos exercitos em campanha, onde a falta dos objectos de acampamento dá logar a tantos desastres. Em quanto ás circumstancias internas, ha o espasmo que impede a reacção; estando contrahidos os vasos da periphéria; o sangue fica detido no interior d'elles e pode por esta fórma produzir accidentes mortaes: coma, apoplexias. E' n'estas condições que se produzem as febres insidiosas que podem revestir as formas mais diversas. Ellas indicam sempre um grau subido de doença e uma intoxicação muito intensa.

Diremos agora com o professor Spring (*Accidentes morbidos*): Que a fórma particular, a intensidade e a duração da febre são determinadas d'um lado pela

causa proxima ou efficiente (que muitas vezes é um parasita que vive da vida do organismo doente) do outro, pela quantidade de materiaes susceptiveis de servir de alimento ao processo morbido. D'onde a necessidade da lavagem matinal do intestino pelos saes de Sedlitz. A este respeito o medico é muitas vezes como o pretor: «*De minimis non curat Prætor,*» no que não faz bem. Os nossos predecessores ligavam muito mais importancia do que nós a esta parte do tratamento: elles verificavam se sim ou não as materias eram de boa natureza. Pensamos que mais vale eliminá-las á medida que se produzem, por isso que nas febres as dejeccões são sempre irritantes.

Depois de suspensa a alimentação ellas apenas se compõem de productos de secreções anormaes que é perigoso deixar demorar no corpo. A fecina, por exemplo, é um miasma proprio, ou autochtono perigosissimo. E' por isso que vemos tantas febres graves desenvolver-se nos exercitos em marcha. O general Bugeaud, que por causa da sua sollicitude pela tropa, era chamado «*o pae Bugeaud,*» tinha o costume, nas suas campanhas d'Africa, de dar todas as manhãs uma volta pelo acampamento para se certificar pelas dejeccões da saude dos soldados; e quando os officiaes de saude vinham receber ordens, ficavam muitas vezes admirados das suas observações hygienico-pathologicas. Julgamos que o uso do sal de Sedlitz para os exercitos estaria no caso de simplificar singularmente o serviço medico, em conformidade com o adagio de Ovidio:

*Principiis obsta, sero medicina paratur
Cum mala per longas involuere moras.*

Examinando bem o character da febre, reconhece-se n'ella, considerada como reacção vital, o elemento espasmo, o elemento dôr, agitação; o elemento conges-

tivo, inflammatorio. O primeiro—ou o espasmo—apresenta-se principalmente no principio; é o que determina a horripilação: todo o systema fibrilar entra em movimento e contrahe-se. Este movimento, muito pronunciado na pelle, faz-se egualmente sentir no interior: «sente-se frio nas costas». A sua intensidade dependerá da intensidade ou da prolongação da acção da causa morbida, da susceptibilidade individual, das perdas que a economia soffreu, das suas privações, das impressões moraes. Comprehende-se que em taes circumstancias tudo o que enfraquecer o organismo deve ser mortal. A horripilação exige portanto os antispasmodicos: produzirão bom effeito algumas gottas de laudano em uma mistura etherea. A alcoolatura de acnito actua no mesmo sentido. Durante o espasmo peripherico o sangue é rechaçado para o interior e os vasos do coração distendem-se e paralyam-se: é como nas experiencias de M. Claude Bernard em que se corta o grande sympathico. Resulta d'estas experiencias—assim como das de Brown Séquard—que o augmento de calor é a consequencia da dilatação dos vasos. Outro physiologista, o professor Traube partiu da hypothese de um apparelho nervoso regulador ou moderador. Elle actuaría á maneira dos apparelhos suspensores em geral, isto é, que se comportaria a respeito da renovação organica, ou da nutrição, como o nervo pneumo-gastrico — principalmente o esquerdo — a respeito do coração. Elle seria um freio da combustão hematosica, por isso que sem elle a oxydação do sangue se tornaria excessiva e o corpo se queimaria.

Gostamos de rememorar estas theorias anatomo-physiologicas porque cabem na grande lei da vitalidade, lei que o pae da medicina tinha perfeitamente reconhecido na ausencia de quaesquer conhecimentos technicos. Na febre não ha sómente os phenomenos phy-

sico-chimicos, ha tambem—e sobretudo—os phenomenos vitaes, subordinando aquelles; a medicação deve portanto ser dinamica, ou vital. Nas pyrexias agudas os alcaloides estão sempre indicados. A quinina actua não nos intervallos dos accessos—como se poderia pensar—mas contra o accesso subsequente moderando a reacção e facilitando as funcções de secreção e de excreção, isto é, favorecendo a eliminação dos productos de combustão: é o que faz a digitalina para com a urea. A veratrina tem uma acção muito especial sobre a pelle; a aconitina sobre a mucosa gastrica; a colchicina sobre os rins. Ha n'estes factos uma origem fecunda de experimentação.

Andral procurou determinar as variações da temperatura do corpo com as de algumas das suas partes solidas e da urina: fibrina, albumina, globulos, urea, etc. e chegou á seguinte conclusão: que, quando o sangue contém mais de quatro millesimas de fibrina, a temperatura se eleva e que esta elevação é proporcional á do elemento plastico.

Esta conclusão conforma-se com a do mesmo medico sobre as phlegmasias e as pyrexias, egualmente em relação, não com os globulos rubros do sangue, mas com os globulos brancos. Elle apresenta uma tabella de vinte chloroticos nos quaes, ainda que os globulos rubros tivessem diminuido notavelmente, a temperatura ficou superior a 37.^o c. Isto explica porque é que a febre é tão prompta a nascer nos chloro-anemicos; porque a temperatura animal augmenta á medida que o mesmo sangue se esgota; porque a fome prolongada aquece o corpo e porque nunca se deve levar a dieta até esse ponto a que os doentes não resistem; emfim, porque as depleções sanguineas *pouco opportunas* fazem o contrario do que d'ellas se espera, isto é, augmentam a febre. Dizemos *pouco opportunas*, porque as *opportunas*, isto é, quando ha plethora verdadeira,

como nas phlegmasias parenchymatosas — principalmente a pneumonia — desembaraçam a circulação, levantam o pulso, favorecem a evaporação e por conseguinte refrescam o corpo. Mas este ultimo resultado será mais facilmente obtido pelo sal de Sedlitz em lavagem.

A diminuição da albumina do sangue não está em relação immediata com o abaixamento da temperatura animal; só depois de mais ou menos tempo é que a insufficiencia das materias albuminosas faz baixar a temperatura de modo notavel; isto observa-se na albuminuria e nos animaes que se deixa morrer exinanidos. D'ahi provém o tratamento que indicamos na albuminose: pelo sal de Sedlitz, os albuminosos e o arseniato de estrychnina. (Vide *Albuminuria*).

Existe, pelo contrario, directa relação entre a temperatura do corpo e a quantidade de urea eliminada pelos rins: em trinta e duas analyses de urina que pertencia a diversos doentes cuja temperatura era normal, Andral só encontrou oito vezes mais de doze grammas de urea. Em vinte e tres analyses d'urinas procedentes de enfermos atacados de febres intermitentes elle encontrou onze vezes, vinte a trinta e duas grammas de urea; nove vezes, entre dezeseis e vinte; duas vezes, apenas treze e quatorze grammas.

Existe a mesma relação entre a pneumonia, a pleuriz e a febre typhoide. Em quanto á ultima se alguns authores admittiram uma diminuição da urea, Andral faz notar que a dieta a que os doentes estão sujeitos, actua sobre a urea em sentido inverso da febre. Pode acontecer, em uma pyrexia que se prolonga, que a urea, sem cessar de ser eliminada em quantidade con-

sideravel, diminua, conservando-se a temperatura no mesmo grau. Existe uma doença que faz excepção á regra precedente, é a cirrhose do figado. Andral, analysando as urinas verificou o augmento da urea. Esta doença, ainda que apyretica comportar-se-hia, sob este ponto de vista, como as pyrexias. Andral pergunta se n'este caso se pode suppor que as materias azotadas da bile que já não podem sahir do sangue pelo figado alterado acham uma via supplementar de eliminação nos rins; e parece disposto a resolver esta questão affirmativamente, baseando-se em experiencias physiologicas que demonstram essa solidariedade entre as funcções eliminadas. Poder-se-hia invocar o exemplo dos ovi-paros que, possuindo um figado relativamente pouco desenvolvido — alguns não tendo vesicula biliar — os rins são providos de um duplo systema venoso — as veias renaes propriamente ditas, que correspondem ás arterias, e uma veia renal porta que vai desaguar na veia porta hepatica. (*Systema venoso de Jacobson.*) Conhece-se a enorme quantidade de urea e de uratos fornecida pelas aves e não se pode duvidar que não seja este um meio de refrigeração, em animaes cujo corpo é todo um aparelho combustorio.

As investigações do hematologo francez esclarecem muito as pyrexias e as inflammações: ellas mostram que o calorico animal é proporcional á quantidade de urea no sangue. Ora, os alcaloides augmentando as secreções renal e cutanea, isto é, favorecendo a eliminação dos principios azotados fazem cahir o calor e o pulso e por conseguinte diminuem a febre e a inflammação. A maior parte das phlegmasias — mesmo traumaticas — são febres localizadas sob a influencia de uma causa occasional. Quando a pleurite, a pneumonia rebentam espontaneamente é porque ha predisposição, porque a causa occasional é ás vezes fraquis-sima: é a gotta d'agua que faz trasbordar o copo. O

mesmo acontece no rheumatismo articular e em todas as phlegmasias em geral, nas quaes os alcaloides fazem maravilhas.

Quando ha plethora, a sangria prévia favorece a acção dos medicamentos; longe portanto de privar a therapeutica d'este recurso, devemos applical-o sempre que for necessario. Innovar não é reagir: é o que os espiritos mesquinhos não podem comprehender.

Mas se a sangria é necessaria quando ha plethora, ou superabundancia de sangue, não acontece o mesmo na leucocythemia em que as inflammções são mais para receiar porque estão na proporção, não dos globulos rubros, mas dos globulos brancos do sangue. Se, em virtude da degeneração das nossas populações a necessidade da sangria geral é menor do que outr'ora, não se deve adoptar por systema a exclusão d'este meio therapeutico. Sangra-se para desembaraçar a circulação qualquer que seja a causa que produziu o embaraço. Uma pneumonia em principio, com grande oppressão, reclama a sangria. Os catharto-emeticos são n'este caso um mero expediente; e haveria perigo em confiarmos exclusivamente n'elles. O mesmo acontece nas doenças agudas do coração, nas quaes Hufeland censura aos seus contemporaneos o não sangrarem.

Ha até certos estados adynamecos que podem egualmente reclamar as depleções sanguineas, não *subtractoras*, mas *derivativas*, para prevenir a hypostase nos órgãos nobres. E' por isso que os phenomenos cerebraes, pneumonicos e abdominaes serão mais seguramente combatidos depois da sangria pelos calman-tes dynamicos. Por exemplo, a morphina é mais efficaç depois da sangria do que em antes. Ha tambem mais facilidade em reconhecer o effeito dos estimulantes e dos antiperiodicos. O verdadeiro practico é o que não é exclusivo.

Pelo que diz respeito aos alcaloides, quando e como

os devemos administrar? A duvida pode offerecer-se Devem ser dados no estado pyretico ou esperaremos pela apyrexia? Nós pensamos que isso depende das circumstancias: é assim que, quando o perigo é imminente, e que perder tempo seria fatal, devemos dar os defervescentes, *mesmo no auge da febre*. E não se receie augmentar assim a reacção por isso que os alcaloides fazem decahir o pulso e o calor. Quando o perigo dimana do excesso do calorico é mister dissipal-o immediatamente.



Urologia

Para inspeccionar a urina, para ahi *lêr a doença*, é preciso conhecer este liquido no seu estado normal, ou natural, e no seu estado anormal, ou pathologico.

A côr normal da urina é amarella mais ou menos misturada de vermelho; esta côr é devida a uma materia córante propria e indica a saude; isto é, que todos os actos da vegetação se operam naturalmente.

Esta côr pode falhar, como na chloro-anemia; é um indicio que vem em apoio de todos os outros e que reclama o arseniato de estrychnina e o arseniato de ferro,

De cada 2 ou 3 granulos por dia (conjunctamente).

As urinas escuras, carregadas na côr, indicam um estado de irritação que exige o emprego de sal de Sedlitz e da digitalina.

Um granulo de duas em duas horas.

Uma colher-de-chá de sal de Sedlitz em um copo d'agua.

Se, por meio do papel reactivo, se verifica um estado acido muito pronunciado, dar-se-ha o acido benzoico e o benzoato de soda.

De cada, um granulo (conjunctamente) tres a quatro vezes por dia. De manhã, sal de Sedlitz.

Se, pelo contrario, ellas forem alcalinas, isto é, contendo uma quantidade consideravel de carbonato de ammoniaca (1) daremos o acido phosphorico e as bebi-

(1) A alcalinidade das urinas pode verificar-se por meio do papel de girasol avermelhado por um acido e que readquire então a côr azul.

das aciduladas vegetaes. Se existir um estado typhoide, daremos o hypophosphito de estrychnina,

Um granulo de meia em meia hora, até que as urinas tenham perdido o cheiro ammoniacal.

As cores anormaes da urina (verde, azul, roxa) indicam um estado ammoniacal. São devidas a decomposições que tem logar na bexiga (uroglaucina, urrhodina). Devem ser tratadas como acima: pelo sal de Sedlitz e pelos acidos vegetaes.

A urina pode ser córada de vermelho pelo sangue (hematuria). N'este caso, devemos dar os acidos mineraes, preferindo o perchlorureto neutro.

Cinco a seis gottas em um calix, de manhã, ao meio dia, e á noite.

As urinas podem apresentar um deposito como pó de café. Isto indica a decomposição dos globulos rubros além do baço, isto é no parenchyma renal. Se o deposito for muito abundante a ponto de produzir a aglobulia do sangue devemos dar o arseniato de ferro e o arseniato de estrychnina. (Vide *Diattheses.*)

De cada um granulo (conjunctamente) 4 a 6 por dia.

As urinas lactescentes ou chylosas (Vide *Diattheses*) exigem amargos, como a quassina.

2 a 3 granulos ás comidas.

Albumina, nas urinas.—1.º Quando se suspeita albumina nas urinas é necessario examinal-as pelo acido nitrico. Se a quantidade de albumina é muito consideravel forma-se um abundante precipitado branco. Se

a quantidade for pequena devemos servir-nos d'um tubo de prova, cheio até dous terços com urina e deixa-se correr ao longo do vidro algum acido de maneira que o liquido se junte no fundo. Se houver albumina produz-se por cima do acido uma camada turva, claramente limitada nas duas faces.

2.º Faz-se ferver a urina contida no tubo á lampada d'espírito de vinho, até coagulação. Mas este processo pode dar logar a erros: a urina pode turvar-se pela ebullição sem que contenha albumina. No maior numero de casos é o phosphato terroso (como na osteomalacia); o que se pode reconhecer derramando algumas gottas de acido sobre o deposito. Daremos então os hypophosphitos e phosphatos de cal.

Uma duzia de granulos de cada, por dia.

A turvação pode egualmente depender do muco: o coagulo dissipar-se-ha n'este caso por meio do acido acetico ou chlorhydrico.

Se a urina for alcalina não se turvará pela ebullição; devemos portanto experimentar sempre a reacção do liquido em antes de o fazer ferver: se ella azular o papel vermelho de gira-sol devemos deitar-lhe algumas gottas de acido acetico.

Succede, mas raras vezes, que a ebullição não precipita a albumina na urina quando esta contém uma certa quantidade d'acido chlorhydrico livre. E' então preciso neutralisal-a por meio da potassa (carbonato).

A presença da albumina nas urinas fóra de qualquer doença organica do rim, do figado—indica um empobrecimento de sangue, principalmente dos seus elementos salinos e hematicos. Devemos suppril-os por um

regimen salino e pelos reconstituintes: arseniato de estrychnina, arseniato de ferro.

De cada, um granulo (conjunctamente) 4 a 6 por dia.

Fibrina nas urinas.—Ella produz-se por exsudação: a fibrina do sangue é convertida em gelea por meio do carbonato de ammoniaca. Pequenos coalhos podem tornar-se a base de calculos.

N'estes casos daremos os acidos vegetaes e os hyphosphitos de estrychnina.

Cinco a seis granulos por dia.

A presença da fibrina na urina indica muitas vezes uma doença organica dos rins (doença de Bright).

Gordura nas urinas.—A urina apresenta algumas vezes olhos de gordura semelhantes aos do caldo. E' porque effectivamente a gordura que não foi queimada na economia passa ás urinas. Isto tambem se observa no tratamento pelo oleo de figado de bacalháo. (1) N'este caso deve dar-se os tonicos nervinos, como o arseniato de estrychnina.

Quatro a seis granulos por dia.

Isto pode egualmente depender de uma degeneração gordurosa dos rins. Convem insistir sempre nos tonicos.

Assucar nas urinas.—Para descobrir o assucar na

(1) M. Cl. Bernard viu passar gordura á urina de cães sustentados com grande quantidade d'esta substancia.

urina pode-se fervel-a em uma colher de prata até á consistencia de xarope; pode-se usar tambem da polarisação.

E' egualmente necessario pesar a urina para lhe reconhecer a densidade.

Como a dosagem é longa e difficil, e como nos basta saber aproximadamente quanto assucar uma urina diabetica contém, poderemos servir-nos do processo seguinte baseado no seguinte facto: que uma urina saccharina fervida com potassa caustica toma uma côr amarello-trigueiro; e que pela intensidade da côr e por meio de uma escala de cores se pode julgar da quantidade de assucar. Para estabelecer esta escala dissolve-se em 40 ou 50 c. c. d'agua uma quantidade pesada (cerca de duas grammas) de assucar de uva bem secco, acrescenta-se um volume duplo de lixivia de potassa bem concentrada e ferve-se durante 10 a 15 minutos. Depois do esfriamento acrescenta-se ao liquido trigueiro-escuro tanta agua quanta for necessaria para que cada centimetro cubico da mistura contenha 10 milligrammas de assucar. Com este liquido forma-se uma escala de côr (basta uma escala de poucos graus). Servir-nos-hemos de tubos de prova communs; sempre que seja possivel do mesmo diametro em todo o seu comprimento. Enche-se o primeiro d'estes tubos com uma mistura formada de uma parte do liquido assucarado e de nove partes d'agua; contendo por conseguinte 4 milligrammas por 10 c. c. Enche-se o segundo tubo com a mesma mistura e acrescenta-se egual volume d'agua. Obtem-se então um grau da escala contendo 5 milligrammas de assucar por 10 c. c. Em um terceiro tubo, depois em um quarto e um quinto deitam-se liquidos que, por 10 c. c., conteem 3, 2, 1 milligrammas de assucar, etc. Prepara-se assim uma escala composta de dez a doze graus para o que se escolhem tubos grossos de vidro o mais semelhantes

que seja possível; assim obteremos resultados muito exactos. Ferve-se por conseguinte uma quantidade medida (cerca de 5 c. c. para as urinas que se supõem ricas em assucar e 10 c. c. para aquellas que se julga serem mais pobres) da urina a experimentar com o dobro do seu volume de lixivia de potassa; depois do resfriamento deita-se o liquido em um tubo de vidro semelhante aos da escala e acrescenta-se agua até que a côr se pareça com a de um dos graus da escala. Pode calcular-se facilmente a riqueza saccharina da urina visto que se conhece a do grau da escala. Este methodo exige apenas alguns minutos; todavia a escala não se conserva por muito tempo; mas o liquido conservando-se em um sitio fresco e obscuro pode renovar-se a escala á vontade.

Dissemos que o assucar na urina, ou nos tecidos (diabetes saccharino ou não saccharino) indica uma falta de combustão que exige os nervinos: acido phosphorico e arseniato de estrychnina e um regimen salino.

Sedimentos das urinas. — Sedimentos cristalinis. —
1.º *Acido urico e uratos.* — O acido urico é um elemento normal da urina mas elle não é soluvel n'este liquido senão em quanto não existe em excesso.

O acido urico só se encontra como sedimento nas urinas fortemente acidas e quasi sempre coexiste com os uratos. No estado de sedimento nunca é incolor, mas amarello desmaiado, ordinariamente carregado, vermelho-alaranjado, ou pardo, conforme o grau de acidez. Mesmo a olho desarmado pode reconhecer-se o seu estado cristallino (em prismas rhomboidaes).

Os sedimentos uratados tem côr variavel: branco-

cinzento, branco, côr de rosa, vermelho-escuro, ou vermelho-purpura. São soluveis na agua quente; é por isso facil separal-os do acido urico aquecendo a urina e filtrando-a.

Os sedimentos uratados indicam um estado febril e exigem um tratamento refrigerante: sal de Sedlitz; alcaloides: aconitina, veratrina.

De cada—um granulo, de meia em meia hora, até defervescencia.

O excesso d'acido urico é proprio das diatheses gotosa e rheumatismal. (Vide estas diatheses).

2.^o *Acido oxalico e oxalatos.*—O acido oxalico só se encontra nas urinas no estado de oxalato de cal. Este pode dar logar a calculos mammiculados, como acima dissemos. (Vide *Diatheses*).

Os cristaes tem a forma de enveloppe e podem confundir-se com o sal commum; mas a solubilidade d'este faz com que nunca se encontre crystallizado na urina.

Os cristaes de oxalato de cal são soluveis em proporção consideravel no phosphato acido de soda. Esta circumstancia pode ser aproveitada para o emprego do acido phosphorico na oxaluria. Prescrever-se-ha portanto uma limonada composta de uma parte de acido phosphorico e de quatro partes de xarope de framboezas. Já dissemos que a oxaluria provém muitas vezes d'uma alimentação excessivamente assucarada. (Vide *Diatheses*.)

3.^o *Phosphatos terrosos.*—Estes sedimentos compõem-se de phosphato de cal e de phosphato ammoniaico-magnesiano. Raras vezes se encontram sós; quasi

sempre reunidos. Por causa da sua solubilidade nos ácidos — mesmo fracos — só se encontram nas urinas alcalinas após uma fermentação na bexiga, nos ureteres, ou nos bassinets onde algumas vezes formam calculos ramificados.

Os cristaes ammoniaco-magnesianos apparecem nas urinas alcalinas sob a mesma fórma que o oxalato de cal, mas distinguem-se d'elle por se deixarem dissolver em uma solução de acido acetico, que ataca pouco, ou nada o oxalato de cal.

As urinas ammoniaco-magnesianas exigem o emprego das bebidas e dos alimentos condimentados com vinagre que convem principalmente a este genero de calculos.

O phosphato de cal apresenta-se sob a forma de pó amorpho; é insolúvel na agua, soluvel nos ácidos, mesmo no acido acetico; é precipitado d'estas dissoluções, no estado amorpho, pelos alcalis. Só se encontra na urina fracamente acida, neutra, ou alcalina.

A presença dos sedimentos terrosos nas urinas indica sempre n'ellas um estado de superalcalinidade que deve ser corrigido pelas aguas mineraes aciduladas gazosas: de Selz, Carlsbad, de Vals, mas sobretudo por um regimen refrigerante (sal Sedlitz).

4.^o *Chloruretos.* — *Chlorureto de sodio, ou sal commum, nas urinas.* — A quantidade de sal marinho eliminado com as urinas varia conforme as pessoas, e os differentes momentos do dia. Nigra publicou observações em oito individuos. A quantidade de chloro eliminada em vinte e quatro horas eleva-se, termo medio, a 10 grammas 46, o que corresponde a 17 grammas, 5 de chlorureto de sodio. E' de tarde que a eliminação do chloro é mais consideravel, mas diminue muito de noute para se elevar outra vez de manhã.

O exercicio activo augmenta-a; uma alteração na saúde, mesmo ligeira, a diminue. A proporção de chloro augmenta quando se bebe grandes porções d'agua, mas diminue com rapidez correspondente. Em varias doenças a quantidade de sal commum contida nas urinas diminue consideravelmente sobretudo nas exsudações abundantes formadas á custa do sangue. Na pneumonia desce ao minimo. Quando as urinas estão privadas de sal commum fermentam e formam-se n'ellas producções parasitarias.

Por tudo isto se vê quam necessario é o sal commum á economia, não só para a nutrição progressiva, mas principalmente para a nutrição regressiva, por isso que elle preserva o corpo das fermentações.

TABELLAS SYNOPTICAS

Incontinencia espermatica (espermatorrhea)

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
<p>23 annos.—Costumes viciosos, Perdas nocturnas involuntarias, Sensibilidade anormal da columna vertebral, principalmente na nuca e nos lombos, Sonhos eroticos, Despertar em sobresalto, Pelle quente, Pulso pequeno, accelerado, Emmagrecimento, Enfraquecimento das faculdades intellectuaes, Prostração geral.</p>	<p>Granulos Ciculina, Acido phosphorico e sulfato de estrychnina, 4 de cada, por dia (conjunctamente).</p> <p>A' noute, ao deitar, um granulo atropina.</p> <p>Regimen tonico, lavatorios frios de manhã, sal de Sedlitz.</p>	<p>Este tratamento continuado durante quinze dias, produziu desde o sexto uma diminuição notavel dos symptomas.</p> <p>O doente foi mandado para o campo para acabar de se restabelecer.</p>

NOTA.—Na antiguidade, os sacerdotes para observar a continencia, tomavam todas as noutes uma certa dose de cicuta porque esta planta diminue a excitação da espinal medulla e dos orgãos sexuaes. Hoje foi preconisado o *Agnus castus*. Não podemos affirmar até onde chega a virtude d'esta planta para este effeito.

Impotencia

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
<p>48 annos. Formigueiro nos membros inferiores, Sensação de calor nas costas, Desejos venereos, Ereções não persistentes, Bolsas flaccidas.</p> <p>Tristeza, ideias de suicidio.</p>	<p>Granulos Acido phosphorico e arseniato de estrychnina,</p> <p>2 granulos de cada, á noute.</p> <p>Lavatorios frios de manhã, sal de Sedlitz. Regimen salino.</p>	<p>Este tratamento foi continuado durante dous mezes. Ao fim d'este tempo os orgãos sexuaes readquiriram a turgescencia propria.</p>

NOTA.—O sal marinho ou chlorureto de sodio foi sempre considerado como proliíero. A este respeito pode ler-se a *Symposiaca* de Plutarco onde ventila a questão: «Porque era vedado aos sacerdotes egypcios tomar sal com os alimentos.» Nas obras de Bernard de Palissy encontra-se uma dissertação analoga.» Como é que as femeas dos ratos, nos navios carregados de sal, se tornam fecundas sem a intervenção dos machos.» O sal commum favorece a eliminação das materias albuminoides, e por consequente do esperma. Do mesmo modo, a mulher só está apta para conceber quando as suas secreções apresentam um determinado grau de salinidade. O que levou Montaigne a dizer: «A belleza da mulher não deve ser insipida, nem desanimada, mas candida com captivadora graça.»

Hemoptyse

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
<p>24 annos.—Oppressão, Tosse entrecortada, Expectoracão de sangue ás golfadas, Pelle secca, Faces vermelhas, Rosto turgescete, Pulso duro (125), Sensação de fervedouro no peito.</p>	<p>Aconitina, Digitalina, Ergotina, de cada—1 granulo (conjunctamente) de meia em meia hora. Applicação de gelo no peito. Sal de Sedlitz. Bebidas aciduladas. Hydro-ferro-cyanato de quinina.</p>	<p>Este tratamento foi continuado durante 24 horas. O pulso mollificou-se e desceu a 95. A tosse acalmou-se e a expectoracão sanguinea cessou. Para impedir a repetição da hemoptyse.</p>

NOTA.—Sabe-se que a quinina tem uma acção excito-motriz muito pronunciada sobre os capillares e que suspende a transudação. Mas seu principal effeito é dissipar a febre e descongestionar. As hemorragias são, em geral, periodicas, como os catamenios. E' porque o sangue é solicitado em maior quantidade para um ponto, que elle ahi pára, e transsuda atravez das paredes dos vasos, sem que por isso haja forçosamente ruptura, ou ulceracão. Quando a hemorrhagia é supplemtnar bastará moderar-a, se for demasiado forte. A aconitina é muito util n'este caso. A sangria estará indicada se o pulso ficar duro e a oppressão augmentar.

Rheumatismo articular agudo

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
<p>36 annos. — Febre e dores articulares persistentes, Dores violentas</p>	<p>Aconitina ; Veratrina ;</p>	<p>Este tratamento foi continuado durante 36 horas; os</p>

*

Continuação da tabella precedente

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
na articulação externo-clavicular direita, oppressão. Pulso duro (120), calor, 40 ² / ₅ .°	Digitalina Arseniato de estrychnina Alternadamente um granulo de cada, de meia em meia hora. A' noute, 2 granulos de chlorhydrato de morphina e uma poção de choral. Hydro-ferro-cyanato de quinina.	symptomas attenuaram-se, declarou-se uma diurese abundante. Para prevenir os accessos.

NOTA. — Não foi sem razão que se preconizou a efficacia da veratrina nas affecções articulares agudas; ajuntando-lhe a aconitina, acalma-se ao mesmo tempo o erethismo nervoso e o orgasma vascular. Raras vezes se é obrigado a elevar a dose além de 10 a 12 granulos em 12 horas. As dores articulares esternas produziram oppressão, por causa da visinhança do coração e dos pulmões: era por isso necessario acrescentar a digitalina e a estrychnina (arseniato) á veratrina e á aconitina.

O rheumatismo articular agudo é, como diz Hufeland, uma irritação antagonista provocada pela suppressão da perspiração cutanea; ha pois n'elle dous caracteres: um, dynamico (irritação, destruição d'equilibrio das forças); o outro, material (materia da transpiração suspensa. (Vide *Diathese gottosa, rheumatismal.*)

O hydro-ferro-cyanato de quinina é sempre necessario n'estes casos para prevenir os accessos.

Cystite traumatica

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
<p>29 annos. — Violenta contusão do hypogastro, Pallidez, Frio geral, Hypogastro elevado e maciço á percussão, Urinas caldeadas de sangue.</p>	<p>Hydro-ferro-cyanato de quinina (2 gran. de meia em meia hora). A' noute arseniato de estrychnina (um granulo).</p>	<p>Contra a prostração nervosa e como hemostatico. Este tratamento foi seguido durante um dia.</p>
<p>Reacção. Pulso a 110. Calor 40.º, Hypogastro doloroso, Urinas ammoniacas.</p>	<p>Veratrina, Aconitina, Digitalina (de cada um granulo de hora a hora).</p>	<p>Contra a reacção que sobreveio ao outro dia.</p>
<p>Horripilações irregulares, alternativas de calor e frio.</p>	<p>Arseniato de quinina (2 granulos de hora a hora).</p>	<p>Contra a repetição dos accessos.</p>

NOTA. — O arseniato de quinina é um calmante do grande sympathico; é sabido que as irritações das vias urinarias determinam uma febre d'accessos, por vezes mortal; encontram-se n'este caso os ganglios dos plexos nervosos hyperemiados e amollecidos. E' por isso importante prevenir estes accessos. Nas affecções traumaticas das vias urinarias não podemos por conseguinte deixar de administrar a quinina, sob a forma de sulfato, de hydro-ferro-cyanato ou d'arseniato.

Peritonite puerperal

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
<p>22 annos. — 3.º dia de parto. Mal estar geral, Arripiamentos irregulares, Pulso pequeno a 100,</p>	<p>Hydro-ferro-cyanato de quinina (1 granulo de meia em meia hora.</p>	<p>Contra os arripiamentos.</p>

Continuação da tabella precedente

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
<p>Ventre ligeiramente tympanico, Peitos flaccidos, Prostração. Reacção, Calor 40.º c., Pulso, 120. Vomito de materias esverdeadas. Calor da pelle menos mordente, Pulso 117. Os soluços desapareceram. Urinas raras, ammoniacas.</p>	<p>Bebidas refrigerantes. Ligadura algodoada. Aconitina, Veratrina (1 granulo de cada (conjunctamente) de meia em meia hora). Lavagem intestinal com o sal de Sedlitz. Continuação da aconitina e da veratrina. Clysteres emollientes, Digitalina. Hydro-ferro-cyanato de quinina.</p>	<p>Contra a febre aguda. Contra os accesos.</p>

NOTA. — A peritonite puerperal, sendo uma affecção prostatica ou siderativa, convem administrar no principio o hydro-ferro-cyanato de quinina; em seguida, diminuida a reacção pelos alcaloides defervescentes: aconitina, veratrina, digitalina, voltar ao emprego da quinina. A lavagem do tubo intestinal é necessaria por causa das materias esverdeadas que não tardariam a entrar em fermentação.

Febre coxalgica

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
<p>16 annos.—Dôr viva no quadril esquerdo, Fe-</p>	<p>Digitalina, Sulfato de strychni-</p>	<p>Para impedir o derrame na arti-</p>

Continuação da tabella precedente

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
bre, Pulso, 120, Calor 39 $\frac{2}{5}$.°; Coxa emaciada e mais comprida. Persistencia da febre, Calor 40.° c. Cessação da febre.	na (de cada, 1 granulô d' hora a hora). Aconitina, Veratrina (1 gran. de cada de meia em meia hora). Hydro-ferro-cyanato de quinina.	culação e o estiramento do membro. Applicação d'um caustico de pasta de Vienna de cada lado do trochanter. (*)

NOTA.—O alongamento do membro nem sempre é signal de arthrocace, mas muitas vezes o é de paralysisia. E' portanto necessario administrar a strychnina, porque o estiramento dos musculos e dos nervos augmentaria a febre.

Pleurite

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
23 annos. — Pontada pleuritica no lado esquerdo, á altura do quinto intervallo costal, Tosse entrecortada, secca, Pulso vivo, frequente, 120, Calor 41.° c.	Cicutina, Veratrina (de cada, 1 granulô de meia em meia hora.) Ventosas escarificadas, Imobilisação do thorax, Sal de Sedlitz.	Este tratamento é continuado durante dous dias.

(*) A applicação do caustico de Vienna é feita com o fim de prevenir a luxação espontanea.

Continuação da tabella precedente

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
Dyspnea. Som maciço á percussão.	Arseniato de estrychnina, Digitalina, Arseniato de soda, Sal de Sedlitz.	3.º dia.—Contra o derrame durante tres dias.
Pulso pequeno, irregular, Oscillação da temperatura matinal (39.º) e vespéral (41.º c.)	Hydro-ferro-cyanato de quinina (1 granulo de meia em meia hora).	9.º dia.— Contra os accessos durante dous dias.
Resolução completa.	Quassina (4 granulos por dia).	12.º dia.— Para activar as forças digestivas.

NOTA.—Na pleurite, o tratamento nunca é bastante activo, attendendo á marcha rapida da doença. As sangrias excessivas e os contra-estimulantes muitas vezes apenas vão augmentar a debilidade geral e precipitar o derrame, por causa da chloro-anemia.

Bronchite capillar

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
18 annos.—Tosse secca, dôr retro-esternal, difficuldade de inspiração, Febre; Pulso a 96, calor, 38 3/4.º c.	Sanguesugas, Emollientes, Aconitina, Hyosciamina, Estrychnina (de cada 1 gran. de meia em meia hora.)	

Continuação da tabella precedente

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
Respiração sibilante, Sarridos seccos, Urinas raras.	Sal de Sedlitz, Arseniato de estrychnina, de soda, Hyoscyamina, Digitalina (de cada, um granulo (conjunctamente) de hora a hora).	Contra o engorgitamento pulmonar.
Accesso febril á noite.	Hydro-ferro-cyanato de quinina (12 granulos). (*) Codeina (3 granulos).	Durante o dia. A' noute.
Resolução no 10.º dia.		

NOTA.—Na bronchite capillar ha ao mesmo tempo espasmo dos bronchios e engasgamento pulmonar. E' por isso necessario empregar simultaneamente a hyoscyamina e a estrychnina para evitar que a bronchite se torne suffocante.

(*) A bronchite aguda, no segundo periodo, procede por accessos. Se se não dêsse o hydro-ferro-cyanato de quinina é bem certo que doença terminaria pelo edema agudo do pulmão e pela morte.

Pneumonia

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
<p>36 annos.—Oppressão forte, Tosse penosa, Dôr gravativa na parte media do thorax, Expectoração côr de ferrugem, Febre, Pulso duro (96), Face injectada, Cephalalgia, Calor 40.º c.</p> <p>Engorgitamento pulmonar, Sarridos sub-crepitanes, Engorgitamento do figado, Congestão dos rins, Albuminuria.</p>	<p>Sangria geral, Veratrina, Arseniato de estrychnina (de cada, 1 granulo de meia em meia hora), Sal de Sedlitz.</p> <p>Arseniato de soda, Digitalina, Quassina (de cada, 3 granulos por dia (3 a 3), Sal de Sedlitz.</p>	<p>Contra o engasgamento pulmonar.</p> <p>6.º dia.— Contra a hepatisação.</p>

NOTA.—No começo da pneumonia, a estrychnina é tanto mais necessaria que os pulmões se engasgam com mais facilidade. As lesões anatomo-pathologicas, inculpadas á doença, são devidas á estase sanguinea e ás transsudações. E' actualmente bem conhecido o modo por que estes exsudatos se organisam: o plasma contém uma multidão de globulos brancos ou leucocythos, susceptiveis de soffrer uma transformação histologica. O tecido pulmonar toma assim uma densidade incompativel com a funcção que lhe cumpre e que exige permeabilidade. E' por isso que no segundo periodo da pneumonia devemos dar o arseniato de soda.

Meningite cerebral

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
<p>8 annos.—<i>Prodromos</i>: Mal estar. Desarranjo das vias gastricas, Esta-</p>	<p>Sal de Sedlitz.</p>	<p>Para refrigerar o corpo.</p>

Continuação da tabella precedente

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
do bilioso, Prisão de ventre, Dores nos membros e nas articulações.	Veratrina, aconitina (1 granulo de quarto em quarto de hora).	Para abater a febre.
<i>Periodo d'invasão:</i> Cephalalgia viva, Insomnia, Sub-delirio, Pelle ardente (40—41.° c.), Rosto pallido, Pulso vivo, apressado (120).	Estrychnina (sulfato), Arseniato de cafeina (1 granulo de cada, de quarto em quarto de hora (2 a 2).	Contra a paralyisia cerebral.
Espasmos, Convulsões tonicas (<i>trismus, opisthotonos</i>).	Estrychnina, Hyoscyamina, Arseniato de soda (1 granulo de cada, de meia em meia hora, como resolutivo.	

NOTA.—A paralyisia cerebral precede a paralyisia geral e por isso é aquella que convem prevenir pela estrychnina. Porque as dores cerebraes são de natureza nevralgica, devemos associar a cafeina á estrychnina.

Meningite tuberculosa

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
10 annos. — <i>Invasão:</i> Dores vivas na nuca, Estrabismo, Pupillas contrahidas, Convulsões unilateraes, Insomnia,	Granulos de hydro-ferro-cyanato de quinina, Granulos de Acido phosphorico, sulfato de	Contra o espasmo cerebral e os accessos nervosos.

Continuação da tabella precedente

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
Sub-delirio, Gritos agudos, Febre (40.º) Pulso pequeno, acelerado, Horripilações irregulares. Vomitos.	strychnina (1 de cada, de meia em meia hora), Sal de Sedlitz.	Contra a paraly-sia cerebral.
Retardamento do pulso, Abaixamento da temperatura. Dejecções e urinas involuntarias, colapso cerebral, Morte.	Arseniato de strychnina (1 granelo de meia em meia hora).	

NOTA.—A meningite tuberculosa é geralmente mortal; ou se se consegue sustal-a termina pela hydrocephalia, o idiotismo, as convulsões epileptiformes. O medico é não obstante obrigado a empregar todos os meios que a sciencia lhe faculta.

Myelite

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
36 annos.—Sensibilidade tactil exaggerada, principalmente nos membros inferiores, Estremecimentos dolorosos irradiando ao longo dos nervos espinaes, Formigueiros, Sensações eroticas, (este periodo pode prolongar-se por bastante tempo).	Granulos d'arseniato de soda, de cicutina (1 granulo de cada, quatro vezes por dia).	Para modificar a sensibilidade e a nutrição da espi-nal medulla.
	Camphora bro-mada (1 granulo de manhã e á noute).	Contra as excita-ções genesicas.
Enfraquecimento dos movimentos, Insufficiencia nervosa: Dyspnea, Dysphagia, Dysuria, etc.	Arseniato de strychnina (3 granulos por dia).	Para despertar a innervação.

NOTA.—A esclerose sendo a consequencia da myelite, comprehende-se bem que os incitantes vitaes, ou dynamicos, sejam impotentes n'este ultimo periodo da doenca. Todavia, como pode ser que não esteja lesado todo o segmento da medulla, o tratamento pelos arseniatos pode ainda ser continuado. N'este caso podemos recorrer aos excitantes externos: moxas, passagem de ferro quente etc. Devemos em todo o caso ser muito prudentes por causa das congestões que poderiam fazer-se na medulla já hyperemiada.

Nevrites — Nevralgias

PERIODOS—SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
<p>1.º Periodo. — Dores tensivas, ou lancinantes ao longo do nervo atacado. Pulso mais forte do lado que soffre, Febre nevralgica, procedendo por accessos.</p>	<p>Arseniato de soda, Arseniato de quinina, Aconitina (1 granulo de cada, (3 a 3) quatro vezes ao dia.</p>	<p>Para modificar a nutrição e a sensibilidade do nervo.</p>
<p>2.º Periodo. — Enfraquecimento gradual da parte doente, Ataxia locomotriz.</p>	<p>Arseniato de estrychnina, Arseniato de ferro, Arseniato de antimonio (3 a 4 granulos por dia).</p>	<p>Contra a anemia. Contra a diathese rheumatismal.</p>

NOTA.—E' esta diathese a que mais vezes produz as nevrites ou nevralgias, é por isso que devemos em primeiro logar procurar modificar a nutrição do nervo doente. O arseniato d'antimonio deve portanto ser dado de preferencia n'este caso. Tem particularmente o effeito de activar a absorpção intersticial e prevenir assim a esclerose, ou a hypertrophia da substancia intercellular, com atrophia dos elementos histologicos normaes.

Ophthalmia

GENERO	SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
Conjunctival	Lagrimejamento, Dôr gravativa, Febre d'accessos.	Granulos de hydro-ferro-cyanato de quinina, Emollientes.	Contra a febre d'accessos.
Esclerotica	Dores vivas, tebrantes, Photophobia.	A dstringentes, Zinco, Tannino. Arseniato de soda, Veratrina, Aconitina (1 granulo de cada de hora a hora).	Contra a relaxação dos tecidos. Para modificar a nutrição e a sensibilidade.
Iridiana	Dores supra-orbitarias, Deformação da pupilla, Vomitos.	Atropina, Veratrina. Iodureto mercurial.	Contra o espasmo e a congestão. Contra a syphilis.
Choroidea	Deformação das imagens, Amblyopia.	Arseniato de soda, Sal de Sedlitz.	Contra o estado hemorrhoïdario.
Retiniana	Scintillações, Fagulhas, Pontos escuros, Amaurose.	Acido phosphorico, Sulfato de estrychnina (progressivamente até 20 granulos por dia.)	Excitantes diffusíveis. Ammoniaca.

NOTA.—A localisação anatomica, ou por tecidos, é aqui muito importante para determinar o tratamento.

Laryngite

GENERO	SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
Simplez	Dôr da larynge á pressão, Voz rouca, Tosse secca espasmodica, Acesso febril á noute.	Aconitina, Hydro-ferro-cyanato de quinina (1 granulo de cada, de meia em meia hora).	Para impedir as exsudações.
Croupal	Mal estar, Anciidade, Respiração sibilante, Tosse metallica, Pallidez do rosto quando não ha accesos, Pulso pequeno, Dyspnea.	Granulos de Arseniato de estrychnina e de quinina (1 granulo de meia em meia hora). Sulfureto de calcio.	Contra os accesos asphyxicos. Contra a diphtheria.

NOTA.—A laryngite croupal parece ser devida a organites ou microphytos do genero dos oïdiuns. O mesmo succede na coqueluche que é uma laryngite de accesos, ou ataques e que se acalma sob a influencia da aconitina, do hydro-ferro-cyanato de quinina, e que o sulfureto de calcium modifica vantajosamente, de modo a tornar os accesos menos violentos.

Hepatite

SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
46 annos.— Dôr viva, augmentada pelo contacto superficial, irradiando para a espadua e para a virilha direita, Dores profundas gravativas, Côr icterica, Vomitos, Prisão de ventre, Dejecções argilosas, Febre d'accessos.	Banhos emollientes, Ventosas, Sanguesugas, Veratrina (1 granulo de meia em meia hora).	Contra a comichão da pelle.
	Sal de Sedlitz.	Como refrigerante.
	Podophyllina (1 a 2 granulos por dia).	Contra a ictericia e a prisão de ventre.
	Quassina, hyoscyamina (de cada, um granulo ás comidas).	
	Arseniato de quinina.	Contra a febre d'accessos.

NOTA.—O effeito da hepatite é entorpecer o figado, o que faz com que ella seja uma causa de cholemia; esta é caracterisada por depressão do pulso e do calor e muitas vezes é causa de febres d'accessos muito rebeldes. Nos paizes pantanosos a hepatite é muito frequente por causa da diathese palustre. A quassina, o arseniato de quinina contra a diathese, e a hyoscyamina contra o espasmo icterico, são os meios indicados no caso.

Nephrite

GENERO	SYMPTOMAS	TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
Inter-ti-cial	Dores renaes, Urinas raras e carregadas, Febre intensa (41.º c.), Vomitos, retracção do testiculo.	Granulos de Arseniato de soda, Cicutina, Atropina (de cada 1 granulo de hora a hora).	Contra a dôr e o espasmo.
Albumi-nurica	Febre, Convulsões eclamptiformes, Urinas albuminosas. Tendencia á hydropisia.	Veratrina, Arseniato de ferro (1 granulo de cada, de hora a hora).	Contra a febre e anemia.
Glycosu-rica	Dores lacerantes nos rins e ao longo da columna vertebral, Urinas copiosas (saccharinas ou não), sede intensa, Pelle quente e secca, Marasmo, consumption.	Regimen salino, Arseniato de ferro, Digitalina. Arseniato d'antimonio.	Contra as dores musculares.

NOTA.—As doses que indicamos n'estas tabellas—como aliás por todo o Manual—nada teem de absoluto. Ao medico pertence julgar até onde deve e pode ir. Nas doenças agudas é sempre preciso dar os remedios muito a miudo; nas doenças chronicas convem ir gradualmente, dando tempo a que se faça a absorpção eliminadora. Dizemos *eliminadora* porque os productos morbidos, para serem eliminados, devem primeiro entrar na torrente circulatoria. Exceptuamos as catalyses e as decomposições chimicas que teem logar directamente no sangue e de que os vasos secretores são d'alguma maneira as serpentinhas; como os rins, por exemplo. Sejam, porém, quaes forem estas operações chimicas, nunca se escusa a intervenção

da vitalidade. Stahl teve razão quando invocou os espiritos vitaes para explicar a iatro-chimica do seu tempo. Era, aliás, a opinião de todos os famosos medicos da antiguidade, mesmo de Galeno, não obstante o seu humorismo. Em tudo e para tudo são por conseguinte indispensaveis os incitantes vitaes. Consideremos as colites ou obstrucções intestinaes que podem chegar ao *miserere*: empregar agentes physicos como o mercurio liquido e os oleosos, sem ao mesmo tempo recorrer aos agentes dynamicos, como a estrychnina e a hyoscyamina, seria dar uma tristissima prova da sciencia medica, ou antes, fazer officio de limpador d'immundicias.

TRATAMENTO DOS FERIDOS

Actualmente todo o medico é cirurgião. Sem se entregar ás grandes operações que são do dominio dos especialistas, deve estar habilitado a tratar os casos ordinarios e de maneira a prevenir as complicações.

Porque não é tanto o accidente que é causa da morte como o tratamento que é inintelligente, ou banal.

Vemos todos os dias individuos com feridas graves e outros que soffreram operações terriveis e que todavia escapam á morte por meio de curativos methodicos e de uma medicação vital ou dynamica. (Porque em medicina, como em cirurgia, nada depende do acaso; não ha cirurgiões felizes e outros mal aventurados; como na guerra, a victoria pertence ao que soube prever tudo. A arte de curar é uma batalha continua contra a doença).

Devemos portanto considerar no tratamento dos feridos os meios *externos*, ou os pensos e os meios *internos*, ou o regimen e os medicamentos.

MEIOS EXTERNOS — PENSOS

E' conhecida a divisa de Ambroise Paré :

« Je les pançai et Dieu les guérit. »

O que é verdade é que se o grande cirurgião não tivesse dado tantos cuidados aos seus feridos, poucos teriam curado. Chamado ao cerco de Metz, a sua presença foi um verdadeiro abastecimento moral: a tropa ganhou nova coragem e os sitiados tiveram de levantar o cerco.

Admiravel resultado da sciencia! Não se tratava só de influencia moral: o soldado sabia que, se fosse ferido, acharia soccorros e que o tratamento não seria peior que a propria ferida.

Em antes de Ambroise Paré, as feridas de armas de fogo, ou de arcabuz, como então se chamavam, eram effectivamente tratadas com azeite a ferver e recheiadas de estopa (1).

O penso dos feridos deve sobretudo consistir em impedir a infecção putrida: a mais simples ferida inquina-se quando não é bem tratada.

Os animaes curam as feridas lambendo-as: a saliva que é um liquido levemente alcalino, obsta a que a ferida seque e se inflamme.

Não é por isso o ar que irrita as feridas, mas a sua acção seccante. Quando se dá aos phthisicos ar quente e humido a respirar, elles tosse menos, e sentem-se aliviados, se a este ar juntarmos vapores balsamicos.

Qualquer ferida recente pode portanto ser tratada

(1) Veja-se o brilhante estudo de Malgaigne que só teve benevolencia para com o seu author favorito—porque elle não era bom para todos. Lembramos-nos de certos numeros do seu jornal em que nos chamou thaumaturgo, por termos introduzido os apparatus algodoados em cirurgia.—O que não obsteu a que estes apparatus fizessem milagres e a que certos cirurgiões lhe usurpassem a paternidade.

com agua morna ; mas por causa da evaporação ella recebe frio, o qual se torna assim uma causa de irritação que se produz sob a fórma de febre e de accidentes nervosos (tetano.)

Melhor é por conseguinte cercar a ferida de um ambiente vaporoso e emolliente. E' o que se obtem cobrindo-as com tafetá gommado e uma camada grossa de algodão em rama.

Quando a ferida for contusa deve curar-se com oleo de linhaça phenicado na proporção de dous por cento. Por esta maneira evita-se a putrefacção e diminue-se a suppuração. E' certo que as feridas pensadas pelo methodo de Lister entram rapidamente em cicatrização ⁽¹⁾.

O curativo de Lister consiste : 1.^o em lavar cuidadosamente a ferida com agua phenicada de maneira a absterger-a de todo o sangue e exsudatos que possam dar logar á putrefacção ; 2.^o em aproximar o mais possivel os labios da ferida e em cobri-los com tafetá gommado ou *protectiva* ; em enchumaçar com

(1) O microscopio dá-nos a razão d'isto. Quando se observa uma ferida recente com uma lente forte vemos apparecer n'ella uma multidão de corpusculos.—Se collocarmos um d'estes pequenos corpos sob a lente percebe-se que são corpos vivos, isto é, animados de movimento proprio, ou amyboide. Misturando uma gotta de oleo phenicado ao meio aquoso em que se move o corpusculo, vê-se que elle não tarda a ficar immovel e a morrer. E' a mesma experiencia que a que se pode fazer com o acarus da sarna por meio do oleo de terebenthina. Todos os corpos fortemente odoriferos, como os oleos essenciaes, matam os parasitas. E' provavel que seja por anesthesia. A suppuração seria, n'esta supposição, devida aos corpusculos brancos que vem surgir á superficie da ferida.

muitas camadas de fios, ou *lint*, molhados em oleo phenicado ; 3.^o em envolvel-a com um oleado para impedir a evaporação, e em seguida com uma camada grossa de algodão em rama, preparado pelo acido salicylico ; e finalmente com uma atadura mediocrementemente apertada. Este curativo pode ficar sem se levantar um ou dous dias. Se a ferida for profunda (por exemplo—um coto de amputação), em antes de a reunir com pontos de sutura metallica, collocar-se-ha no fundo um tubo de dragagem de caoutchouc para obter assim a reunião por primeira intenção nas beiras e por segunda intenção no fundo. Este tubo será conservado em quanto a ferida suppurar e servirá para injectar todos os dias uma solução deterativa de acido phenico.

O principio que actualmente prevalece é por conseguinte o da oclusão. D'antes recheiavam-se as feridas com fios e provocavam-se assim os accidentes da pyoemia que não eram senão osteo-myelites, angeites, nevrites e myosites (porque nem os musculos estavam a salvo).

Nas fracturas complicadas de feridas é sempre este mesmo principio de oclusão o que deve ser applicado. Depois da redução, trata-se a ferida pela maneira que já se disse, isto é, lavando-a e enxugando-a com uma esponja, com agua phenicada, e reunindo-a por primeira intenção. Se os fragmentos forem muito ponteados serão reseccados e se tenderem a ficar proeminentes serão fixados com pontas de marfim, á moda dos marceneiros, isto é, furando-os com uma verruma, e mettendo nos buracos duas ou tres cavilhas, cortadas rente ao osso e a ferida será reunida por alguns pontos de costura metallica. E' muito importante que a oclusão seja perfeita, para impedir que o ar penetre na fractura e vicie o pus. Se forem individuos

muito sensíveis é conveniente adormecel-os previamente por meio de bi-chlorureto de metylene, porque é inutil fazer soffrer os feridos quando, sem perigo, o podemos evitar.

A ferida é em seguida coberta com a *protectiva* e acolchoada com *lint* ou pastas de algodão em rama molhadas em oleo phenicado. Feito isto, envolve-se o membro todo com uma espessa camada d'algodão, applicam-se as talas de papelão que se prendem com a atadura, e aliza-se a superficie do apparelho com gomma d'amido. Quando esta casca estiver dura, será fenestrada no sitio da ferida para os curativos diarios (1).

(1) Todos teem conhecimento do enfardamento de M. Alph. Guérin. Elle envolve o membro com algodão de modo a fazer uma especie de fardo, com o qual o doente se não póde mover. Depois de cortado o apparelho, elle colloca uma outra camada d'algodão que conserva no mesmo logar durante cerca de vinte dias. Imagina por esta fórma filtrar o ar e impedir que os vibrões e as bacterias penetrem na ferida. Foi, porém, demonstrado que estes infinitamente pequenos não se detem com tão pouco, que ao levantar-se o apparelho se encontra a ferida banhada por pus fetido coalhado de myriades de bacterias, e que a infecção putrida está portanto longe de ser prevenida. E isto é tão verdadeiro que a estatistica de M. Alph. Guérin, com os seus curativos, apresenta uma mortalidade de 30 %, em quanto que com os curativos de Lister a mortalidade não excede 5 %.—Onde o algodão em rama pode ser utilizado é nas feridas recentes, susceptíveis de curar por primeira intenção; ha mais de vinte annos que applicamos os nossos apparelhos para estes casos. Não valia pois a pena que M. Alph. Guérin viesse arrombar uma porta que estava aberta de par em par, por isso que os apparelhos algodoados são actualmente admittidos na pratica de todos os cirurgiões.—O penso de M. Alph. Guérin é uma reproducção desastrada dos pensos inamoviveis de Larrey, pae. Não era preciso fazer tanto alardo e principalmente comprometter a responsabilidade scientífica da Academia de Medicina de Pariz.

Diremos tambem algumas palavras ácerca das operações que foram melhoradas, a ponto de tirar á cirurgia o que ella tinha de doloroso e de aterrador.

1.º ANESTHESIA

Conhecem-se as phases multiplas pelas quaes passou este methodo: primeiramente o ether, depois o chloroformio, as injeções de chloral e finalmente o bichlorureto de metylene, que pode ser considerado como definitivo, por isso que com elle se não faz correr nenhum perigo aos operados. O bichlorureto de metylene não actua sobre o coração, como o chloroformio; os doentes adormecem como em somno natural; o rosto fica rosado e sem contracções. Parece até que a circulação se torna mais facil. Tambem não ha esse periodo intermedio d'agitação ou de ebriedade infallivel com o chloroformio. O cirurgião não tem por isso a occupar-se do seu doente: *perinde ac cadaver*.

2.º HEMOSTASE

O que outr'ora estorvava o cirurgião, o que fazia com que elle fosse obrigado a terminar a operação em antes de lhe ter prestado todos os cuidados necessarios, era o escoamento de sangue. Graças á faixa de Esmarch elle pode operar agora como no amphitheatro; é por isso que a operação já não é precipitada; tem logar com socego e reflexão. Pode-se retocal-a; como o talhador corta o panno.

Ha certas precauções a tomar em antes de applicar a faixa d'Esmarch: assim, por exemplo, como se rechaça o sangue de baixo para cima é necessario certificarmo-nos se não ha perigo de congestão interna. Se o individuo for plethorico convem mais deixar correr uma certa quantidade de sangue. Isto é tanto

assim que um parteiro se serviu recentemente da faixa d'Esmarch para fazer voltar a si mulheres de parto, depois de grandes perdas de sangue, applicando a faixa elastica a cada membro inferior de modo a restringir o *circulo circulatorio* aos dous terços.

Quando a operação tem de ser feita em membros em suppuração, devemos applicar a faixa, primeiro de cima para baixo para lhes espremer todo o sangue viciado; depois de baixo para cima para impedir o affluxo de sangue novo. Esta precaução é de extrema necessidade, para prevenir a infecção putrida.

3.º PULVERISAÇÕES PHENICADAS

Sobre as carnes vivas será projectado, durante toda a operação, vapor d'agua misturada com acido phenico. Este vapor tem o effeito de matar os organites para que mais tarde elles se não transformem em corpusculos purulentos ou outros. Quando se faz ablação d'um cancro, ha todo o cuidado para que não fique tecido doente na ferida; mas o que se não pode estorvar é a infiltração dos organites; ora são esses os que provavelmente dão logar á recidiva do cancro em o mesmo logar (1).

(1) Já tivemos occasião de expor as ideias morphologicas de Konheim e Köliker. M. Béchamp, de Montpellier, fez com que ellas abrangessem todas as producções tanto sans como pathologicas, pela hypothese dos *microzymas*. Elle mostrou que os liquidos brancos que proveem do sangue e dos tecidos, podem organisar-se e que essas organisações novas ou *neoplasias*, variam com a natureza e proveniencia d'elles. Os corpusculos ou organites que estes liquidos conteein são outros tantos germens que se multiplicam por endogenia e que é por conseguinte importante matar ahí mesmo.

4.º LAQUEAÇÕES ANIMAES

Terminada a operação, procede-se á laqueação dos vasos. Outr'ora laqueavam-se apenas as arterias principaes e esperava-se que a coagulação fizesse parar o resto da hemorrhagia; mas era o sangue coagulado que tinha ficado na ferida o que dava logar á putrescencia do coto. Comprehende-se portanto quam importante é que parte nenhuma do sangue extravasado fique nas carnes. E' por isso que devemos laquear *indistinctamente* todos os vasos que sangram. Seguram-se aquelles cujo corte está hiante e, depois de os ter isolado, laqueiam-se com *catgut* ou fios de tripa de gato, molhados em oleo phenicado. Estes fios teem a vantagem de poder ficar na ferida; é por isso que se cortam quasi rente. Os vasos que se não vê, ou antes os de que se suspeita, porque sangram, são apanhados com a pinça hemostatica e faz-se uma laqueação em massa. Não devemos receiar que ella comprehenda os filetes nervosos, por isso que estes, em geral, seguem as arterias principaes.

Por conseguinte laquearemos todos os vasos que sangram: arterias e veias. A' medida que se vai laqueando, desaperta-se o torniquete até que a ferida deixe de sangrar. Absterge-se então com esponjas finas molhadas em agua phenicada, que se mudam de cada vez que servem, para não transportar os organites.

Esse é o fim das pulverisações phenicadas. Seria erro suppol-as uma precaução de luxo. O pulverizador pelo seu diminuto volume pode transportar-se a qualquer parte. Pode tambem servir nas diphtherias tanto da garganta como das vias aerias, da vagina e do utero, servindo-nos de um speculum de vidro ou de porcellana.

Os medicos poderão encontrar os objectos necessarios aos pensos desinfectantes de Lister no Instituto Dosimetrico de Pariz.

Se a ferida apresentar pontos de côr duvidosa tocal-os-hemos com uma solução de chlorureto de zinco. Esta precaução é sobretudo necessaria nos casos de carcinoma ou de ulcera de má natureza. ⁽¹⁾

O resto do curativo faz-se como já expuzemos.

MEIOS INTERNOS

1.º REGIMEN

O regimen dos feridos deve ser analeptico, isto é, proprio para reconstituir o sangue. Os caldos, as geleias animaes, os lacticinios serão a base da alimentação. Successivamente se passará aos alimentos sólidos, ao vinho, á cerveja. Outr'ora conservava-se os doentes muito fracos e assim se alimentava a febre, ao mesmo tempo que se augmentava o perigo das absorpções morbidas. Primeiro que tudo é mister consultar as aptidões digestivas do doente, conservar-lhe a lingua limpa por meio do sal de Sedlitz; pode por esta fórma alimentar-se o ferido como em antes da operação ou do traumatismo. Consideramos este ponto como extremamente importante. Um ferido não é um doente; mas é preciso obstar a que elle o seja. Em alguns casos — raras vezes — indicamos a quina em

(1) E' conhecido o caustico ou pasta de chlorureto de zinco do Dr. Canquoin. Este illustre medico, que os seus detractores quizeram confundir com os curandeiros, — «Da calunnia, doutor, sempre fica alguma cousa!» — não tinha primeiro em vista senão a destruição dos tecidos doentes. Em uma visita recente que ainda ha pouco lhe fizemos em Dijon, podémos certificar-nos que elle se contenta com tocar alguns cancrios: os da bocca, da lingua, da pharynge, com acido phenico. O seu escopo é destruir d'est'arte os organites e impedir a pullulação do cancro. Nada obsta a que se empregue tambem o chlorureto de zinco liquido.

cozimento. Observamos que este medicamento quando não é supportado dá logar á diarrheia e priva-nos assim de dar alimentos. Os mucilaginosos amargos, como a calumba, são preferiveis ; mas a quassima substituil-os-ha com vantagem.

Tres ou quarto granulos por dia.

O descanso da noite deve ser obtido pela regularidade das funcções. Abster-nos-hemos portanto de narcoticos. Poderiamos dar todavia, por necessidade, tres ou quatro granulos de narceina que não tem o inconveniente da morphina em quanto á prisão de ventre.

2.º TRATAMENTO ANTI-FEBRIL

E' necessario impedir a tendencia á febre pelos alcaloides. Um cirurgião distincto, Chassaignac, tinha por costume administrar durante alguns dias, em antes de qualquer operação grave, alcoolatura d'aconito, em uma poção, na dose de duas a tres grammas por dia. E' o que elle chamava a preparação, ou animação cirurgica — como os cavallos se preparam para as corridas.

A practica era judiciosa porque o aconito tempera a febre; e é com o mesmo fim que nós damos a aconitina. Faremos todavia uma observação em quanto á febre *traumatica*.

Esta febre não deve ser considerada como uma reacção extra-physiologica, da mesma maneira que o não é a febre que precede a digestão nas pessoas delicadas ; é, pelo contrario, uma preparação do trabalho de reparação ; é por isso que ella não é seguida d'esse abatimento profundo que deixa um accesso de febre pathologica; d'ordinario dissipa-se pela transpiração da pelle, somno socegado, etc. etc. Não é por conseguinte esta febre a que se deve empecer ; ella até é neces-

saria em alguns casos; e é por esta razão que os antigos elevaram altares á *deusa Febre, Febris diva*. Ora a aconitina longe de empecer esta febre, favorece-a; faz com que ella marche com mais socego e regularidade, tirando a agitação ao cerebro, o que tão necessario é nos feridos, para os deixar serenar do abalo moral que soffreram. Mas ao que se deve obstar, é á febre inflammatoria, com horripilação violenta inicial, calor secco, mordente, prostração nervosa e alteração de todas as funcções de nutrição, principalmente da digestão.

Qualquer elevação do calorico acima de 39.º c., qualquer acceleração do pulso além de 90 a 100, devem ser energeticamente reprimidos, não pelos debilitantes, mas contrariamente pelos *excito-motores*, isto é, os alcaloides defervescentes. Daremos, n'este caso, a aconitina e a veratrina.

De cada, um granulo (conjunctamente) até sedação.

Se as urinas forem diminutas e turvas — como agua limosa depois de grande agitação — daremos a digitalina.

Um granulo de hora a hora, até diurese.

Se o doente se achar em grande enfraquecimento nervoso, somnolento, ser-lhe-ha administrado o arseniato de cafeina.

Dous granulos de meia em meia hora até completo despertar.

Faremos observar que a somnolencia continua nos feridos, indica uma congestão cerebral incipiente. O somno para ser physiologico, isto é, reparador, deve apparecer periodicamente. E' mesmo conveniente conservar o doente acordado, distrahindo-o, assim como devemos deixal-o dormir logo que o cansaço se mostrar.

Para obter este equilibrio funcional basta em geral uma boa alimentação. O proverbio de Salerno: *Somnum post prandium nocuum*, só é verdadeiro quando ha excessos de meza.—É ainda é preciso deixar cozer o vinho.

Nos feridos e nos operados o que ha de mais urgente é a reparação do sangue, é por isso necessario alimentar-os o mais possivel, excitando levemente as forças digestivas pela quassina e mantendo a regularidade das dejecções pelo sal de Sedlitz.

Aos feridos convem uma alimentação sufficientemente salgada para restituir ao sangue e aos humores o chlorureto de sodio que lhes falta pelas perdas que soffreram.

Dissemos acima que o chlorureto de sodio desapparece das urinas na maior parte das grandes inflamações; o mesmo acontece depois de grande fadiga ou de perdas abundantes. Contamos no nosso pequeno opusculo: *A longevidade humana ou a Arte de prolongar a vida* (1) a seguinte anedocta que indica muito bom senso no povo, sem embargo dos preconceitos que o assoberbam.

(1) Os pedantes, em geral, não gostam que os outros se dirijam ao publico, sem ser na linguagem affectada, e por vezes incomprehensivel, que elles usam. Deixamos esses Trissotins (*) da medicina rever-se nas suas amphiguris. Consentimos mesmo em ficar fóra das suas sociedades «onde só elles e os seus amigos teem sciencia»—, isto é, com a condição que os seus amigos sejam condescendentes e aduladores. Somos povo e gostamos de conversar com o povo; é por isso que fizemos muitos *pequenos tratados de hygiene* que julgamos terem sido de proveito para o publico.

(*) Personagem apresentado por Molière nas *Femmes Savantes* e tomado depois mais latamente como o typo do pedantismo e da affectação.

O boieiro intelligente

« O sal faz passar o cansaço; eis um facto que aprendemos em jornada, certo dia em que encontramos um individuo que seguia o mesmo caminho que nós. Era um quidam d'apparencia rustica mas d'olhar intelligente. Em quanto caminhava disse-nos que era boieiro de profissão e que conduzia o gado destinado ao matadouro. A principio succedia-lhe ter de deixar algumas rezes no caminho. Mas agora, disse-nos elle, isso já me não acontece, porque descobri o remedio.»

— E que remedio é?

« Eil-o: ao partir, compro uma porção de sal ordinario e quando á noite alguma das rezes não quer beber, metto-lhe pelas guelas um punhado d'elle; o animal vai logo beber e comer; no dia seguinte está descansado e prompto para se pôr a caminho.»

O simples tino tinha ensinado a este homem rude o que a sciencia só deu a conhecer depois: isto é, que o sal serve á reconstituição do sangue e dos tecidos. Um chimico belga, M. Bergé, estudou a acção do chlorureto do sodio sobre o organismo vivo e demonstrou que, sem o sal commum no plasma do sangue, a fibrina, a albumina, a musculina, a osteina, isto é, todos os productos proteicos que entram na nutrição se solidificariam e que os globulos rubros do sangue se dissolveriam. Estes globulos decompõem-se em uma solução de albumina pura, em quanto que a agua albuminosa (como o soro do sangue) contendo apenas um centesimo de sal commum, conserva perfeitamente estes globulos sem que elles se alterem. Os individuos, que não teem elementos salinos no sangue, são pallidos, chloróticos, edemaciados, albuminuricos; o appetite desaparece, a secreção da saliva e do succo-gastrico diminue; ora n'este caso estão os feridos sujeitos a um regimen demasiado insulso. Faz gosto, quando

as nossas irmãs de caridade distribuem a comida aos doentes, vel-os tirar sal ás mancheias.

E' inutil repetir o que já dissemos ácerca da acção do sal commum ou chlorureto de sodio sobre o sangue, mas não podemos deixar de recordar que o sangue absorve oxygenio na razão directa do chlorureto de sodio que elle contém; que elle estimula na mesma proporção o acto chimico-physico da nutrição e provoca a expulsão pelos rins, pelos pulmões e pela pelle, dos principios azotados da nutrição regressiva dos tecidos.

Entendida assim a hygiene dos feridos, a cirurgia, longe de os prejudicar, permite-lhes, pelo contrario, ganhar pelle nova. Frequentissimas vezes nos acontece receber na nossa enfermaria creanças lymphaticas com feridas feitas em fabricas, extenuadas por um trabalho superior ás suas forças, alguns atacados de tuberculose pulmonar e que, graças a um regimen reparador, readquirem a saude da sua idade, mas desgraçadamente para volverem a esses pandemoniums chamados officinas e que constituem o sequito ordinario da civilisação — porque, primeiro que tudo, é preciso viver.

Não podemos terminar este capitulo relativo ao tratamento dos feridos sem dizer algumas palavras ácerca da infecção purulenta, ou septicemia. Tudo o que se tem proposto a este respeito deve ser considerado como meras hypotheses — quasi sempre de espiritos pouco perspicazes — porque estes vibriões, estas bacterias são innocentes do damno que se lhes attribue.

São mais o effeito do que a causa e poderiam responder como o cordeiro da fabula:

Comment l'aurai-je fait si je n'étais pas né?

Não se pode, porém, contestar a existencia d'elles. O Dr. Beale demonstrou em animaes atacados de peste bovina, a existencia de animalculos dotados de actividade vital propria, multiplicando-se e fixando-se nas mucosas, penetrando d'ahi para o sangue e produzindo as alterações nervosas que caracterizam essa febre, decompondo os globulos rubros, fazendo estalar os globulos brancos e determinando assim encalhes ou obstrucções da circulação (embolias).

E' o que acontece na septicemia na qual vemos apparecer nas feridas organismos inferiores que para ellas são attrahidos, como as moscas para os corpos em decomposição. D'onde vêem esses organites? Desenvolver-se-hão espontaneamente? Não se pode admittil-o. Os germens d'elles existem portanto na atmosphaera; eis o motivo porque o ar deve sempre ser o mais puro possivel.

No final da guerra de 1870 fomos visitar as ambulancias á fronteira e o espectaculo que ahi observamos ficou longe de nos satisfazer. Era a guerra em todo o seu horror: putrefacções, não de mortos, mas de vivos! Os feridos estavam cobertos de moscas a ponto de já não apresentar aspecto humano, e do peito sahia-lhes um halito pestifero. Eram ao mesmo tempo devorados exterior e internamente. Urgia dar-lhes os antisepticos mas não havia os arseniatos nas pharmacias. Trazendo sempre commigo uma pharmacia de bolso, distribui alguns tubos de arseniao de quinina que prestaram grandes serviços, como depois me informaram.

A febre septicemica deve por conseguinte ser tratada como uma febre miasmatica, isto é, pelo arse-

niato de quinina; em seguida, depois de se ter conseguido interromper o accesso, pela aconitina e pela veratrina para regular o calor do corpo. Ao mesmo tempo refrigerar-se-ha o sangue pelo sal de Sedlitz.

Se rebentarem novas guerras,

..... Di, tale omen avertant !

as ambulancias deverão portanto ser amplamente fornecidas de medicamentos dosimetricos.

Acabamos de pronunciar a palavra *dosimetria*: pois bem, não nos desdiremos. Porque não hão-de os medicos filiar-se em um methodo que é ao mesmo tempo seguro, expedito e commodo e que nada altera nos principios d'Hippocrates? Qual outro permite dirigir os movimentos vitaes com tanta precisão como o cavalleiro dirige o seu ginete.

Isto não quer dizer que nos queixamos: apresentada ao publico apenas ha cinco annos, a dosimetria faz todos os dias progressos enormes, como o attestam as numerosas correspondencias archivadas no Repertorio para um dia servirem á historia d'esta grande reforma da therapeutica.

Ainda ha bem pouco tempo recebemos de um practico muito afamado uma carta da qual extrahimos a seguinte passagem: «Não posso deixar de vos admirar nos generosos e intelligentes esforços que não vos cançaes de fazer com perfeito ardor juvenil para conseguir assentar a therapeutica em uma base sólida e racional. Quando em prol de uma ideia, em si excellente, se dispõe de uma actividade e de uma convicção tão poderosas, como as que vos animam, esta ideia deve resurtir a despeito de todos os obstaculos que ella encontrar na sua passagem. E' o futuro que está reservado á causa que defendeis.»

Respondemos a este benevolo collega que a tarefa

se nos tornou facil com o apoio que os medicos de toda a parte nos prestaram.

Por isso, não somos nós o que somos mais interessado, é todo o corpo medico que sabe que lhe cabe o dever de defender a herança que o nosso pae commum nos legou, assim como elle a tinha recebido dos seus predecessores. O Repertorio é como as taboas votivas do templo de Cos: todos tem por dever o ir lá inscrever as suas observações. Não fizemos mais — como Hippocrates no seu tempo — do que archival-as. Por isso este Manual é apenas um resumo d'uma doutrina que, desde o primeiro dia em que appareceu, foi acolhida com geral sympathia.

Ella estava na verdade da situação; e a verdade tem sempre a certeza de triumphar.

Em alguns mezes apparecerá o Manual de Pharmacodynamia dosimetrica, (1) esperamos que não obterá peor exito do que o seu primogenito.

(1) Já foi publicado e depois d'elle varios manuaes: das molestias das creanças, das das mulheres, das dyspepsias, de symptomatologia, da febre, etc.

RESUMO

Um livro por mais breve que seja, carece de ser resumido. O author deve poupar o tempo dos seus leitores dizendo-lhes em poucas palavras o que pretendeu expor-lhes. Ensinar-lhes, seria uma pretensão deslocada, tendo-nos dirigido a eguaes, a medicos como nós.

E' precisamente por esse motivo que tornamos o nosso trabalho o mais summario possivel.

O principal não era descrever doenças — todos os practicos as conhecem — mas fazer-lhes comprehender a natureza d'ellas sob o ponto de vista do vitalismo.

Medir as forças vitaes, poupal-as, como um general prudente poupa as suas tropas em terra d'inimigos, eis evidentemente a tactica do medico.

E' por isso que principalmente tivemos em vista o character dynamico das doenças.

Toda a therapeutica pode resumir-se n'estas tres

indicações: *Sustentar as forças, combater a febre, modificar a nutrição*; e nas tres especies d'agentes que lhes correspondem: os alcaloides, os metaes, e os metalloides.

Em medicina não ha especificos; ha apenas modificadores vitaes.

A natureza não pôde prever o que nós chamamos *casos bonitos*, isto é, os horrores da anatomia pathologica; contentou-se com crear os meios de os prevenir e com nos dar a intelligencia necessaria para nos servirmos d'elles.

E aqui repetimos ainda com o nosso collega Amédée Latour, ainda que pareçamos fastidioso (dizemol-o para nós mesmo):

«A medicina actual, extraviou-se da sua natural direcção; perdeu de vista o seu nobre escopo, o de curar ou alliviar. A therapeutica fica abandonada no ultimo plano. Todavia o medico sem therapeutica é apenas um naturalista inutil, gastando a vida a reconhecer, a classificar, a desenhar as molestias do homem. E' a therapeutica que eleva e nobilita a nossa arte; só por causa d'aquella é que esta tem um fim; e eu acrescento que só por causa d'ella é que esta arte pode tornar-se uma sciencia.»

Ouvi bem: Um naturalista inutil!

Nós diremos um naturalista contristado porque só tem diante dos olhos o espectáculo da sua impotencia.

Em quanto que a historia natural nos revela o sentimento da vida, a anatomia pathologica colloca-nos ante o espectáculo da morte com tudo o que ella tem de hediondo, isto é, a autopsia.

O principio da jugulação das doencas desde o seu começo, eis o que deve attrahir ao medico a confiança dos doentes, por isso que, sabendo elles que o principal é não se consentir que a doença tome posse do organismo, elles reclamarão a tempo os soccorros da

arte. — O medico será assim o conselheiro das familias que terão cuidado em não mudar, assim como não mudam de advogado quando este por sabios conselhos, lhes poupa os dissabores das demandas.

D'aqui resultarão entre os medicos relações de confraternidade e de dignidade profissionaes, sabendo subtrahir-se por esta fórma aos caprichos e á má fé da clientela — sendo o cliente que muda de medico quasi sempre máo devedor.

A medicina é uma religião que tem por artigo de fé o *vitalismo*. Fóra d'este não ha salvação, isto é, cura possivel.

O organicismo é o *materialismo* desesperador e desesperado — é a lucta impossivel contra a morte.

A natureza esparziu por toda a parte o principio da vida: deu aos animaes o instincto cego e ao homem o espirito consciente: para que nos avaliaremos inferiores aos irracionaes!

E' certo que temos contra nós os nossos excessos, a nossa sêde de gozar sempre por saciar: — é por isso que os animaes (fallamos dos que vivem no estado selvagem) não precisam de medicina: vivem conformes com as leis da natureza. Mas já que a civilisação é um perigo, devemos acautelar-nos pela nossa intelligencia.

As epidemias são devidas a infinitamente pequenos; não os tratemos como infinitamente grandes, attribuindo-lhes o que pertence ao fatalismo: seria um quinhão demasiado grande.

Saibamos tirar da therapeutica todo o partido que comporta. — Temos na quinina o agente antimiasmatico por excellencia: não nos limitemos a isso; saibamos aproveitar-nos dos outros alcaloides, como agentes *vitales* e dos metaes e metalloides como agentes *physicos*; comprehendamos sobretudo que em nós, nem tudo é materia. «Cinza, devemos tornar-nos em cinza;» mas

em antes temos a cumprir um destino, um dever moral a pôr em acção. O nosso corpo é apenas o nosso envolucro material—os nossos farrapos—como disse um grande pensador—mas, por debaixo d'este trapo de mendigo, ha a vida que o anima—é debaixo d'este ponto de vista que todos os homens são eguaes. Farrapos ou galões, que importa?

A medicina é por conseguinte uma sciencia eminentemente philosophica: ser só materialista seria não comprehender o nosso destino; seria dar razão a Molière que revestiu os medicos do seu tempo com a toga de Sganarelle. Lamentámos sempre que este grande talento não comprehendesse melhor a importancia da medicina. Ou antes, foi porque elle a considerou philosophicamente que elle asseteou essas momices que dos medicos fizeram augurios, compassados para se poderem encontrar sem rir. Nada mais lugubrememente jocosos do que os seus *Desfonandrès* e os seus *Tomes*. — Se não quizermos passar por compartes da morte, sejamos os ministros da vida, e para isso saibamos usar de todos os meios que a natureza nos deu com tanta prodigalidade.—Saibamos raciocinar mas saibamos tambem obrar.—Raciocinar é synonymo de *desarrazzoar* quando nos desviamos da humilde razão. Beaumarchais teria acertado melhor ao dizer que o que nos distingue dos *outros animaes* não é o beber quando se tem sede nem o poder cohabitar em qualquer estação, senão o querer discutir ácerca de qualquer cousa. «*De omni re scibili et de quibusdam aliis.*» Disse Pico de Mirandola, que foi o pai dos pedantes —raça que nunca se extinguirá; porque é inconsciente na sua presumida sciencia. *Verba et voces!*....

Não vejamos pois na sciencia senão a humildade. Comprehendamos que o que faz o talento do homem é o saber que ha cousas que elle nunca saberá.—Occupemo-nos da essencia das cousas—mas sem pre-

tender profunda-mente. Admittamos a vida mas como um dos mysterios da natureza. — Tornemo-nos os sacerdotes magnos de Isis mas sem quererms surprehender-lhe o segredo. Quando o descobrissemos, talvez que essa revelação fosse o fim de tudo.

FIM.

TABOA ANALYTICA

DAS

MATERIAS TRATADAS N'ESTE MANUAL

Pag. i a v

Prefacio do traductor. — Obrigação que tem o medico de conhecer todos os systemas e methodos para adoptar o que lhe parecer mais racional. — Resultados da doutrina e practica de Broussais.

Pag. vii a xvii

Prefacio do author. — Exposição do methodo desimetrico. — Porque é que o author teve de começar por o experimentar em si mesmo. — Leis da duração do tratamento. — Leis da dominante e da variante. — Refutação da censura feita á dosimetria por ser exclusivamente um tratamento symptomatico. — A allopathia é, pelo contrario, empirismo. — Exposição do plano: Doenças agudas. — Doenças diathesicas. — Doenças organicas. — Thermometria. — Urologia.

TRATAMENTO DOSIMETRICO DAS DOENÇAS AGUDAS

Pag. 1 a 4

Doenças vitaes. — Doenças organicas ou anatomo-pathologicas. — A medicina extraviou-se descurando a therapeutica. — Sem a therapeutica o medico é apenas um inutil naturalista (Amédeé Latour). — Porque é que Hahnemann e seus discipulos não souberam acabar a reforma da therapeutica. — O medico é o ministro e não o magister da natureza. — Brown e Broussais: em que peccaram. — Diferença entre os incitantes e os excitantes vitaes. — A asthenia existe sempre na esthenia. — Definição da vida segundo Bichat.

TRATAMENTO DOSIMETRICO DAS FEBRES

Pag. 5 a 19

A calorificação é uma das manifestações da vida. — Febres algidas, perniciosas, cholera indiano. — Natureza d'estas febres. — Relação do naturalista Dr. Jacquemont. — Comparação entre as febres perniciosas e o cholera, pelo Dr. Everard. — Tratamento d'estas febres. — Febre amarella, ou vomito negro, natureza e tratamento d'esta febre. — Typho e seu tratamento dosimetrico. — Peste do Oriente, sua natureza e tratamento dosimetrico.

DIPHThERIAS

Pag. 19 a 27

Natureza parasitaria das diphtherias e seu tratamento. — Rhinite mormosa, sua natureza e tratamento. — Estomatites, seu tratamento. — Croups, seu tratamento. — Co-

queluche, sua natureza parasitaria, seu tratamento. — Edema da glotte ou laryngite virulenta: rabifica e não rabifica, seu tratamento.

FEBRES ERUPTIVAS

Pag. 27 a 34

Sua natureza parasitaria ou contagiosa, seu tratamento.

CONGESTÕES — HEMORRHAGIAS

Pag. 35 a 50

Sua natureza, seu tratamento (activas, passivas). — Congestões cerebraes. — Febre cerebral apoplectiforme. — Porque é que a sangria pode ser mortal n'estes casos. — Seu tratamento febrifugo. — Hemorrhagia cerebral, ou apoplexia, seu tratamento. — Congestões oculares: intra e extra-orbitarias, seu tratamento. — Congestões oticas, zumbidos, seu tratamento. — Congestões pulmonares, seu tratamento; emprego da strychnina e da quinina. — Congestões cardiacas. — Origem das doenças organicas, meio de as prevenir. — Congestões hepaticas, sua natureza, seu tratamento. — Congestões esplenicas, sua natureza, seu tratamento. — Congestões intestinaes, sua natureza, seu tratamento. — Congestão renal, seu tratamento. — Congestão vesical. — Dysuria, incontinençia d'urina, seu tratamento dosimetrico. — Congestões uterinas, sua natureza, seu tratamento.

NEURALGIAS CONGESTIVAS

Pag. 51 a 62

Sua natureza e tratamento. — Neuralgias intra e extra-cra-

neanas, seu tratamento pela quinina e cafeina. — Nevralgia intra-rachidiana. — Tetano, seu tratamento pela strychnina, morphina e chloral. — Nevralgias orbitarias, seu tratamento. — Nevralgia das fossas nasales, febre de feno, seu tratamento. — Nevralgias dentarias, e sua relação com o pequeno lobulo da orelha. — Nevralgia epicraneana e facial, seu tratamento. — Diagnostico differencial entre ella e a paralytia apoplectica. — Nevralgia do pescoço, ou trachelismo, seus perigos, seu tratamento. — Nevralgias thoracicas. — Esternalgia, Costalgia. — Diagnostico differencial d'estas e da angina pectoris. — Tratamento. — Nevralgias abdominaes; diaphragmatica, epigastrica, coeliaca, mesenterica ou miserere, — espermatico-renal—ovario-uterina,—cysto-prostatica. — Suas irradiações anatomicas; seu tratamento.

TRATAMENTO DOSIMETRICO DA INFLAMMAÇÃO

Pag. 63 a 71

Natureza do processo inflammatorio. — Necessidade da sua jugulação. — Emprego dos nervinos, acido phosphorico e sulfato de strychnina. — O methodo dosimetrico não exclue a sangria, mas não a recommenda expressamente. — Deve olhar-se sobretudo ao calor da pelle (40, 41.º c.) — Tabella synoptica da medicação dosimetrica no rheumatismo agudo. — Experiencias thermometricas com o hydro-ferro-cyanato de quinina; com o arseniato de ferro.

TRATAMENTO DOSIMETRICO DAS INFLAMMAÇÕES EM PARTICULAR

Meningites. — Sua natureza esporadica e epidemica. — Tratamento pelo hydro-ferro-cyanato de quinina, e sulfato de strychnina, a aconitina, a veratrina

72-74

Cerebrite.— Quaes caracteres a differença da meningite, seu tratamento.....	74-76
Ophthalmias agudas.— Suas localizações anato- mo-pathologicas, seu tratamento.....	76
Pituitite.— Sua natureza e tratamento....	77
Estomatites.— Sua natureza e tratamento..	78
Glossite.— Sua natureza e tratamento....	78
Amygdalite.— Seu tratamento.....	78
Anginas.— Seu tratamento (Vid. Diphtherias)..	79
Pleurite.— Pneumonia.— Seus caracteres dif- ferenciaes.— Seu tratamento pela istry- chnina (arseniato) pela quinina, pela digita- lina, pela aconitina, pela veratrina.— Tra- tamento allopathico pelo tartaro emetico e pelo kermes mineral.—Thoracocentese ca- pillar.....	79-82
Pericardite.— Cardite.— Endocardite.— Seus ca- racteres differenciaes, seu tratamento pela istrychnina, digitalina, aconitina, veratrina, arseniato de soda, de ferro.....	82-84
Peritonite.— Sua natureza siderativa, seu tratamento pelos nervinos, hydro-ferro-cya- nato de quinina, veratrina, digitalina, arse- niatos.— Tabellas synopticas.....	84-91
Hepatite.— Suas localizações e tratamento..	91
Esplenite.— Seu tratamento.....	92
Gastrite-Enterite (gastro-enterite).— Duodenite.— Jejunite.— Ileite.— Typhlite.— Colites.— Rectite.— Sua natureza e tratamento....	92-96
Nephrite.— Seu tratamento.....	96
Cystite.— Seu tratamento pelo sal de Se- dlitz, digitalina, hyoscyamina, cicutina, es- trychnina, hydro-ferro-cyanato de quinina	96-97

TRATAMENTO DAS DOENÇAS CHRONICAS
E DIATHESICAS

Pag. 99 a 133

Diatheses por causas internas. — Sua natureza, seus effeitos ou vicios de nutrição. — Diathese plethorica, seu tratamento. Diathese hemorrhoidaria. — Sua natureza, seu tratamento. — Diathese esplenica. — O baço decompondo os globulos rubros para restituir ao figado os materiaes d'elles. — Vena portarum, porta malorum, tratamento. — Diathese obesica. — E' mais venosa, do que arterial; tratamento. — Diathese chloro-anemica. — Origem dos globulos brancos. — Globulos rubros. — Experiencias de Kœliker. — Papel physiologico dos globulos rubros. — Elementos anatomicos do sangue no estado pathologico, tratamento. — Diathese tuberculosa ou phthisiose, causas d'esta diathese, tratamento preventivo, curativo. — Diathese escrofulosa — acido butyrico, tratamento. — Diathese papeirenta, causas d'esta diathese, tratamento. — Diathese urica ou gottosa, tratamento. — Diathese rheumatismal. — Acido urico. — Alcalinuria, tratamento. — Diathese glycosurica, tratamento. — Diathese albuminurica, causas, tratamento. — Diathese chylurica. — Urinas brancas, ou lactescentes, causas, tratamento. — Diathese cholurica. — Presença dos elementos biliares no sangue e na urina; causas, tratamento. — Diathese blennurica. — Fermentação do muco, causas, tratamento. — Diathese alcalinurica — causas, tratamento. — Diathese acidurica — causas, tratamento. — Diathese hemaglobinurica. — Materia corante do sangue na urina; causas, tratamento. — Diathese uremica. — Toxiemia renal. — Accidentes uremicos ou typhicos; causas, tratamento. — Diathese hydrurica — causas, tratamento. — Diatheses por causas externas. — Diathese saturnina, tratamento. — Diathese mercurial, tratamento. — Diathese cuprica, tratamento. — Diathese cadmica, ou tuthica, tratamento. — Diathese arsenical, tratamento. — Diathese ferruginosa, tratamento. — Diathese palustre, tratamento. — Dia-

these dartsosa, herpetismo, tratamento. — Diathese cancerosa ou cancerose, tratamento.

TRATAMENTO DOSIMETRICO DAS NEVROSES

Pag. 134 a 139

Hysteria. — Paixão hysterica. — Hydrophobia. — Magnetismo animal. — Tratamento. — Asthma, seus caracteres e tratamento.

TRATAMENTO DOSIMETRICO DAS VESANIAS

Pag. 140 a 142

Hypochondria. — Phrenopathias, suas causas e tratamento.

TRATAMENTO DOSIMETRICO DAS DOENÇAS ORGANICAS

Pag. 143 a 149

Phenomenos organopathicos da inflamação. — Congestões. — Exsudações. — Degenerações. — Tratamento.

SYMPTOMATOLOGIA OU ACCIDENTES MORBIDOS

Pag. 150 a 160

Valor da symptomatologia: nas lesões cerebraes, nas lesões pulmonares. — Organopathias abdominaes.

THERMOMETRIA MEDICA

Pag. 161 a 198

Leis do calorico normal: no estado normal, no estado hyponormal, no estado hypernormal. — Leis de Wunderlich. — Applicaçãõ ás doenças agudas e sub-agudas.

UROLOGIA

Pag. 199 a 207

Côr das urinas. — Depositos das urinas. — Albumina nas urinas. — Fibrina nas urinas. — Gordura nas urinas. — Assucar nas urinas. — Sedimentos das urinas: Acido urico, uratos. — Acido oxalico, oxalatos. — Phosphatos terrosos. — Chloruretos.

TABELLAS SYNOPTICAS

Pag. 209 a 226

Incontinencia espermatica. — Impotencia. — Hemoptyse. — Rheumatismo articular agudo. — Cystite traumatica. — Peritonite puerperal. — Febre coxalgica. — Pleurite. — Bronchite capillar. — Pneumonia. — Meningite cerebral. — Meningite tuberculosa. — Myelite. — Nevrites, nevralgias. — Ophthalmias. — Laryngite. — Hepatite. — Nephrite.

TRATAMENTO DOS FERIDOS

Pag. 227 a 243

Meios externos.—Pensos phenicados.—Tratamento das fracturas.—Anesthesia.—Hemostase.—Pulverisações phenicadas.—Laqueações animaes.—Meios internos: regimen.—Tratamento anti-traumatico.—Emprego dos alcaloides.

RESUMO

Pag. 245 a 258



TABOA ALPHABETICA

A

ALBUMINURIA (vid. Diatheses).—Regimen salino, Sal Sedlitz, Arseniato de ferro, de estrychnina, Hydro-ferro-cyanato de quinina.....	114
ALCALINURIA (vid. Diatheses).—Sal Sedlitz	116
ACIDURIA (vid. Diatheses).—Sal Sedlitz...	116
ARSENIATOS (vid. Diatheses).....	128
ASTHMA (vid. Nevroses).—Arseniato de estrychina, de ferro, Hyoscyamina, Colchicina, Quassina, Jalapina, Iodados	136
ACROTISMO. —Arseniato de estrychnina, de ferro.—Digitalina.....	156

B

BLENNURIA (vid. Diatheses).—Sal Sedlitz, Benzoato de soda.....	115
----------------------------------------------------------------	-----

C

CHOLERA INDIANO. (<i>Febre choleric</i>).—Gelo, Hydro-ferro-cyanato de quinina, Aconitina, Veratrina	7
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---

<p>CONGESTÕES: Cerebraes, apoplecticas, oculares, oticas, pulmonares, car- diacas, hepaticas, esple- nicas, intestinaes, re- nal, uterina, nevrálgicas (v. Nevrálgias).</p>	}	<p><i>Arteriales</i>.—San- grias, sal de Sedlitz, Digi- talina, Aconi- tina</p> <p><i>Venosas</i>. — Aci- dos mineraes, Ferruginosos, Hydro-ferro- cyanato de qui- nina</p>	<p>35</p> <p>35</p>
<p>CYSTITE (vid. Inflammações). — Sal Sedlitz, Digitalina, Acido benzoico, Hyoscyamina, Aconitina, Veratrina, Hydro-ferro-cya- nato de quinina, Cicutina, Estrychnina..</p>			<p>96</p>
<p>CHLORO-ANEMICA (Diathese). — Arseniato de ferro, Acido phosphorico, Sulfato de estrychnina, Cyanureto de zinco</p>			<p>103</p>
<p>CHYLURIA (vid. Diatheses). — Sal Sedlitz, Quassina</p>			<p>114</p>
<p>CHOLURICA (vid. Diatheses). — Sal Sedlitz, Quassina, Estrychnina, Digitalina</p>			<p>115</p>
<p>CADMICA (Diathese). — Iodados, Tonicos . . .</p>			<p>127</p>
<p>CANCEROSA (Diathese). — Arseniato de so- da, Iodureto de Arsenico, Cicutina, Pro- to-iodureto de mercurio, Arseniato de Estrychnina</p>			<p>129</p>

D

DIATHESES: por causas internas.

<p>a. PLETHORICA (vid. Congestão). Saes de Sedlitz, Sanguesugas, Aconitina, Vera- trina</p>	<p>100</p>
<p>b. HEMORRHOIDARIA</p>	<p>101</p>
<p>c. CHLORO-ANEMICA.—Arseniato de ferro . . .</p>	<p>103</p>

<i>d.</i> TUBERCULOSA, ou PHTHISIOSE. — Arseniato, hydro-ferro-cyanato de quinina, Arseniato de cafeina, Iodoformio, Codeina, Quassina.....	109
<i>e.</i> ESCROFULOSA. — Xarope iodado, Arseniato de estrychnina, Arseniato de soda.	111
<i>f.</i> PAPEIRENTA. — Iodureto d'arsenico.....	111
<i>g.</i> URICA ou GOTTOSA. — Acido benzoico, Benzoato de soda, Sal de Sedlitz.....	112
<i>h.</i> RHEUMATISMAL. — Aconitina, Veratrina (estado agudo), Hydro-ferro-cyanato de quinina, Arseniato de quinina (estado chronico).....	112
<i>i.</i> GLYCOSURICA. — Regimen salino, Sal de Sedlitz, Arseniato de estrychnina, Arseniato de ferro, Camphora bromada, Hyoscyamina, Cicutina (excessos venereos, polluções nocturnas).....	113
<i>j.</i> UREMICA AGUDA. — Veratrina, Aconitina, Digitalina	119
<i>j'.</i> ALBUMINURICA. — Regimen salino, Arseniato de estrychnina, de ferro.....	114
<i>k.</i> CHYLURICA. — Saes de Sedlitz, Quassina, Arseniato de Estrychnina, de ferro	114
<i>l.</i> CHOLURICA. — Digitalina, Arseniato de ferro, Quassina	115
<i>m.</i> BLENNURICA. — Saes de Sedlitz, Benzoato de soda	115
<i>n.</i> ALCALINURICA. — Sal Sedlitz, Aguas mineraes alcalinas	116
<i>o.</i> ACIDURICA. — Sal Sedlitz, Regimen salino, Arseniato de estrychnina, Arseniato de soda.....	116
<i>p.</i> HEMAGLOBINURICA. — Arseniato de ferro, Arseniato de estrychnina.....	118
<i>q.</i> UREMICA CHRONICA. — Acido phosphorico,	

Arseniato de istrychnina, Hydro-ferro-cyanoato de quinina, Arseniato de ferro, Hyoscyamina (accidentes gastralgicos).....	119
r. HYDRURICA. — Arseniato de ferro, de istrychnina, de quinina	123
DIATHESES: por causas externas.	
a. SATURNINA. — Estrychnina, Hyoscyamina, Arseniato de ferro, Banhos Brémond sulphydricos	125
b. TUTHICA ou CADMICA. — Iodados, Tonicos	127
c. ARSENICAL. — Ferruginosos, Assucar Chanteaud.....	128
d. FERRUGINOSA. — Saes Sedlitz, Refrigerantes.....	128
e. PALUSTRE. — Arseniato de soda, Arseniato de istrychnina, Arseniato de ferro.....	128
f. DARTROSA. — (Herpetismo). — Iodados, Arseniados, Tonicos, sal Sedlitz	128
DUODENITE. — (vid. Inflammacões)	94
DEGENERAÇÃO. — (vid. Inflammacão).....	145

E

ENTERITES (vid. Inflammacões). — Tratamento antiphlogistico.....	94
ENTERODYNIA. — Hyoscyamina, Estrychnina, Sal Sedlitz.....	158
ESTOMATITE (vid. Innflammacões). — Sal Sedlitz, Quassina.....	78
ESPLENITE (vid. Inflammacões). — Arseniados, Estrychnina, Quassina, Sedlitz.....	92
ESPLENICA (Diathese) Arseniato de ferro, Arseniato de istrychnina, Sal Seclitz...	102
ESCROFULOSA (Diathese). — Regimen salino, Iodados, Arseniato de Estrychnina.....	111
ESTERNALGIA (vid. Nevralgias).....	58

F

FEBRE SEPTICEMICA. — Lavagem e pensos phenicados, Animação cirurgica, Quassina, Arseniato de estrychnina, Hydroferro-cyanato, Arseniato de quinina, Aconitina, Veratrina, Digitalina..... 31

FEBRE CARBUNCULOSA (Peste). — Sal Sedlitz, Bebidas aciduladas, Arseniato de estrychnina, Arseniato de quinina, Aconitina, Veratrina..... 18

FEBRE DIPHTERICA.

<p><i>a.</i> Rhinite mormosa.....</p> <p><i>b.</i> Estomatites exsudativas</p> <p><i>c.</i> Angina pseudo-membranosa.....</p> <p><i>d.</i> Croup.....</p> <p><i>e.</i> Coqueluche.....</p> <p><i>f.</i> Edema da glotte ou laryngite rabifica.....</p> <p><i>g.</i> Angina de peito.....</p>	}	<p>Emetico, Emetina, Sal Sedlitz, Sulfureto de calcio, Arseniato de estrychnina, Arseniato de quinina, Hydroferro-cyanato de quinina, Aconitina, Veratrina, Hyoscyamina.....</p>	19-27
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------

FEBRES ERUPTIVAS:

<p><i>a.</i> Variola.....</p> <p><i>b.</i> Escarlatina.....</p> <p><i>c.</i> Sarampo.....</p>	}	<p>Sal de Sedlitz, Arseniato de estrychnina, Aconitina, Veratrina, Digitalina, Arseniato, Hydroferro-cyanato de quinina...</p>	27-31
-----------------------------------------------------------------------------------------------	---	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------

FEBRES: ALGIDA, PERNICIOSA, INSIDIOSA.— Arseniato de quinina, Estrychnina, Vera- trina	5
FEBRE AMARELLA, ou VOMITO NEGRO.—Sal Sedlitz, Limonadas aciduladas, Arseniato de cafeina, Sulfato de estrychnina, Hyos- cyamina, Arseniato e Hydro-ferro-cyanato de quinina, Aconitina, Veratrina	14
FEBRE TYPHOIDE (Typho).—Sal Sedlitz e su- dorificas, Arseniato de estrychnina, Vera- trina, Cafeina, Aconitina, Digitalina, Ar- seniato, Hydro-ferro-cyanato de quinina. .	16

G

GASTRO-ENTERITE (vid. Inflammacões). — Tratamento antiphlogistico	92
GASTRITE. — Tratamento antiphlogistico. . .	92
GLYCOSURIA (vid. Diatheses). — Arseniato de estrychnina, de ferro, Camphora brô- mada, Sal Sedlitz	113
GASTRODYNIA.—Cicutina, Quassina, Estry- chnina, Sal Sedlitz	158

H

HEPATITE (vid. Inflammacões). — Hyoscy- amina, Arseniato de cafeina, Quassina, Sal Sedlitz	91
HEMORROIDAS (vid. Diatheses).	101
HEMAGLOBINURIA (vid. Diatheses). — Arse- niato de estrychnina de ferro	118
HYDRURIA (vid. Diatheses). — Arseniato de ferro de estrychnina	123
HYSTERIA. — Camphora bromada, Valeria- natos	134

HYPOCHONDRIA.—Sal Sedlitz, Podophyllino, Hyoscyamina, Arseniato de soda, de ferro 140

I

INFLAMMAÇÕES:

Meningites, Ophthalmias, Otites, Pituitite, Estomatites, Glossite, Anginas, Pleurite, Pneumonia, Peritonite, Hepatite, Esplenite, Gastrite, Enterite, Duodenite, Jejunitite, Ileite, Typhlites, Colites, Nephritis, Cystite, Metrite.	Saes neutros, Nervinos, Acido phosphorico, Sulfato de estrychnina, Aconitina, Hydro-ferro-cyanato de quinina, Arseniato de quinina, Arseniato de ferro	72
ILEITE (vid. Inflammacões).—Tratamento..		94
IODICA (Diatheses).—Tonicos		127
INFLAMMAÇÕES. —Estrychnina, Veratrina, Aconitina, Digitalina, Arseniato de ferro		63
ICTERICIA (Organopathica).—Arseniao de cafeina, Hyoscyamina		159

J

JEJUNITE (vid. Inflammacões).—Tratamento 94

III

METRITE (vid. Inflammacões). — Cicutina, Hyoscyamina, Ergotina, Hydro-ferro-cyanato de quinina		97
MERCURIAL (Diatheses). — Iodados, Banhos de vapor iodados, Tonicos		126

N

NEPHRITE (vid. Inflammacões).—Hyoscyamina, Digitalina, Acido benzoico, de soda, Hydro-ferro-cyanato de quinina..... 96

NEURALGIAS :

Intra-craneeanas, Hemicrania, Intra-rachidiana, Tetano, intra e extra-orbitarias, nasaes, oticas, dentarias, epicraneana e facial, abdominaes, uterinas, cysto-prostatica.	}	Aconitina, Hydro-ferro-cyanato de quinina, Cafeina, Arseniato de ferro, Acido benzoico e benzoatos, Arseniato de estrychnina, Hyoscyamina, Morphina, chloral.....	49
NEVROSES. — Hysteria, Asthma.....			134

O

OBESICA (Diathese)..... 103
 ORGANOPATHIAS 143

P

PLETHORA (vid. Diatheses)..... 100
 PAPEIRA (vid. Diatheses).—Iodureto d'arsenico, Regimen salino..... 111
 PHTHISIOSE (vid. Diatheses). — Regimen salino, Arseniato, Hydro-ferro-cyanato de quinina, Arseniato de cafeina, Quassina.. 109
 PALUSTRE (Diathese). — Arseniato de soda, de estrychnina, de quinina..... 128

PARACENTESE (thoracica)	153
PHRENOPATHIAS.—Atropina, Digitalina, Arseniatis	141

R

RHEUMATISMAL (Diathese).—Aconitina, Veratrina, Quinina (Hydro-ferro-cyanato, Arseniato), Alcalinos, Sedlitz.....	112
RECTITE (vid. Inflammacões).—Tratamento	96

S

SYMPTOMATOLOGIA ou ACCIDENTES MORBIDOS. — Prosopoanesthesia. — Prosoplegia. — Prosodyspnea.—Ataxopnea.—Tosse.—Dyspneas	150
SATURNINA (Diathese).—Hyoscyamina, Estrychnina, Arseniato de ferro, Banhos sulphydricos, Sal Sedlitz.....	125

T

TYPHLITE (vid. Inflammacões)	95
— Cicutina, Morphina	95
THERMOMETRIA (Medica).—Leis de Wunderlich	161

U

URICA (Diathese).—Carbonato, Benzoato de soda, Digitalina, Colchicina, Hydro-ferro-cyanato de quinina	112
UREMIA (vid. Diatheses).—Veratrina, Acido phosphorico, Sulfato de estrychnina, Hydro-ferro-cyanato de quinina, Arseniato de ferro, Digitalina, Hyoscyamina, Sal de Sedlitz	119

CONSULTORIO DOSIMETRICO

DO MEDICO

OLIVEIRA CASTRO

(Dedicando-se ás molestias internas em geral, e com especialidade
ás dos infantes)



93 - RUA DO LARANJAL - 93

PORTO



CONSULTAS TODOS OS DIAS

DESDE AS 9 HORAS DA MANHÃ ATÉ Á 1 HORA DA TARDE

DOCUMENTOS

**Que os Snrs. Charles Chanteaud & C.^a
dirigiram a Henrique José Pinto & C.^a**

Nous, soussignés, Charles Chanteaud et C.^{ie}, pharmaciens, 54, rue des Francs Bourgeois.

Declarons, que Messieurs Henrique José Pinto et C.^{ie}, pharmaciens, 36, Lovos, à Porto, sont nos seuls et uniques dépositaire de nos Médicaments Dosimétriques pour le Portugal; Deplus, nous nous engageons à n'envoyer directement nos produits qu'à leur honorable maison.

Si nous avons expédié directement à la C.^{ie} Pharmaceutique Portugaise, cela a eu lieu pendant l'absence de M.^r Ch. Chanteaud, alors en voyage avec M.^r le Professeur Burggraëve, en Espagne et en Portugal.

La C.^{ie} Portugaise n'a qu'à publier notre lettre du 23 Mai courant, et elle verra bien que, si nous lui avons expédié quelques produits, c'est que nous n'étions pas encore informés de l'entrevu de n/s Chanteaud avec M.^r Pinto, à Porto.

Aucune maison, autre que celle de Mesrs. Henrique José Pinto et C.^{ie}, n'a reçu l'autorisation de prendre le titre de depositeur de nos médicaments dosimétriques.

Paris, 28 Mai 1877.

CH. CHANTEAUD ET C.^{ie}.

Vu pour certification *materielle* de la Signature Chanteaud et C.^{ie} apposé d'outre part.

Paris, 29 Mai 1877.

Le Commissaire de Police, *Juellet*.

GAND, 30 MAI 1877.

**A M. Pinto, pharmacien à Oporto
(Portugal) (1)**

Mon cher Pinto,

J'apprends qu'une polémique s'est engagée dans votre pays au sujet des médicaments dosimétriques. Je déclare ne reconnaître comme tels que ceux fabriqués par M. Ch. Chanteaud, les seuls sur lesquels je puis exercer mon contrôle, et dont vous avez le dépôt général em Portugal.

Je vous prie de bien vouloir faire paraître cette déclaration dans tous vos journaux.

D.^r BURGGRAEVE,
auteur de la méthode dosimétrique.

(Esta carta acha-se publicada no *Repertorio de Therapeutica Dosimetrica*, de 15 de Junho de 1877.)

Para garantia da legitimidade dos MEDICAMENTOS DOSIMETRICOS e Sedlitz Chanteaud etc. exija-se sempre nos tubos o rotulo da nossa pharmacia, unica depositaria e fornecedora n'este paiz, sem o que se não toma a responsabilidade que requerem productos de tamanha importancia.

(1) On voit que la dosimétrie est entrée dans la voie de la polémique et de la contrefaçon. Ce sera sous peu à qui débitera ces médicaments tant dédaignés.

As obras do professor Burggraeve publicadas sobre o novo methodo dosimetrico são:

- 1.º Manual de therapeutica dosimetrica, ou exposição do methodo e dos diversos casos de applicações.
- 2.º Manual de pharmacodynamia dosimetrica, ou o modo de acção dos medicamentos dosimetricos.
- 3.º Manual de symptomatologia dosimetrica, ou appropriação dos medicamentos dosimetricos aos diversos symptomatas.
- 4.º Manual das doenças das creanças, e seu tratamento dosimetrico.
- 5.º Manual das doenças das mulheres, e seu tratamento dosimetrico.
- 6.º Manual das despepsias, e seu tratamento dosimetrico.
- 7.º Manual da febre.

Preço de cada um d'estes livros — 500 réis.

Estão em via de publicação :

- 8.º Manual das doenças nervosas.
- 9.º Manual das constituições medicas, e dos meios preventivos dosimetricos.
- 10.º Manual das doenças organicas, e seu tratamento dosimetrico.
- 11.º Manual das doenças genito-urinarias, e seu tratamento dosimetrico.

Obras recentemente publicadas e já em nosso poder :

No mar, com conselhos para a saúde, 2.^a edição — Preço 500 réis.

A longevidade humana, e meios praticos de a conseguir, 3.^a edição — Preço 500 réis.

Tambem ha outras obras do distincto professor, anteriormente publicadas.

Tanto os medicamentos dosimetricos, como as obras referidas, podem ser remettidos pelo correio a quem enviar a sua importancia em vale, estampilhas, ou uma ordem sobre o Porto a favor de Henrique José Pinto & C.^a

PRODUCTOS ESPECIALES DA PHARMACIA

DE

H. J. PINTO & C.^a

LARGO DOS LOYOS, 36 — PORTO

XAROPE CALMANTE

DE CODEINA COMPOSTO — PINTO

Este novo medicamento, pelas suas propriedades sedantes, é applicado de preferencia a todas as preparações para curar os padecimentos tossicolosos, como coqueluches, tosses asthmaticas e convulsivas, bronchites, dôres de peito, escarros sanguineos; tornando-se um anodyno importante nas affecções pulmonares incipientes.

Xarope e pastilhas expectorantes

Usadas com optimo resultado nas doenças das vias respiratorias especialmente nas tosses asthmaticas e nervosas, expectorações difficeis, coqueluches, suffocação, defluxo, etc.

Xarope hypenotico de chloral

PREPARADO SEGUNDO A FORMULA DE CHAMUIM

Este novo medicamento tem a propriedade de determinar um somno muito tranquillo nos doentes fatigados por longas insomnias, mitiga as dôres mais vio-

lentas nas affecções do systema nervoso, muito melhor que o opio e sem os seus inconvenientes. E' tambem recommendado na collica nephritica, extracção de dentes, chorêa, tétano, partos laboriosos, eclampsia puérpal, combustões extensas, accesso agudo de gotha e em outros muitos casos em que os clinicos, por analogia tem reconhecido a sua efficacia.

Xarope anti-syphilitico de deuto iodureto iodurado de Gibert

Usado com excellento resultado na syphilis terciaria e effeitos do mercurio, bem como no rheumatismo, erupções, cutaneas, impingens, sarna, etc.

Xarope anti-rheumatico

PREPARADO SEGUNDO A FORMULA DE RICORD

Optimo para a gotha e rheumatismo.

Unguento do Cunha, ou pomada anti-rheumatica

A experiencia de milhares de curas tem mostrado ser este remedio, de todos os conhecidos, o mais efficaz para a cura do rheumatismo, nos seus differentes periodos, resfriamentos, dôres syphiliticas, etc.

PASTILHAS ESPECIAES contra vermes intestinaes.

CHOCOLATES MEDICINAES E NUTRITIVOS de ferro, oleo de figado de bacalhau, familia, baunilha, Arrow-root, sagú, salepo, guaraná, helecina, musgo islandico com e sem amargo, etc.

POMADA ANTI-ALLOPETHICA, muito proveitosa contra as molestias da pelle, e para curar feridas antigas e recentes.

LINIMENTO DE BOUBÉE e outros, etc., empregado contra a gotta e rheumatismo.

Na mesma pharmacia ha grande deposito de todos os medicamentos usados, nacionaes e estrangeiros—da França, Inglaterra, Allemanha e America, etc.; grande collecção d'aguas mineraes, naturaes, de diversos paizes, productos chimicos, photographicos, perfumarias diversas, variedade de aparelhos e instrumentos de medicina, ferros cirurgicos soltos e em carteiras para as diversas operações. O maior deposito em Portugal de fundas de varias fórmas, materia e qualidade, para ambos os sexos em todas as idades. Machinas e escovas electricas, algalias e vellinhas diversas, urinoes, pessarios, escudos, cintos elasticos, etc., etc. Tambem se mandam vir do estrangeiro quaesquer productos ou aparelhos d'applicações medicas e sciencias correlativas, mediante uma modica commissão, e successivamente se recebem do estrangeiro todos os productos que a sciencia vai descobrindo, para o que se acham sempre prevenidos os nossos correspondentes. As vendas por junto tem desconto ao menor preço do Porto.

SEDLITZ CHANTEAUD

DESHYDRATADO E EFFERVESCENTE, PURGANTE, E TEMPERANTE

Esta preparação serve para manter a frescura do sangue, evitar as enfermidades inflammatorias e para combater a constipação do ventre; seu uso hygienico não exige alteração alguma no regime.

Este sal toma-se de manhã em jejum em agua, chá ou café. A dóze laxativa é d'uma colher das de chá; e a dóze purgativa é d'uma colher das de sopa. Veja-se o repertorio de therapeutica dosimetrica, ácerca d'este e d'outros preparados, do mesmo author, que tambem temos em deposito.



SEDLITZ CHANTEAUD



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329677922

